



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



**Julice Vieira de Jesus**

***CADERNOS NEGROS EM CENA:***

**PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS EM DIÁLOGO COM A DIVERSIDADE  
ETNICORRACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Santo Antônio de Jesus – BA

2016

**Julice Vieira de Jesus**

***CADERNOS NEGROS EM CENA:***

PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS EM DIÁLOGO COM A DIVERSIDADE  
ETNICORRACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva

Santo Antônio de Jesus – BA

2016

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Jesus, Julice Vieira de

*Cadernos Negros em cena: Produção de narrativas escritas em diálogo com a diversidade etnicorracial no ensino fundamental II / Julice Vieira de Jesus.* – Santo Antonio de Jesus, 2016.

143 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosemere Ferreira da Silva

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. *Campus V*. 2016.

Contém referências e anexos.

1. Letramento. 2. Literatura Afro-Brasileira - educação. 3. Produção textual. I. Silva, Rosemere Ferreira da Silva. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 372

**Julice Vieira de Jesus**

**CADERNOS NEGROS EM CENA:**

PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS EM DIÁLOGO COM A DIVERSIDADE  
ETNICORRACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, da Universidade do Estado da Bahia para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Santo Antônio de Jesus, 17 de novembro de 2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva  
Universidade do Estado da Bahia (PROFLETRAS-UNEB)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira  
Universidade Federal de Alagoas (PROFLETRAS- UFAL)  
Examinadora Externa

---

Profa. Dra. Priscila Peixinho Fiorindo  
Universidade do Estado da Bahia (PROFLETRAS-UNEB)  
Examinadora Interna

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me amparar nos momentos difíceis.

Ao meu filho Rafael pela colaboração, paciência e incentivo.

Aos meus pais pelo convívio, exemplo e ensinamentos.

A minha orientadora Professora Doutora Rosemere Ferreira da Silva, por acreditar em mim e no sucesso da proposta de intervenção aplicada, além de contribuir para meu futuro, sendo exemplo de profissional e mostrando sempre o melhor caminho.

Às Professoras Doutoras Lígia dos Santos Ferreira, Priscila Peixinho Fiorindo e ao Professor Doutor João Evangelista do Nascimento Neto, pelas importantes contribuições no Exame de Qualificação.

Aos professores do PROFLETRAS pelo aprendizado.

Às amigas do PROFLETRAS, Cláudia dos Santos Gomes, Cléria Santana de Souza, Milena Paixão da Silva e Tatiane Ribeiro de Souza, que estiveram ao meu lado nos momentos de dúvidas, angústias, alegrias, descobertas e conquistas.

A todos os colegas do mestrado pelo carinho e apoio.

Aos familiares e amigos que de alguma maneira me incentivaram nessa trajetória.

Pelo apoio da CAPES que me deu suporte financeiro para realização desta pesquisa.

Escrever é, por fim, uma série de permissões que damos a nós mesmos para sermos expressivos de determinadas maneiras. Para inventar. Para saltar. Para voar. Para cair. Para encontrar nossa maneira própria de narrar e de persistir: ou seja, de descobrir nossa própria liberdade interior.

Susan Sontag

## RESUMO

A capacidade de produzir textos escritos é fundamental para o bom desempenho dos educandos. Quando escrevem, eles desenvolvem uma série de habilidades, selecionam e organizam informações numa nova linguagem. Habilidades que são primordiais para o desenvolvimento e superação dos seus limites intelectuais. No entanto, os educandos da escola onde trabalho, em sua maior parte, foram alijados das atividades de produção de texto, as quais são pouco desenvolvidas em sala de aula atualmente. Sendo assim, a pesquisa objetivou desenvolver atividades diferenciadas tais como: dramatização, utilização das novas tecnologias, especialmente a utilização do celular para gravação de relatos orais, pesquisa em *sites* indicados na internet, bem como a audição de músicas, brincadeiras de roda, produção de frases, confecção de painéis, finalização de histórias, produção de títulos para as histórias, produção de narrativas e paródias, afim de estimular a produção escrita dos educandos. O projeto de intervenção planejado na escola buscou tornar exequível o desenvolvimento destas habilidades e, no decorrer da aplicação, observou-se que os educandos, em geral, não escrevem porque não possuem domínio sobre o assunto que devem abordar em seus textos, o que revela ausência de leitura e discussão, principalmente. Desse modo, pensando em incentivar a leitura e conceder material de qualidade para produção de textos que se aproximem da realidade desses sujeitos - negros, pobres e moradores da periferia -, propôs-se uma intervenção, através da leitura e desenvolvimento de atividades com contos selecionados dos **Cadernos Negros**, volume 18, com o propósito de promover discussões acerca de questões etnicorraciais, há muito negligenciadas no contexto educacional, cumprindo assim requisitos da Lei 10.639/03, que promove o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio no país. O trabalho aqui apresentado dialoga com pesquisadores que discutem sobre questões etnicorraciais como, por exemplo, Cuti, 2010 e Nilma Lino Gomes, 2008 e abarca ainda as reflexões de Luiz Antônio Marcuschi, 2008, no que concerne a análise das produções textuais dos educandos e endossa a literatura em seu aspecto humanístico, conforme Antonio Candido, 2004, pontua. Além de inserir a abordagem de Paulo Freire, 1996, que questiona acerca da pedagogia política que envolve os estudantes na atualidade.

**Palavras-chave:** Letramento literário. Produção textual. **Cadernos Negros**.

## ABSTRACT

The ability to produce written texts is fundamental for the good performance of learners. As they write, they develop a range of skills, select and organize information in a new language. Skills that are primordial for the development and overcoming of their intellectual limits. However, the students in the school where I work, for the most part, have been left out of text-producing activities, which are poorly developed in the classroom today. Thus, the research aimed to develop differentiated activities such as: dramatization, use of new technologies, especially the use of mobile phones for recording oral reports, research on websites indicated on the Internet, as well as listening to songs, wheel games, Phrases, panel making, story-telling, story-telling, production of narratives and parodies, in order to stimulate the students' written production. The intervention project planned at the school sought to make the development of these skills feasible and, in the course of the application, it was observed that the learners, in general, do not write because they do not have mastery over the subject that they must address in their texts, which reveals Absence of reading and discussion, mainly. In this way, thinking of encouraging reading and granting quality material for the production of texts that approach the reality of these subjects - blacks, poor and residents of the periphery -, an intervention was proposed, through the reading and development of activities with selected short stories Of the *Cadernos Negros*, volume 18, with the purpose of promoting discussions about ethno-racial issues, long neglected in the educational context, thus fulfilling requirements of Law 10.639 / 03, which promotes the teaching of African and Afro-Brazilian History and Culture in schools of Primary and secondary education in the country. The work presented here dialogues with researchers who discuss ethno-racial issues, such as Cuti and Nilma Lino Gomes, and also includes the reflections of Luiz Antônio Marcuschi, regarding the analysis of the textual productions of the students and endorses the literature in its humanistic aspect, as Antonio Candido points out. Besides inserting the approach of Paulo Freire that questions about the political pedagogy that involves the students in the actuality.

**Keywords:** Literary literacy. Text production. **Cadernos Negros.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografias da escola.....	39
Figura 4 - Vontade de conhecer melhor a Literatura Afro-brasileira.....	56
Figura 5 - Gosto pela escrita .....	57
Figura 6 - Produção de painéis pelos educandos .....	58
Figura 7 - Leitura do poema “Um sol guerreiro” através de imagens- grupo 2.....	58
Figura 8 - Texto para dramatização .....	60
Figura 9 - Narrativa inicial da educanda Larissa dos Santos, 14 anos.....	61
Figura 10 - Favela Buracão.....	63
Figura 11 - Ensaio da dramatização: Conceição Evaristo .....	65
Figura 12 - Exibição da cena fílmica Cidade de Deus.....	66
Figura 13 - Membro da comunidade convidado .....	67
Figura 14 - Questionamentos de 9 educandos.....	69
Figura 15 - Continuação dos questionamento dos educandos.....	70
Figura 16 - Produção textual da educanda Fernanda de Jesus, 13 anos .....	71
Figura 17 - Imagem de brincadeiras de roda .....	72
Figura 18 - Produção textual do educando Pedro Lucas Vieira, 14 anos.....	73
Figura 19 - Produção textual do educando Lucas do Nascimento, 13 anos. ....	74
Figura 20 - Paródia produzida com a música “Aquarela” .....	75
Figura 21 - Produção dos livrinhos de contos .....	77
Figura 22 - Capa de livro produzido- grupo 3.....	78
Figura 23 - Orador da turma.....	78
Figura 24 - Visitação dos pais .....	79
Figura 25 - Produção textual sobre Trabalho infantil.....	83
Figura 26 - Maior conto produzido.....	84
Figura 27 - Chacina da Candelária 1993.....	89
Figura 28 - Produção textual do educando Carlos Eduardo Nascimento, 15 anos ...	92
Figura 29 - Continuação do Texto do educando Carlos Eduardo Nascimento.....	93
Figura 30 - Continuação do Texto do educando Carlos Eduardo Nascimento.....	94

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1	Caminho traçado e percorrido.....	12
<b>2</b>	<b>VOZES NEGRAS: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
2.1	A Lei 10.639/2003 - Provocações e realizações .....	18
2.2	Literatura Afro-brasileira ganha a sala de aula .....	22
2.3	Quem conta um conto, o reescreve? .....	24
2.4	Cadernos Negros - A leitura e a escrita .....	27
<b>3</b>	<b>REINVENTANDO A ESCRITA ESCOLAR .....</b>	<b>34</b>
3.1	O desafio de escrever.....	34
3.2	Contextualizando o espaço escolar .....	38
3.3	A intervenção - Por que e para quê?.....	39
3.4	A escrita que encanta.....	40
3.5	Contribuições e resultados.....	51
<b>4</b>	<b>PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....</b>	<b>53</b>
4.1	A voz do educando - Perfil de experiência de leitura com o texto literário .....	53
4.2	Conhecendo a literatura Afro-brasileira por meio dos contos e produção de narrativas .....	62
4.3	Momentos lúdicos de leitura e produção .....	71
4.4	Resultados e avanços apresentados pelos educandos.....	76
<b>5</b>	<b>TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR E DA PRÁTICA DOCENTE .....</b>	<b>81</b>
5.1	A pesquisa e a ação para mudar a realidade .....	81
5.2	Leitura literária ganhando espaço no cotidiano escolar .....	83
5.3	O conhecimento prático alcançado .....	92
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
	<b>APÊNDICE A – PERFIL DE EXPERIÊNCIA DE LEITURA .....</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICE B – PLANOS DE AULA.....</b>	<b>106</b>
	<b>ANEXO A – POEMA <i>UM SOL GUERREIRO</i>, DE CELINHA.....</b>	<b>112</b>
	<b>ANEXO B – CONTO <i>ANA DAVENGA</i>, DE CONCEIÇÃO EVARISTO .....</b>	<b>113</b>

<b>ANEXO C – CONTO <i>SAÍDA</i>, DE CUTI .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO D – CONTO <i>OPERAÇÃO CANDELÁRIA</i>, DE LIA VIEIRA.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO E – MÚSICA <i>HOMEM NA ESTRADA</i>, DE MANO BROWN.....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO F – NOTÍCIA <i>CHACINA DE CABULA EM SALVADOR</i> .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO G – MÚSICA <i>AQUARELA</i>, DE TOQUINHO.....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO H – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>140</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Caminho traçado e percorrido

Ser professora de escola pública no Brasil é um desafio constante, a necessidade de estudar, atualizar o conhecimento, rever as práticas e rotinas, quando necessário, deve ser uma atitude permanente, diante das demandas diárias que enfrentamos para manutenção de um ensino de qualidade. Um professor que se empenha em seus estudos e pesquisas e faz o melhor que pode enquanto atua, conquista um reconhecimento muito grande por parte da sociedade e dos educandos, pois além de construir o conhecimento, tem a oportunidade de transmitir bons ensinamentos, contribuindo para que eles sejam cidadãos de bem e isto é muito prazeroso, pois ele aprende muito enquanto ensina.

O reconhecimento de uma professora competente nem sempre é imediato, mas ao longo da carreira, ela acaba colhendo frutos que fazem com que a profissão, mesmo em meio a tantos problemas, valha à pena. Este para mim é o lado bom de ensinar, que é ver o desenvolvimento de educandos, a sua evolução durante o tempo em que estiveram comigo e o resultado disso a longo prazo, quando encontro com eles e pergunto sobre suas profissões, seus estudos e seus projetos futuros. Ao escolher esta carreira, fiquei atenta aos benefícios que ela traz, mas foi fundamental que eu tivesse paixão pela função, afinal, ficar anos e anos dentro de uma sala de aula não é tarefa fácil. Uma professora precisa gostar muito de ensinar e assumir o compromisso por esta escolha.

Lembro que pensava em ser professora desde criança, minha relação com a escola surgiu bem antes que eu tivesse idade para frequentar um ambiente escolar. Sou filha de professora e já vivia em meio a livros, cadernos, metodologias de ensino e planejamentos, mesmo quando ainda não compreendia o significado da educação. Queria sempre acompanhar minha mãe e ir junto com ela para escola com uma enorme expectativa de logo poder estudar.

Sempre estudei em escola particular e meus primeiros momentos escolares foram na Escola Pequenópolis, uma escola de pequeno porte na Graça, bairro nobre de Salvador, onde minha mãe ensinava. Lembro que em quase todas as turmas por onde passei no ensino fundamental, era a única aluna negra e pobre - só podia estudar

nestas escolas porque minha mãe tinha direito a bolsa de estudos. Recordo, também, que passei por alguns episódios de discriminação racial e alguns desentendimentos com os colegas que me discriminavam. Eu reagia ao racismo, porém ainda não compreendia que estava sendo discriminada por razão de minha cor e condição social. Recordo-me que às vezes sentia timidez em ambientes onde a quantidade de não negros era maior que a de negros, o que deve ter sido reflexo desses episódios de racismo sofridos.

Meus primeiros momentos no Fundamental II foram mais aprazíveis e sempre me remeto a uma excelente professora de Língua Portuguesa, que era negra, e fazia eu me sentir mais à vontade nas aulas. Ela sempre me pedia para ler um texto do livro didático e eu me sentia valorizada por isso. Para os outros professores, eu continuava sendo invisível.

Minha relação com a Literatura começou neste período, quando a professora trazia trechos de livros para sala de aula, lia-os para classe e nos deixava curiosos sobre o restante dos textos. Saíamos em busca do livro na biblioteca e embora naquela época os professores lessem apenas os clássicos, não estimulando a expansão da nossa experiência literária, este foi um momento importante para mim, pois desenvolvi o gosto pela leitura e pela literatura.

Escolhi, pois, fazer Letras Vernáculas e fui aprovada na Universidade Federal da Bahia. Lá, me apaixonei pelas disciplinas de Literatura, porém não me atraía muito a maneira como eram abordadas. Desarticuladas do restante do curso, não dialogavam com as outras disciplinas de caráter mais pedagógico. A fragmentação curricular era um problema apontado constantemente pelos docentes e isto dificultou a minha prática em sala de aula, pois apenas reproduzi este equívoco durante alguns anos, até conhecer a “pedagogia de projetos”<sup>1</sup>, que visava uma ruptura com esse modelo fragmentado de educação. Este método de projetos e suas propostas pedagógicas mudaram, assim, minha maneira de planejar as aulas e passei a trabalhar numa perspectiva de construção do conhecimento pelos educandos, mais do que a simples transmissão dele.

---

<sup>1</sup> A pedagogia de projetos, de Dewey e Kilpatrick e disseminada no Brasil por Anísio Teixeira e Lourenço Filho, principalmente, surgiu da necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo ensino-aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de cada Projeto de Trabalho.

Ingressei, posteriormente, na rede pública de ensino, em 2000. Recordo-me que os educandos que encontrei possuíam um nível de aprendizado muito melhor em Língua Portuguesa, com potencial de avanço significativo para outros níveis e, em sua maioria, adequados na relação idade-série. Os professores, neste período, já trabalhavam com a pedagogia de projetos, porém de maneira muito acanhada, e era novidade para maioria deles. Os outros docentes, assim como eu, eram recém-chegados do meio acadêmico, muitos ainda cursando pós-graduação e com vontade de promover mudanças significativas para educação.

As dificuldades que encontramos, reflexo de um sistema que não valoriza e não prioriza a educação, nos fez reconhecer que as mudanças deveriam partir de nós, professores. Nossa atuação em sala de aula é que deveria dar suporte ao educando e ajudar a minimizar o impacto causado por estas dificuldades. Procurando alternativas para melhores condições de aprendizagem em sala de aula, passamos a avaliar com mais frequência e a questionar mais reiteradamente nossos métodos de ensino, na tentativa, assim, de diminuir os equívocos, procurando contribuir mais diligentemente para o sucesso dos educandos.

Em sala de aula, procuro avaliar cotidianamente o desempenho deles, perceber suas carências e, ao mesmo tempo, suas potencialidades, buscando, com isso, minorar as dificuldades. Percebo que a simples conversa, o interesse pelas suas trajetórias de vida, na tentativa de adequar as atividades aos seus anseios e necessidades reais de aprendizado, ajudam bastante. Não adianta trazer para sala de aula textos que fogem completamente de sua realidade sócio-histórica e cultural; a literatura, outrossim, deve ser um meio para fazê-los compreender suas realidades e buscar, dentro dela, a superação de seus aspectos redutores e negativos.

Além do exposto, como professora de Língua Portuguesa, sempre me inquietou a ausência do trabalho com texto literário na escola onde ensino. Os professores do ensino fundamental costumam reproduzir a prática de deixar esta tarefa para os professores do ensino médio e a ausência do texto literário em sala de aula prejudica, e muito, o desempenho dos educandos, não só no meio escolar, mas, também, é um tipo de deficiência que eles poderão levar vida afora.

Sabemos que por meio da literatura, o educando tem a oportunidade de satisfazer suas necessidades, e, que, através dela, também lhe será permitido assumir uma atitude autenticamente crítica em relação ao mundo em que vive, advinda das diferentes mensagens transmitidas e ensejando a oportunidade dos

questionamentos que a literatura oferece. Procuo, pois, mostrar, através do meu trabalho com a literatura, o quanto o texto literário é imprescindível, e o quão eles precisam conviver com os livros, fazendo com que a literatura passe a ser difundida com mais intensidade em minha escola.

Foi neste contexto, de busca por um ensino de melhor qualidade, que surgiu a oportunidade do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, cuja proposta corrobora as minhas expectativas de mudanças na escola onde atuo. Os problemas apresentados, todos eles, estão de acordo com os relatos dos professores envolvidos com a educação, e são contumazes na rede pública, de maneira geral.

O multiletramento, o declínio das taxas de evasão e o aumento da qualidade do ensino são objetivos do PROFLETRAS, que traduzem, com isso, justamente os problemas enfrentados na escola. A busca pela superação destes entraves contribuirá para o aprendizado dos professores de Língua Portuguesa, na elaboração de materiais didáticos e propostas inovadoras para os educandos.

Pensando exatamente na proposição de um ensino inovador para estes educandos, cujos objetivos principais são melhorar o desempenho na produção de textos pelos atores do projeto e, além disso, oportunizar discussões sobre a temática etnicorracial, que lancei mão de uma proposta de produção de narrativas escritas, em diálogos, com a diversidade etnicorracial, cujos resultados são apresentados nesta dissertação.

Na seção 2, foi analisada a importância da Lei 10.639/2003 e da Lei 11.645/2008, apresentada a ineficácia do trabalho com a temática etnicorracial na educação atualmente, discutida a relevância deste trabalho para a formação dos educandos e, além disso, propiciada uma abordagem política dos Movimentos Negros ao longo dos anos, em busca de uma educação de qualidade no país.

A seção 3 traz o detalhamento do projeto da proposta de intervenção pedagógica de trabalhar com os contos dos **Cadernos Negros** para produção de narrativas escritas, com educandos do ensino fundamental do 9º ano. A proposta na íntegra visa atender aos objetivos do Mestrado Profissional em Letras, mas, sobretudo, aos anseios da professora pesquisadora. A escolha da obra, **Cadernos Negros**, se deu pelo conteúdo dos textos apresentados, que permite debates sobre uma diversidade significativa de temas, inclusive sobre violência, um tema recorrente para a realidade social dos educandos da escola onde a proposta ganhou contornos.

Na seção 4, exponho o relato de aplicação da proposta de intervenção, trabalhada durante um trimestre na escola onde atuo, objetivando enfrentar o problema da pouca produção escrita dos educandos. A proposta valeu-se de estratégias, as mais diferenciadas possíveis, para atrair a atenção dos sujeitos envolvidos no processo, tentando torná-los melhores leitores e conseqüentemente, melhores produtores do texto escrito.

Na seção 5 e última, apresento os resultados da proposta de intervenção pedagógica realizada na referida escola e discuto os resultados obtidos a partir da aplicação, considerando o contexto em que as práticas escolares ocorreram e o perfil dos educandos envolvidos. As análises levam em consideração, principalmente, o nível de envolvimento dos sujeitos e a frequência e qualidades dadas às respostas, de todas as etapas planejadas na sequência estabelecida no projeto de trabalho, pelos participantes.

Dessa forma, o trabalho pretendeu despertar no educando a importância do gosto pela produção escrita de narrativas, com ênfase na prática da oralidade, em que ele é o agente fundamental do ato de narrar. Através do contato com o texto literário afro-brasileiro, o educando pôde perceber que uma leitura significativa e com objetivos múltiplos de criar questionamentos sobre atitudes e comportamentos, tem um poder transformador. Sem dúvida, os textos dos **Cadernos Negros** criaram possibilidades de levar os educandos ao protagonismo de suas histórias, trazendo à tona a discussão sobre a compreensão do humano e de seus conflitos no cotidiano e questionando com muita força todos os estereótipos criados em torno da existência negra.

A escola precisa ensinar aos educandos que os lugares são pré-determinados quando sociedades racistas e excludentes inviabilizam que pessoas lutem contra o estigma da raça, assumindo sua voz. As vozes negras, ao longo da história foram silenciadas pelo racismo e abafadas em função da branquitude, as pessoas brancas falam livremente sobre racismo, pessoas negras não, é importante que o indivíduo negro passe a ter voz e representatividade. O primeiro passo pode ser dado pela escola, através da inserção frequente da Literatura Afro-brasileira nas atividades pedagógicas.

## 2 VOZES NEGRAS: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO

Ao longo da história da educação no Brasil, alguns grupos étnicos formadores da população brasileira, como o negro e o índio, dificilmente tiveram lugar nas atividades escolares ou em outros espaços educacionais. Por esta razão, fêz-se necessária a criação da Lei 10.639/2003, em substituição a lei 9394/1996, de Diretrizes e Bases, a qual ao instituir a obrigatoriedade do tema: o ensino da História e Cultura afro-Brasileira, que enriquece e suscita reflexões sobre a cultura negra e o negro na formação da sociedade nacional, posteriormente, a Lei 11.645/2008, que modifica a primeira, incluindo em seu texto, a obrigatoriedade do estudo da cultura indígena nas escolas públicas e particulares do Brasil.

A institucionalização da Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003, impôs um desafio aos professores brasileiros e, ao mesmo tempo, legitimou as reivindicações dos grupos do movimento negro que lutaram e lutam por melhores condições de acesso à escola e um ensino público de qualidade para educandos negros. A partir da efetivação desta Lei, criou-se uma relevante necessidade de produção de material didático específico nas escolas, principalmente para os professores de literatura, história e artes, porém, ainda se questiona de que forma a Literatura Afro-brasileira é discutida e analisada em sala de aula atualmente.

Sabe-se que pela história da nação brasileira, vivenciou-se por um longo tempo, a ausência de uma política educacional voltada à valorização histórica, cultural e de identidade afrodescendente. Segundo Cuti(2010), a literatura é um forte antídoto contra o racismo, denominado pelo autor de racismo estrutural:

[...] o conjunto de iniciativas de resistência e de produção cultural e de ação política explícita de combate ao racismo que se manifesta por via de uma multiplicidade de organização em diferentes instâncias de atuação, com diferentes linguagens, por via de uma multiplicidade de organização espalhadas pelo país. Trata-se de um mosaico que tenta sustentar sua identidade no propósito comum de posicionar-se contra o racismo. (CUTI, 2010, p. 37).

Esta realidade é marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes, que, historicamente, enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades para o acesso a uma educação digna. É papel da escola, de forma democrática e comprometida, estimular a formação de valores e

comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias.

De acordo com Cuti (2010), a literatura é um caminho contra o racismo nela entranhado. O autor diz que a literatura é alimento para o imaginário das pessoas, que se move o tempo todo, recebendo, produzindo e reproduzindo ideias, palavras, frases, imagens sobre o que se é como pessoa e povo. O estudioso ainda lembra de autores nacionais como Cruz e Souza e Lima Barreto que foram considerados solitários, em especial no empenho de suas afirmações raciais ou críticas ao racismo.

O desconhecimento e a não inserção de obras literárias com esta temática no currículo é totalmente perceptível e demonstra que a contaminação pelo racismo, sofrida pela educação, dificulta muito a implantação da Lei 10.639/2003 na rede pública de ensino.

## **2.1 A Lei 10.639/2003 - Provocações e realizações**

A Lei 10.639/2003 estabelece as diretrizes para inclusão da História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, tem especial importância para a divulgação/valorização do legado cultural africano, recebido desde o século XVI, pois, além de ampliar o pouco conhecimento que se tem dessa cultura, supõe um olhar diferenciado sobre a história africana e afro-brasileira e suas possíveis relações com o percurso histórico nacional. A referida lei, antes de ser sancionada, passou por diversos estágios, resultado dos movimentos negros da década de 1970, e do esforço de simpatizantes da causa negra na década de 1980.

As ações políticas organizadas por este movimento, na década de 70 denunciaram a escola como espaço discriminatório e excludente para estudantes negros, reproduzindo uma ideologia racista, que tornava invisível a história dos africanos no Brasil, assim como seus descendentes. O Movimento Negro da década de 70 já reivindicava a reavaliação do papel do negro na história do Brasil e a valorização da cultura negra. A Lei 10.639/2003 ratifica que é através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na História.

A partir dessas inquietações no país e do Movimento Negro, é notório que para a Lei ser seguida, faz-se necessário discutir e esclarecer a todos os professores, que se pode trabalhar a temática racial com todos os conteúdos, como a diversidade

etnicorracial, cultural, social, política, econômica e religiosa mais positiva (GOMES, 2010, p.9).

Na década de 80, do século XX, estas demandas foram organizadas pelos Movimentos Negros e levadas para o debate político no Parlamento. Ao ser promulgada a Constituição Federal em 1988, após inúmeras discussões, modificações e debates no Plenário Legislativo Federal, as propostas relativas ao tema da educação foram aprovadas. O artigo 242, parágrafo 1º determina que “o ensino de história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro” (BRASIL, 1988, p.103).

A partir daí, iniciou-se a discussão para elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), logo foi criado o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública (FNDEP), o qual lutou para aprovação das orientações da educação nacional. Em 1993, finalmente foi sancionada a LDB com a Lei 9.394/96. A questão racial foi contemplada em dois artigos:

Art. 26 - Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. [...] 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia (LDB, 2010, p. 27).

Depois disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados por especialistas em educação e publicados para ampla divulgação, com a aprovação dos temas transversais como Pluralidade Cultural, conseqüentemente o debate e enfrentamento do racismo na educação conseguiu avançar.

Iniciaram-se as discussões acerca da educação no âmbito escolar: como desenvolver no educando atitudes e valores voltados para formação de novos comportamentos para um grupo étnico determinado? O padrão hegemônico europeu imposto durante anos precisava ser reavaliado. Este é um dos muitos desafios a serem superados para que a Lei 10.639/03 seja implementada com qualidade nas escolas.

Assumindo o papel de professora negra, da rede municipal de Salvador e observando alguns projetos com temas voltados para as questões etnicorraciais, nota-se que ainda existe omissão por parte de alguns docentes frente a situações que

envolvem discriminação racial: xingamentos e apelidos pejorativos relativos a cor, cabelo ou formato do nariz e lábios que não são combatidos, os educandos e professores não reagem a estas agressões.

Neste sentido, considera-se importante promover reflexões e ações de debate sobre esta temática, na perspectiva de promover estratégias pedagógicas que envolvam práticas antirracistas, além de repensar formas de melhor organização curricular, as quais promovam mudanças e que venham ao encontro das lutas travadas pelos negros, pelo direito à educação, sem ser discriminado. A Educação constitui um importante mecanismo para o combate ao preconceito e a discriminação racial, é preciso lançar mão desse mecanismo, na busca de uma educação igualitária para todos, negros e não negros.

O educando negro poderá construir sua identidade na escola a partir dos primeiros anos do ensino fundamental, durante sua trajetória escolar, portanto a escola tem a responsabilidade social e educacional de compreender sua complexidade, respeitando-a, bem como as outras identidades construídas pelos sujeitos no âmbito escolar; lidando de maneira positiva com ela (GOMES, 2005).

A escola que conhecemos ainda reforça valores e visões discriminatórias, seja na escolha dos materiais didáticos oferecidos aos educandos, os quais não contemplam a história e cultura negra em seus textos, ou ainda reiterando um pensamento naturalizado sobre o negro e sua história na formação e na educação dos educandos que a frequentam. Como mudar este quadro atual e preconceituoso, se a discriminação racial parte dos próprios professores, os quais veem na cor, critérios de julgamento da capacidade de aprendizado?

Uma atitude importante que os professores devem tomar é desenvolver um olhar mais atento para os materiais didáticos, principalmente o livro didático, que pode trazer discursos racistas em seus textos, atividades e imagens, além da reprodução de conteúdo equivocado com relação à história do negro ou ainda não contemplar estes conteúdos em suas atividades. Não estou propondo o abandono do livro didático, mas que o professor faça as intervenções necessárias quando utilizar o referido material, contribuindo para a igualdade racial.

Para garantir que a Lei 10.639/03 não se transforme em mais um documento, os professores precisam planejar as aulas com materiais que possam contemplar a temática racial. Trabalhar com a Literatura Afro-brasileira é compreender que, em conjunto com os educandos, pode-se comparar e valorizar grupos étnicos e culturas

caracterizadas por diversos fatores como a diversidade de fisionomias e paisagens, multiplicidade de ideias e pensamentos sobre a miscigenação, ainda promover o respeito e derrubar preconceitos, que geram muitas vezes atritos e conflitos em vários lugares, distorcendo os valores humanos de igualdade de direitos.

A Literatura Afro-brasileira, por tentar resgatar os ideais e costumes afro-brasileiros, é essencial na escola. Além do deleite decorrente da apreciação na ocasião da leitura, possibilita a transmissão de valores e normas fundamentais para o bom convívio em sociedade. A literatura também pode proporcionar uma releitura da realidade e uma crítica ao preconceito racial, ainda permite ao professor levar o educando a descobrir e repensar os conceitos e preconceitos impostos a eles pela sociedade racista.

Diante dessas possibilidades, intenciona-se, a princípio, investigar como está sendo feito o trabalho da Literatura Afro-brasileira na sala de aula, no âmbito da escola onde trabalho, em especial, para que a temática etnicorracial não seja abordada apenas em situações pontuais e datas comemorativas como o Dia da Consciência Negra e o treze de maio, por exemplo.

Compreende-se a escola como o local com maior capacidade de empreender alternativas de inclusão destas temáticas ou, ao menos, de diminuição dessa desigualdade. Sem este trabalho realizado na escola, seria impossível reverter o racismo.

Espera-se que, com estas mudanças nas práticas pedagógicas, possa-se contaminar alguns professores e chamar a atenção do corpo pedagógico para um trabalho diferenciado com a Literatura Afro-brasileira e contribuir, mesmo que gradualmente, para o desenvolvimento de atividades que garantam a inclusão efetiva da Literatura Afro-brasileira para formação de cidadãos conscientes de sua história e cultura e, conseqüentemente, para a redução da discriminação racial existente em minha escola, melhorando a autoestima dos educandos, através da leitura de contos dos **Cadernos Negros** e produção de narrativas escritas.

## 2.2 Literatura Afro-brasileira ganha a sala de aula

Ensinar a História da África e a cultura do povo africano para educandos do ensino fundamental na escola onde trabalho, mesclado com a própria cultura brasileira, pode ser uma forma eficaz de romper com o preconceito existente contra eles, seja no ambiente escolar, seja na sociedade. Para que isso ocorra, de acordo com Mariosa e Reis (2011), a Lei 10.639/2003 contribui para que crianças e jovens negros sintam orgulho de seu povo e de suas referências históricas culturais.

Na contemporaneidade, os textos voltados para o público infanto-juvenil têm buscado romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana (MARIOSA; REIS, 2011).

Os aspectos citados pelas autoras devem ser discutidos no contexto escolar e fora dele, os educandos precisam saber como os negros, seus ancestrais, eram tratados, viviam e foram marginalizados por anos, num país que eles ajudaram a construir. É preciso levar esse reconhecimento cultural para a sala de aula e, por meio da literatura, proporcionar um ensino que torne possível o amadurecimento da juventude brasileira; ainda, assegurar um futuro no qual a miscigenação não seja mais vista com olhos preconceituosos, mas compreendida como parte da nossa construção como nação.

A expressão “literatura negra”, presente em antologias literárias publicadas em vários países, está ligada à crítica, a discussões no interior de movimentos que surgiram em outras nações, identidades que confessam suas vidas, em meio as paixões, atos de preconceito, defesa de valores humanos, e que sugerem a liberdade de expressão, que em razão de muitos, passam muito tempo ocultos e omitiram seus pensamentos por causa da resistência do preconceito.

Na Literatura Afro-brasileira, encontram-se vertentes de textos que indagam em sua escrita, a vida, o cotidiano do negro, que não tem nada de diferente e foi afastado da sociedade, pois ele é a força raiz da nação, caracterizada e influenciada pela dança, música, comida, vivências afro-brasileiras.

A escrita da vivência, suas escrevivências<sup>2</sup>, narrativas construídas por meio das diversas histórias que ele viveu, viu e ouviu, vem a ser a estratégia de sobrevivência e reelaboração da história e da cultura afro-brasileira se constituem importantes temas a serem discutidos nas escolas e em outros espaços educativos, pois a literatura é uma das formas de introduzir essas temáticas de maneira exitosa no contexto escolar, podendo ser uma riquíssima fonte de saber e conhecimento, porém existem professores que continuam reproduzindo ideias ultrapassadas e as aulas de literatura se resumem ao estudo das escolas literárias e suas obras.

Com a inserção da Lei 10.639/03, fica claro que os profissionais da educação devem se desprender de algumas práticas pedagógicas, segundo Rocha (2008, p. 57):

Esse redimensionamento da perspectiva causou, evidentemente, uma enorme inquietação no meio educacional, uma vez que a Lei obriga a introdução de novos conteúdos e uma nova perspectiva. A prática docente e a formação inicial e continuada de professores e, por conseguinte, o currículo exige revisão de modo a adequarem-se às demandas legais e à satisfação da orientação pela inclusão – tônica da política educacional brasileira dos últimos anos.

Pode-se perceber a insatisfação do educando com os conteúdos das aulas de literatura. Isto revela que a escola ainda está em um processo lento de introdução do ensino da literatura, mais ainda da Literatura Afro-brasileira. Na maioria das escolas, é a tradição canônica que determina como esta literatura será aplicada em sala de aula, noutras, é o sistema de ensino, ou seja, as avaliações internas e externas que exigem determinados resultados nas avaliações, pautados ainda na leitura e estudo das obras pertencentes aos cânones literários.

Uma forma de exigir que a Lei 10.639/03 seja cumprida é elaborar, junto com os gestores de ensino e os demais membros da comunidade escolar, o projeto político pedagógico da escola, incentivando a participação dos pais e professores para discutir as bases curriculares desses projetos, levando em conta as temáticas previstas pela lei. Além disso, podem procurar formas de pedir financiamento para o Ministério da Educação, exigindo a disponibilidade de obras para qualificar os projetos pedagógicos da escola.

---

<sup>2</sup> Conceição Evaristo utiliza o termo escrevivências no lugar de autobiografia. Para ela, tal termo define melhor sua escritura, a qual reflete aquilo que ela é, o que pensa, por que ou quem luta e que não tem a intenção de ser neutra, pois reflete uma denúncia através de palavras escolhidas, escritas para incomodar, mexer, transformar.

Mesmo diante dessas dificuldades enfrentadas, é importante que o professor esteja atento, com olhares críticos e positivos, cientes das leis e dos parâmetros que regem a educação, para que possa agir de maneira adequada. O professor, para ensinar, também precisa assumir sua identidade cultural e uma postura crítica frente a situações inusitadas que podem ocorrer em sala de aula.

Precisa, também, adequar-se às mudanças curriculares ocorridas nos últimos anos. Ao observar estas mudanças curriculares, é possível notar aspectos positivos no que se refere ao modo de ensino da Literatura Afro-brasileira em sala de aula. Tal constatação pode ser identificada, observando a maneira como os professores reproduzem as imagens do negro neste contexto, reconhecendo, através de seus discursos, a importância do negro na formação da cultura brasileira.

Apesar de muitos materiais didáticos sobre o assunto terem sido produzidos e, revisões nos conteúdos serem realizadas, ainda não há uma coerência entre a teoria e a prática no que diz respeito a essa lei. Isso se evidencia na seguinte afirmação:

As questões relativas a aplicabilidade da lei já foram e ainda são discutidas em diversos eventos científicos envolvendo vários especialistas, resultando em propostas, posicionamentos, materiais de apoio aos professores e outras propostas. Entretanto, infelizmente, ainda encontramos profissionais da educação sem o preparo necessário para trabalhar as questões relativas à história e cultura afro-brasileira e africana. (AGUIAR, 2010, p.94).

Sabe-se, portanto, que não basta apenas dar as ferramentas para o trabalho, no caso uma educação de qualidade e sem discriminações, mas é preciso ensinar a usá-las, e em relação aos professores, o desafio junto com a responsabilidade são maiores, pois, a educação é a base de uma sociedade justa, com menos discriminação, para que as diferenças culturais sejam respeitadas.

### **2.3 Quem conta um conto, reescreve-no?**

“Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Este ditado popular tenta explicar como surgiu este gênero textual que teve início há muito tempo, através dos contadores de histórias reais ou fictícias; primeiramente de forma oral e depois através da escrita, mostrando como as histórias evoluem em seus enredos com o passar do tempo, na mudança de narrador e até na manutenção do mesmo narrador, quando

contada em outro momento, adquire informações adicionais, fugindo a fidelização do acontecido ou imaginado pelo autor.

Como diz Fiorussi e Machado (2003, p.103)

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...]

Os contos eram histórias contadas pelos mais velhos e transmitidas a outras gerações através da fala. “Entre os povos africanos, os “griots” eram responsáveis por transmitir histórias e cantos de seus povos, além de fatos históricos e outros conhecimentos.

O conto brasileiro tem adquirido uma identidade própria na atualidade, dificilmente são fiéis às características já citadas por Fiorussi e Machado (2003), modernizou-se e tornou-se mais compreensível, trazem histórias que dialogam com a realidade atual, sem o viés preconceituoso da antiguidade, fazendo com que a literatura atinja um lugar de maior destaque na sociedade.

Na busca desta literatura mais moderna e acessível para o educando, surgiu a escolha da série **Cadernos Negros** para o estudo da Literatura Afro-brasileira e de seus escritores, por ser uma leitura que denuncia a violência como se fosse um movimento de dissecar a história nas palavras, cenas, contextos, personagens, demonstrando a dor e as marcas das arbitrariedades sofridas, seja por uma memória individual contemporânea, seja pela memória coletiva ligada ao passado de um determinado grupo social.

A produção literária contida nos **Cadernos Negros** traz sentimentos de coragem, resistência, mas sobretudo celebração da vida e da cultura do povo negro. Sua importância literária, política, social e histórica é um alicerce para o reconhecimento da cultura afro-brasileira. Assim, os **Cadernos Negros** concretizam-se como um marco dentro da literatura brasileira, explicitando um leque de diversidades que enriquecem o campo literário.

Através de Conceição Evaristo, Lia Vieira e Cuti, escritores dos contos selecionados dos **Cadernos Negros**, volume 18, as oportunidades de discussões das questões etnicorraciais na escola onde eu atuo corroboram para uma educação de qualidade e a luta contra a esta invisibilidade do negro imposta pela sociedade.

O fato de tematizar alguns aspectos da vida cotidiana do afro-brasileiro, em especial a discriminação, o preconceito racial na escola, a negação dos direitos de cidadania para o negro, revelam que estes textos podem ser fortes aliados para aproximar o educando da Literatura Afro-brasileira, na construção de uma imagem positiva sobre si mesmo e sua história.

Além do exposto, os **Cadernos Negros** promovem uma mudança na literatura, porque traduzem vozes negras silenciadas por décadas por uma literatura engessada aos padrões estéticos. Os negros são vistos através de uma série de peculiaridades negativas construídas ao longo do tempo, características preconceituosas e equivocadas. A luta dos escritores dos **Cadernos Negros** se faz também neste sentido, na desconstrução de estereótipos construídos ao longo de muitos séculos.

Nos textos selecionados para a proposta a ser aplicada, observa-se a denúncia à violência sofrida pelo negro na atualidade e evidencia mudanças na imagem da cultura negra. Os contos apresentados, escritos por Conceição Evaristo<sup>3</sup>, Lia Vieira<sup>4</sup> e Cuti<sup>5</sup> são de leitura compreensível e promovem discussões que vão além da temática da violência contra o negro. A partir deles, outros temas também podem ser discutidos.

Os autores dos **Cadernos Negros** elencados, quando escrevem, também revelam um pouco de suas experiências de vida, são pessoas que desenvolvem trabalhos belíssimos com a literatura e contam histórias de superação em suas vidas. As histórias trazem reflexões importantes para educandos negros e não negros, mas principalmente para os negros, pobres e moradores da periferia, porque revelam aproximação com a realidade deste público discente, contribuindo para o desenvolvimento crítico deste tipo de leitor.

---

<sup>3</sup> CONCEIÇÃO EVARISTO nasceu em Belo Horizonte(MG), em 1946 e é professora. De origem humilde, trabalhou como doméstica na adolescência. Primeira em sua família a obter o diploma de nível superior, graduou-se em Letras(UFRJ), é mestre em Literatura Brasileira (PUC/RJ) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Estreou na literatura em 1990, no volume 13 da série **Cadernos Negros**. (DUARTE, 2011).

<sup>4</sup> LIA VIEIRA nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1958, onde reside até hoje. É graduada em Economia, Turismo e Letras e doutoranda em Educação pela Universidade de La Habana (Cuba)/Universidade Estácio de Sá (RJ). É pesquisadora, artista plástica, dirigente da Associação de Pesquisa da Cultura Afro-brasileira e militante do movimento Negro e do Movimento de Mulheres.

<sup>5</sup> CUTI é pseudônimo de Luiz Silva. Nasceu em Ourinhos-SP, a 31.10.51. Formou-se em Letras (Português-Francês) na Universidade de São Paulo, em 1980. Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp (1999/2005). Foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura, de 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série **Cadernos Negros**, de 1978 a 1993.

Sendo a literatura transformadora e libertadora, ela se configura em ferramenta preciosa para a escola no sentido de promover transformação e libertação para todos os educandos envolvidos neste processo violento e excludente em que está inserida a escola e a sociedade.

## 2.4 Cadernos Negros - A leitura e a escrita

Ler e estudar sobre questões relacionadas à produção de texto e refletir sobre o próprio processo de escrita, conduziram-me a enxergar com mais clareza e concordar com a definição que o narrador Rodrigo faz sobre o ato de escrever em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector:

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas como aços espelhados. Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo (LISPECTOR, 1997, p.19).

Clarice Lispector, neste trecho, através do eu-lírico, revela detalhes da angústia que antecede o ato da produção escrita. Esta angústia não é só do escritor experiente, o educando também se desespera diante do papel em branco. Escrever não é um dom ou uma inspiração, escrever é algo que se aprende, é uma habilidade a ser conquistada. Desde que haja um método adequado para ensinar a escrever, fazendo as mediações necessárias, em sala de aula, de maneira efetiva, esta habilidade poderá ser conquistada.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, é apontado que:

No processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (PCNs-EF, 1998, p. 32).

O educando, ao produzir um texto escrito, precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer. No ensino de produção escrita, ele precisa ter um objetivo claro para escrever. Por que escrevem coisas nas redes sociais? Para que outras pessoas leiam. A razão pela qual devem escrever tem de ser previamente definida. Saber determinar antecipadamente o propósito de uma produção textual é uma habilidade que precisa ser ensinada pelos professores, para escrever com competência, o educando precisa saber para que vai servir o texto que ele vai escrever.

Sabe-se que escrever textos não é fácil para ninguém, embora muito gratificante, quando se consegue. Para o educando que não foi devidamente estimulado a escrever e não possui conteúdo para tal, a dificuldade é ainda maior. Diante dessa dificuldade, como formar um educando produtor de textos? Não dá para ensinar a escrever pedindo que o educando redija um texto por bimestre, o percurso para se chegar a produção textual é muito mais longo e difícil, mas é um caminho possível, mesmo para educandos que possuem dificuldades na escrita, trazidas das séries iniciais. Em muitas escolas, os professores ainda priorizam os conteúdos programáticos teóricos, em detrimento da produção de textos. Além disso, a maioria dos professores também redige com dificuldade, mesmo os formados em Letras: falta tempo para ler e escrever, falta exercício, muitos tiveram deficiência em suas formações.

Os professores precisam entender que, se as atividades de produção escrita forem trabalhadas de forma criteriosa, contínua e sistemática, os educandos sairão vitoriosos nesta tarefa de escrever, mas as atividades devem ser propostas frequentemente pelo professor. A mudança no currículo, introduzindo atividades de produção escrita, precisa ser realizada.

De acordo com a Lei Federal nº 9394/96<sup>6</sup>, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN)<sup>7</sup>, a escola pode mudar o currículo que está aplicando, de acordo com suas necessidades e o público que atende. Estas mudanças curriculares,

---

<sup>6</sup> Art. 26º. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

<sup>7</sup> É a mais importante lei brasileira que se refere à educação, é composta por 92 artigos que versam sobre os mais diversos temas da educação brasileira, desde o ensino infantil até o ensino superior.

são de extrema urgência e importância, portanto pode-se pensar em se ter mais horas dedicadas ao ensino da escrita.

As atividades propostas e descritas na seção 3 desta dissertação, não se propõem resolver todos os problemas de escrita, mas trazer contribuições significativas, como a melhor qualidade do texto escrito, facilidade na comunicação e manutenção da competência escritora.

É impossível acreditar que possamos desenvolver a capacidade para a escrita de textos com qualidade, sem que antes atentemos para a necessidade de desenvolver nos educandos a capacidade leitora, em busca da formação de leitores competentes. De acordo com os PCNs (1998, p.70), o leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre os textos e seus conhecimentos prévios ou entre os textos e outros textos já lidos.

Um dos objetivos da leitura é constituir e dar matéria prima para a prática da escrita, devendo ser trabalhada em sala de aula, a fim de associá-la ao processo de produção textual, contribuindo para o desenvolvimento discursivo do educando.

Além disso, os professores já sabem, por experiência, que o hábito de ler acontece aos poucos e de forma gradual, não é “do dia para a noite” que o educando adquire o hábito de ler. No trabalho em sala de aula, tem-se que desenvolver no educando a sua capacidade de correlação das diversas informações que recebe, ampliar a sua visão de mundo, tornando-o um ser crítico e capaz de perceber e interferir conscientemente nas circunstâncias que os envolve, descobrindo e alargando suas representações de mundo.

Mas não é qualquer leitura que promove reflexões e contribui para a formação do educando produtor de textos. Acredito que a leitura do texto literário pode desempenhar muito bem este papel, pois permite que o educando extraia suas próprias conclusões do texto, quando, por exemplo, enfrenta problemas em sua vida, tenta compreender o porquê, o que já constitui em si um processo de aprendizado, depois é impulsionado a buscar soluções. Neste momento, o educando precisa entender o que passa dentro de si e a literatura possui a característica de oferecer novas dimensões à imaginação humana, àquilo que talvez não conseguisse descobrir sozinho.

Vale ressaltar que assim como os educandos não são iguais, a forma como eles captam as informações e aprendem também não são iguais. Uma aprendizagem

só se torna efetiva de fato, quando ela ganha sentido para o educando, já que todo conhecimento passa por sua experiência ao longo da vida. O conteúdo a ser trabalhado precisa fazer sentido para vida deste educando, a leitura do texto literário pode contribuir significativamente para isto.

Além disso, o texto literário provoca certo encantamento por parte de quem lê, pode proporcionar diversão, ampliar o conhecimento de mundo, sensibilidade e reflexão sobre a realidade. O professor precisa disponibilizar ações que proporcionem o encantamento do educando pelo texto literário, fazendo com que ele possa demonstrar seus desejos e anseios.

E quais são os desejos e anseios de educandos negros, pobres e moradores da periferia, de ensino fundamental, da rede municipal de Salvador? Será que eles se reconhecem nos textos literários apresentados na escola onde estudam, seus desejos e anseios estão contemplados ali?

Não é sempre que o professor conseguirá selecionar textos que atinjam todas as necessidades de seus educandos, o professor precisa ocupar o papel de mediador para que o educando desenvolva o gosto pela leitura, oferecendo textos literários adequados aos seus interesses e faixas etárias. O gosto pela leitura poderá ser desenvolvido também por identificação. Se o educando só tiver contato com leituras distantes da sua realidade, pode ser que não consiga analisar, interpretar ou perceber o texto literário.

Por isso mesmo, o texto literário afro-brasileiro deve ser explorado na sala de aula, de modo que atinja a todos os grupos étnicos, criando possibilidades, ao educando negro, de reconhecimento nestas obras literárias e aos outros, o respeito à cultura e história afro-brasileira.

É possível que o trabalho com Literatura Afro-brasileira, em histórias com protagonistas negros, possa contribuir, tanto para a construção da identidade e autoestima de educandos negros, como para a valorização da convivência na diversidade com o educando não negro.

A produção literária afro-brasileira também possibilita aos leitores o conhecimento de autores que, usando a palavra como forma de resistência, foram protagonistas de suas histórias, além de provocar a necessária reflexão sobre as relações etnicorraciais em nossa sociedade. É uma leitura da história do nosso país, traduzindo as buscas da coletividade negra, assim como reflete a memória do povo negro, africano e brasileiro, desconstruindo estereótipos.

Estas razões se configuram em motivos para o professor selecionar e trazer esta literatura para dentro da escola, através de livros que abordem a cultura afro-brasileira, com textos que não reafirmem ou legitimem os preconceitos, as discriminações e as imagens caricaturadas da população negra. Faz-se necessário que os conteúdos remetam ao universo cultural afro-brasileiro, para que os educandos se reconheçam nele, melhorando a autoestima.

Desta forma, ampliando suas leituras, o educando desenvolverá sua capacidade expressiva para escrever bem. É preciso, dentre outras habilidades, que ele conheça bastante o assunto sobre o qual versará. Por esta razão, escolhi o estudo de alguns contos dos **Cadernos Negros**, na perspectiva de instrumentalizar os educandos com temáticas mais envolventes para eles. A análise, leitura e discussão dos temas que envolvem os contos selecionados podem facilitar a produção de narrativas escritas, porque são textos que contam fatos vivenciados frequentemente por diversos educandos da rede pública de ensino, tais como violência, morte prematura e extermínio de menores negros.

A forma de produzir estas narrativas, diante das constantes mudanças que estamos vivendo no mundo atual, também se modificou. As personagens imaginárias preenchem vazios da realidade, assim, tanto a leitura, quanto a criação de um texto narrativo é uma forma de sonhar acordado, o escritor tem de sentir-se peça essencial em relação ao mundo onde vive. Os textos dos **Cadernos Negros** podem contribuir neste sentido, segundo Florentina Souza, em seu livro *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*:

Os textos do periódico literário inovam na proposição de imagens que desestabilizam os estereótipos negativos dos afro-descendentes e na explicitação do desejo de emancipá-los, por meio da concretização de mudanças na ordem das representações e dos lugares sociais, um tema quase ausente na produção literária brasileira instituída. Inovam, ainda, na formação de um público leitor, majoritariamente afro-brasileiro, que é estimulado a refletir sobre seus lugares e papéis na vida do país. (SOUZA, 2006, p. 12).

Esta afirmação contribui para o incentivo do trabalho do professor com estes periódicos em sala de aula, já que, como foi relatado anteriormente, os educandos possuem baixa autoestima e necessidade de mudança da realidade na qual estão inseridos, de valorização de sua história e cultura, do direito a uma educação de qualidade para formação de uma consciência cidadã.

A referida autora ainda afirma que os contos publicados nos **Cadernos Negros**, promovem uma leitura literária por caminhos mais críticos e políticos, chamando a atenção para importância dessas narrativas nas discussões das questões etnicorraciais, na busca pela eliminação do preconceito racial e a ampliação da divulgação de conhecimentos acerca da cultura africana e afro-brasileira.

É preciso lembrar que os autores dos **Cadernos Negros** trouxeram uma visão crítica dos preconceitos enraizados na sociedade brasileira, com isso reverteram a imagem negativa com que o negro aparecia na literatura nacional, desta forma, a utilização desses periódicos, de maneira eficaz e reflexiva, não podem “passar em branco” no contexto da educação escolar brasileira. Dentro de uma sociedade que não consegue admitir o preconceito racial, o trabalho com uma Literatura Afro-brasileira de maneira adequada, dá ao educando uma arma na luta contra a desigualdade racial e social.

A configuração dos currículos escolares, hoje em dia, não pode se desvincular dos fenômenos sociais que urgem serem discutidos e alguns preconceitos superados no âmbito escolar e fora dele. Precisa-se elaborar/reelaborar tendências de ensino-aprendizagem que visem a autocrítica e o respeito às diversidades sociais.

Segundo Edimilson Pereira (2007), deve-se entender a relação ensino-aprendizagem como uma oportunidade para que os grupos sociais se defrontem com as suas diversidades, ou seja, modifiquem, através de obras literárias que favoreçam o reconhecimento desta diversidade, o modo de agir e pensar dos educandos que fazem parte da escola atual, os quais antes, não tinham acesso. Cabe aos professores produzirem materiais didáticos que facilitem a inserção desses conteúdos e seduzam os educandos, assim como a outros professores, para o trabalho com esta temática.

As questões relativas à aplicabilidade da Lei 10.639/2003 já foram e ainda são discutidas por vários especialistas, o que resultou em propostas e materiais de apoio para os professores, porém, ainda não encontramos muitos profissionais da educação, em algumas disciplinas da área de Ciências Humanas, com a formação necessária para trabalhar com estes temas, reproduzindo ainda posicionamentos que vão de encontro às propostas apresentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Esta é uma realidade que vejo em minha escola, me levando a refletir sobre a importância do processo de formação destes profissionais que trabalham com educação e que possuem uma grande responsabilidade, pois as suas ações levam ao desenvolvimento do sentimento de reconhecimento e de pertencimento

etnicorracial dos educandos, como também a valorização de suas manifestações culturais e de identidade.

Em consenso com o raciocínio anterior, almejo, com esta intervenção pedagógica, utilizar estratégias de leitura com o texto literário afro-brasileiro que possibilitem o gosto pelas histórias aqui apresentadas, a identificação do educando neste contexto, além de despertar a curiosidade para outras leituras. Como nos diz Solé (1998), o interesse pela literatura vai depender da apresentação que o professor fizer e do entusiasmo que o professor tem por determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.

Pretendo transmitir este entusiasmo para os educandos, contaminando-os de maneira a influenciar suas escolhas por uma literatura de qualidade. As propostas que fazem parte do projeto de intervenção, apresentado na seção 3, visam atender a todos estes propósitos. Acredito que qualquer mudança, mesmo que gradualmente alcançada, será válida e contribuirá de alguma maneira para propor novas perspectivas e alternativas ou, ao menos, a forma dos educandos conceberem o mundo onde vivem.

### 3 REINVENTANDO A ESCRITA ESCOLAR

O problema que fundamenta e estimula este trabalho é a escassez de produção escrita observada e vivenciada ao longo de 15 anos de trabalho na Escola Municipal onde ensino, localizada na região periférica de Salvador, o que motivou a organização de uma proposta de intervenção que favoreça a diminuição desta dificuldade para os educandos. Descobri também, através da aplicação de um questionário de pesquisa, intitulado “Perfil de experiência de leitura com o texto literário” que os educandos não possuem familiaridade com o texto literário e que mesmo sendo maioria negra, o texto literário afro-brasileiro quase nunca fez parte de suas vidas escolares.

As respostas dadas às questões revelam que a maioria nunca ouviu falar em Literatura Afro-brasileira, nunca leu textos com esta temática na escola. As respostas também demonstram a exiguidade de ações para formar leitores de textos literários e mais especificamente, o texto literário afro-brasileiro. Através da leitura de contos dos **Cadernos Negros** e desenvolvimento das atividades propostas na intervenção, pretende-se desenvolver no educando o gosto por esta literatura e despertá-los para produções escritas em maior quantidade e qualidade.

#### 3.1 O desafio de escrever

“– Professora, não sei escrever esse texto, como eu começo?” Ao longo de quinze anos de trabalho na Rede Municipal de Ensino de Salvador, ouvi esta frase centenas de vezes pelos educandos, revelando um enorme distanciamento desses sujeitos com a escrita escolar. É muito fácil, para eles, chegar pela manhã à escola, contando algo que vivenciaram ou que aconteceu com outrem em seu bairro, numa sequência lógica e utilizando todos os elementos que compõe uma narrativa, porém no momento da produção, da criação artística de um texto fictício ou mesmo de um texto baseado em fatos reais, as dificuldades são muitas, “O como escrever” faz com que eles fiquem paralisados diante da folha em branco.

Com base em considerações feitas por professores da mesma escola, observando os objetos de investigação elaborados por eles, porém sem cunho científico, analisando os educandos e os textos produzidos ao longo destes anos em reuniões pedagógicas e conversas informais, percebo que este é um problema da maioria das escolas da Rede Municipal de Salvador, já que recebemos educandos de

outras escolas municipais com as mesmas dificuldades de produção escrita, além de professores advindos de outras escolas da rede com o mesmo depoimento.

Fazer a ligação entre o que foi vivido e o que vai ser reinventado (imaginado) é um dos principais impedimentos para produção de texto pelos educandos, por isso é necessário pensar que o seu texto deve ser dirigido a um leitor, além de adequá-lo a esta situação de comunicação e poucos deles tem esta prática. A falta de leitura e clareza nas ideias, a inadequação vocabular, o desconhecimento dos usos e articulações do gênero textual pela maioria dos educandos, sem dúvida, dificulta em demasia a produção textual escrita.

Somado a isso, o trabalho dos professores de educação básica não tem contribuído muito para solucionar estes problemas na escola onde trabalho, a maioria dos professores tem a noção clara de que o conhecimento se constrói, de que o educando não chega pronto e que precisa proporcionar situações de aprendizagem para que estes educandos permaneçam no processo de construção deste conhecimento, porém eles não se dedicam para mudanças na prática e no planejamento diário de suas atividades, no sentido de promover esta aprendizagem.

O texto, por exemplo, em sala de aula, é usado como pretexto para estudar as regras gramaticais e, conseqüentemente, a produção textual escrita fica prejudicada. No planejamento diário dos professores, a prática de produção textual escrita é negligenciada em função das outras tarefas do professor de Língua Portuguesa: leitura e análise linguística. Alguns professores de Língua Portuguesa não possuem a prática de organizar e planejar suas aulas, a fim de que as aulas de leitura e de análise linguística favoreçam a produção de texto escrito pelo educando.

Eu também reproduzi isto durante muito tempo, até diagnosticar e reconhecer, através de atividades de interpretação de texto com questões discursivas, que os educandos não gostavam de escrever, não dominavam o assunto sobre o qual deveriam escrever, tinham dificuldade de transpor suas ideias para o papel e também não estavam sendo motivados para isto pela maioria de nós, professores da escola. As atividades de produção de texto escrito eram reduzidas a uma produção por unidade, porque eram obrigatórias na avaliação final da unidade letiva.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de aplicação de uma proposta de intervenção que vise reduzir as dificuldades de produção textual escrita dos educandos e que contribua para mudança de minha prática pedagógica. A produção

escrita de textos sempre fará parte da vida cotidiana dos educandos e as dificuldades precisam ser minimizadas.

O público ao qual se destina este projeto é formado por educandos negros e não negros, com idades entre 13 e 16 anos, cursando o 9º ano do ensino fundamental, moradores da periferia, pobres, vítimas de violência e racismo (dados do INEP 2015, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Por estas razões, escolhi a temática racial para que eles se sintam representados, desejando que desperte neles o gosto pela leitura literária e produção de texto escrito, já que os assuntos que envolvem este tema são bem próximos da realidade cotidiana desses sujeitos, a partir da leitura e análise de três contos dos **Cadernos Negros**, volume 18: “Ana Davenga” de Conceição Evaristo (ANEXO B), “Operação Candelária” de Lia Vieira (ANEXO D), “Saída” de Cuti (ANEXO C). A escolha desses contos justifica-se pela aproximação das histórias com as narrativas de vida dos educandos, como por exemplo, a violência a que são acometidos jovens negros e pobres no Brasil diariamente.

Trabalhar com esses textos pode proporcionar a discussão de questões etnicorraciais e de identidade, com educandos que não foram preparados pela escola e pela sociedade para a identificação com a sua história, suas origens, e em grande parte, por estas mesmas razões, não conhecem a luta dos negros no Brasil e sua importância na formação da sociedade nacional. Pretendo promover, mesmo que timidamente, já que é uma proposição que trará mudanças em pequenas proporções, a inserção deste conteúdo no currículo escolar, atendendo a medida adotada pelo Ministério da Educação, no cumprimento da Lei 10.639/03.

Essa lei garante ao negro a valorização da sua cultura, história e identidade, busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros, na construção de relações sociais saudáveis, para que todos cresçam, negros e não negros, de maneira igualitária e com as mesmas oportunidades, escolares e sociais, pois:

A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. (DCNs, 2004, p.7).

Ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2004), esta tarefa é de todos os professores, independentemente de seu pertencimento etnicorracial. Os professores precisam ser bem qualificados para o ensino de sua área específica, além de uma formação que os capacite para correção de posturas preconceituosas, criando estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducar.

Para trabalhar com diversidade etnicorracial, faz-se necessário também, discussões que envolvam a Lei 11.645/08, esta lei torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena nas escolas, principalmente no que concerne as contribuições que os povos indígenas trouxeram para formação da população brasileira. Nesta perspectiva, tem-se a obrigação de pensar numa proposição que contemple as discussões etnicorraciais e que também auxilie na busca de novos conhecimentos, para inclusão da cultura afro-brasileira, africana no ensino fundamental.

A implantação da Lei 11.645/08 impôs este desafio aos professores, principalmente os de literatura, de criar o seu próprio material didático, adequado ao nível e à faixa etária dos educandos, os quais precisam ter garantidos o acesso ao conhecimento, que se sintam orgulhosos de seu pertencimento etnicorracial. Desta forma, foi pensada a elaboração de uma proposição com sequência didática que respeite os valores e as necessidades reais dos educandos, para que todos tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

Acredito que a partir da implantação da 10.639/03 os docentes de Língua Portuguesa podem refletir sobre o excesso de regras gramaticais e a tradicional função do texto: de ser apenas um pretexto para trabalhar os mecanismos linguísticos ou exemplares de usos da língua, para trazer mais frequentemente a leitura do texto literário para sala de aula. Por essa razão, é salientado que:

Aprender a pensar e a falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise lingüística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pelos quais tais recursos refletem as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte (BRASIL, 1999, p. 27-28).

### 3.2 Contextualizando o espaço escolar

A escola onde a proposta de intervenção foi aplicada foi fundada em 13 de fevereiro de 1979, de acordo com a publicação no Diário Oficial da Bahia (13/02/1979). É considerada de Grande Porte Especial porque atende aos três turnos de trabalho com 1.158 educandos em 2016, onde é oferecida as modalidades de Ensino Fundamental I e II nos turnos matutino e vespertino e EJA, Educação de Jovens e Adultos, no noturno.

A escola está rodeada de grandes instituições educativas de Ensino Fundamental, Médio e Superior. Além destas instituições, está o Hospital Gov. Roberto Santos, centros religiosos, pequenos e grandes comércios de gêneros alimentícios, produtos farmacêuticos e Shoppings Centers. No entorno também ficam duas favelas conhecidas como Timbalada e Buracão, a maior parte dos educandos moram nestas comunidades, as quais são rivais e possuem grande índice de criminalidade, gerando um número alto de evasão escolar por ano, de acordo com o portal do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

A realidade escolar não é diferente de outras escolas da rede pública, que no geral apresentam sérios problemas como a falta de valorização dos profissionais da educação, a escassez de recursos financeiros, a precariedade das instalações e dos recursos didáticos, falta de segurança, educandos desmotivados, violência e tráfico de drogas.

A infraestrutura apresenta no atual momento é bastante deficiente para a proposta pedagógica que foi construída. Fisicamente, sua estrutura compreende quatorze salas de aula sem infra-estrutura adequada ao trabalho pedagógico, quentes demais, com corredores que dificultam a circulação do ar; uma biblioteca, uma cozinha com refeitório, um depósito para merenda, uma sala de direção, uma sala de secretaria, uma sala de arquivo morto, uma sala de professores, uma sala de coordenação/leitura, uma sala de informática, uma sala para projeção de áudio e vídeo, uma quadra de esportes (em reforma), onze banheiros (um adaptado), um almoxarifado e quatro bebedouros.

Subsidiando essa estrutura física, possui equipamentos como computadores com acesso à internet, notebooks para apresentação de trabalhos, datashows, caixas de som amplificadas e microfones. Os recursos humanos são formados pelas equipes da Gestão: um diretor geral, três vices-diretores, cinco coordenadoras pedagógicas

(uma para o fundamental I, uma para o fundamental II e três para o EJA), 45 professores, 4 auxiliares administrativos, 3 merendeiras e cinco porteiros. O grau de instrução da equipe gestora e dos professores é de especialistas, mestrados, mestres e doutorandos.

A equipe que compõe o administrativo, a cantina e a portaria é formada por profissionais terceirizados, o que compromete muito o desempenho e frequência dos mesmos, pois quando os salários são atrasados, eles fazem greve, só retornando ao trabalho mediante pagamento.

A seguir, estão algumas fotografias da escola, capturadas em um momento de visita de um profissional de engenharia, que fazia uma pesquisa para desenvolver um projeto de reforma:

Figura 1 - Fotografias da escola



Evaristo Ornellas - 2016

### 3.3 A intervenção - Por que e para quê?

A escolha da série **Cadernos Negros** se justifica porque contém textos que rompem com modelos de representação que inferiorizam, depreciem os negros e suas culturas, apresentam personagens negros em situações do cotidiano que resistem e enfrentam de diversas formas o preconceito e a discriminação, resgatando valores de um povo sofrido. A escola é o lugar onde se deve mostrar que o desprestígio de ser negro deve ser combatido, que a existência da discriminação é real e que existe uma visão distorcida sobre a escravidão sendo propagada.

Além disso, os textos de **Cadernos Negros** permitem a construção e a desconstrução de textos de variados gêneros (narrativos, descritivos, argumentativos) em sala de aula que contribuam para o pensar e o repensar crítico das várias atividades sociais, onde os jovens estão inseridos, possibilitando então aos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem ampliação de seus conhecimentos sobre as diferentes formas de realização da linguagem e a leitura de mundo por cada educando/autor.

O objetivo geral desta proposta de intervenção é atingir um melhor desempenho do educando na produção de narrativas escritas, através das discussões e propostas de atividades sobre questões etnicorraciais, baseadas nos contos dos **Cadernos Negros**, volume 18, além de sensibilizar a comunidade escolar para a importância da temática etnicorracial, oportunizando discussões sobre o reconhecimento e valorização da diversidade cultural e da violência. Os objetivos específicos são promover a análise do texto literário afro-brasileiro para a reflexão sobre conceitos e estereótipos acerca do negro, desenvolver atividades que proporcionem a melhoria na qualidade de produção de narrativas escritas, além de desenvolver atividades lúdicas direcionadas ao tema escolhido, as quais devem agregar qualidade ao trabalho com a produção de narrativas escritas em minha escola.

### 3.4 A escrita que encanta

Como posso contribuir para o ensino-aprendizagem de uma escrita mais significativa para educandos da escola onde trabalho? Este é meu desafio e esta proposta vem corroborar na diminuição deste problema. Ela pretende conduzir o educando a um melhor desempenho na produção de narrativas escritas, de maneira gradual, respeitando-se o nível de conhecimento e possíveis limitações destes educandos.

Para a concretização deste objetivo, as atividades serão divididas em etapas: a cada conto estudado, o tema central será discutido por meio de atividades diferenciadas, as quais devem promover o envolvimento do educando. Para isto, selecionei três contos dos **Cadernos Negros**, volume 18, pretendendo com isto, que os educandos conheçam, analisem, discutam e produzam narrativas escritas com maior qualidade.

Tomando por base os PCNs, no exercício da escrita, o educando, seja para os colegas da sala, seja para a comunidade escolar ou para além dos muros da escola, precisa familiarizar-se com o gênero a ser estudado e melhorar as condições de produção escrita. Para dar conta disto, este educando tem que recorrer à leitura, estudo e discussão de textos relacionados a temática pretendida.

Os educandos estudarão os contos na perspectiva de facilitar a produção de textos narrativos. Os textos selecionados dialogam com as experiências cotidianas dos educandos, o objetivo disto é aproximá-los do conhecimento do assunto de suas futuras produções escritas.

A avaliação final será feita pela professora, comparando as produções iniciais e finais desses educandos e os argumentos utilizados nos textos sobre a temática racial, verificando o que o educando não conseguiu alcançar neste processo. Esta avaliação servirá de parâmetro para que a professora saiba como proceder a partir daquele momento e quais competências foram alcançadas, registrando os objetivos das atividades em um quadro e, a partir das comparações dos textos iniciais e finais do educando, anotará quais objetivos foram atingidos ou não.

Antes de iniciar a aplicação das atividades em sala de aula, haverá uma conversa informal com os educandos sobre a aplicação da proposta e suas etapas, coletando opiniões para o desenvolvimento exitoso das atividades, o objetivo é tornar prazerosa esta tarefa, além de aproximar os educandos de uma prática de leitura literária, através da qual o texto consiga envolvê-los de forma crítica em relação às leituras sugeridas, ou seja, fazer algo que os atraia, visando despertar a curiosidade dos educandos para a temática etnicorracial e a leitura dos contos selecionados dos **Cadernos Negros**.

Na primeira etapa de aplicação, *Perfil do leitor*, aplicarei um questionário individual escrito, com objetivo de investigar mais profundamente o perfil de experiência de leitura com o texto literário. Após explicar a turma o motivo da investigação e aplicação deste questionário, farei a leitura de um texto literário afro-brasileiro dos **Cadernos Negros**: “Um sol guerreiro” de Celinha (ANEXO A).

Este poema é uma homenagem a todas as crianças negras assassinadas em Atlanta e a todas as outras crianças negras assassinadas todos os dias no Brasil. O conteúdo deste poema fará com que os educandos reflitam, despertando a curiosidade, através da atividade desenvolvida, sobre as razões pelas quais tantos jovens negros são levados a morte em nosso país. Esse conteúdo está presente em

todos os contos desta proposta e na cena fílmica do filme Cidade de Deus, exibida posteriormente.

Será lido o poema para a turma e após ser dividida em duplas, fornecerei folhas de papel sulfite, cola, tesoura e revistas que possam ser recortadas. Em seguida, ler-se-á o poema pela segunda vez e a dupla, durante a leitura, deve recortar e colar imagens que tenham relação com o conteúdo do poema, formando um painel. Trocarei os painéis entre as duplas e depois eles escreverão uma história em que todas as imagens do painel apareçam (o resultado dessa produção também servirá de material para diagnosticar problemas na escrita desses educandos).

O primeiro passo para a elaboração das histórias será a construção dos personagens. Nas figuras, cada educando deverá definir quem será personagem em sua história e quantos serão. Terão total liberdade para dar vida e inteligência a qualquer elemento da figura, vão registrar o nome dos personagens em um painel previamente preparado pela professora e escreverão cinco adjetivos para cada personagem.

Depois, estabelecerão relações entre os personagens, por exemplo: “Vicente (primo) Lucas”. Finalmente, cada educando deverá criar um enredo esquemático para a história, por exemplo: “Lucas encontra Vicente na rua, ele está muito machucado”. Por fim, eles transformarão todas estas informações em uma história. Tempo da atividade: 150 min (3 aulas).

Na segunda etapa, Sensibilização sobre o tema, farei a exposição de todos os painéis produzidos pelos educandos nas paredes da sala, depois, cada educando lerá o seu texto e explicará para turma que semelhanças existem entre o conteúdo do poema e o texto produzido, além de justificar a escolha das imagens do mural.

Depois, responderão oralmente a alguns questionamentos feitos pela professora com relação aos seus textos: O que o personagem principal tinha de especial? Quais as características deste personagem? Quais eram os problemas enfrentados por ele? Ele sofria algum tipo de violência? Como reagiu e enfrentou os problemas? Você conhece alguém que já passou por situação semelhante? Em caso positivo, como esta pessoa reagiu? Como você reagiria, se estivesse no lugar do personagem principal? O que você aprendeu ao final da história? O texto é objeto de avaliação, a princípio, para mostrar como o educando escreve, por isso não estabelecerei regras para produção.

Ao final desta atividade, os educandos devem se reunir em grupos de 4 componentes e trocar experiências sobre casos de violência que eles tenham presenciado. Depois, a professora pedirá que eles relatem estas experiências para a turma e cada um deve gravar seu relato no celular. Tempo da atividade: 150 minutos (3 aulas).

Na terceira etapa, intitulada Produção escrita a partir de relatos pessoais, os educandos deverão lançar mão do material gravado na aula anterior para escrever seus relatos pessoais. Eles deverão trazer para sala, além da gravação que fez, uma imagem, fotografada no celular, que represente o local onde a história ocorreu (imagem real ou parecida), desta maneira, ao escrever com base na imagem, compreenderão que as histórias não acontecem no vazio, lembrando outro elemento da narrativa importante: o espaço. Tempo da atividade: 50 min (1 aula).

Depois, na quarta etapa, ocorrerá a Apresentação do volume 18 dos **Cadernos Negros**, quando os educandos socializarão as produções textuais da aula anterior. Esta socialização será através de pequenas dramatizações (15 min. para cada apresentação), o espaço da narrativa deve ser delimitado por eles, utilizando desenhos ou objetos para compor o cenário da história. Terão o tempo máximo de 60 minutos para que preparem esta atividade de apresentação, os grupos serão divididos de acordo com a quantidade de personagens envolvidos em cada história.

Ao final das apresentações, a professora pedirá que a turma sugira títulos para os textos dramatizados, explicando a importância do título e a relação título e obra literária. Depois, a professora espalhará pela sala, previamente, cartazes com títulos dos **Cadernos Negros** e pedirá que os educandos imaginem qual o assunto da história com base no título. Quem seria Ana Davenga? O que poderia ser contado numa história cujo título é “Saída”? e “Operação Candelária”, alguém já ouviu isto em algum lugar?

Eles deverão responder a esses questionamentos através de desenhos, representando o enredo da narrativa com base em sua imaginação. Estes desenhos serão expostos na sala, cada educando deverá escolher um título e um desenho para escrever um parágrafo narrativo. Após conhecer os contos, eles deverão comparar o início dessas histórias com as originais.

Depois deste primeiro contato com os títulos, a professora apresentará a obra de onde os textos foram retirados: sumário, nomes e fotografias dos autores. Será distribuído um pequeno quebra-cabeças, no qual os educandos deverão associar a

imagem do autor aos títulos das obras, nesta atividade, a turma será dividida em 3 grupos, cada um receberá uma pontuação, se combinar corretamente autor e título. Neste mesmo ritmo de gincana, eles farão uma pesquisa na internet sobre os três autores dos contos que serão estudados, esta pesquisa será realizada no laboratório da escola, acompanhados e orientados pela professora.

Os *sites* para pesquisa serão QUILOMBHOJE e LITERAFRO<sup>8</sup>. Eles trarão para sala o máximo de informações encontradas a respeito desses autores, ganhará a equipe que apresentar, de maneira mais criativa, a biografia deles. Sugestões: cordel, painel de imagens, slides, jogral, dramatização. Os colegas que estão assistindo, devem anotar todas as informações possíveis das outras equipes e produzir, ao final, um pequeno texto, contando a trajetória desses autores. Esses textos também devem compor o mural da sala junto com as imagens trazidas pela professora. Tempo de atividade: 200 min (4 aulas).

Na quinta etapa, será feita a *Apresentação do conto “Ana Davenga”* de Conceição Evaristo. Primeiramente, os educandos assistirão a um trecho do filme “Cidade de Deus”, em que os personagens representam uma cena similar a do conto “Ana Davenga”. Após a exibição da cena, os educandos responderão, escrevendo, aos questionamentos: Qual o episódio de violência relatado na cena? Isto acontece em nosso dia a dia? Qual a cor da pele dos personagens envolvidos neste episódio? Eles sofrem? Você sofreu ao assistir esta cena? Você acha que as pessoas que mais sofrem são negras?

Após responder a essas questões, eles deverão escolher uma música conhecida por eles e produzir uma paródia que apresente as respostas aos questionamentos anteriores. Levarei uma paródia e a música original correspondente para exemplificar:

---

<sup>8</sup> A utilização de novas tecnologias na educação pode gerar mais aproximação no aprender a aprender dos educandos, permitindo que eles utilizem os ambientes virtuais para desenvolvimento do conhecimento pretendido e, ao mesmo tempo, adquirir informações, fazendo com que no processo educativo ocorra uma aprendizagem autônoma, criativa e interativa, com diversas possibilidades de aprendizagem.

Paródia da música “Meu erro”<sup>9</sup> - Paralamas do Sucesso.

*TODOS SOMOS IGUAIS*

*Vou te dizer  
Você não quer enxergar  
Que o preconceito*

*É um desrespeito  
Para pra perceber  
Todos somos iguais  
Por isso não julgue  
Respeite bem mais  
Você diz que o preconceito  
É uma coisa errada  
Acha que as agressões  
Não fazem sentido nenhum  
Pare para perceber  
Que loucura  
Quem pratica a violência  
Deve ser castigado*

**Refrão**

*Tem uma coisa  
Que precisa mudar  
O bullying é um caso  
Pra denunciar  
Quem é gordo, ou alto  
Narigudo ou não  
Deve ser tratado  
Como qualquer cidadão*

*Nós todos exigimos  
Muito da sociedade  
Mas primeiro devemos  
Ver a realidade do problema  
Corrigir nosso erro  
Vale a pena  
Quem não quer preconceito  
Não deve julgar jamais*

Depois, os educandos farão a leitura do conto “Ana Davenga” em voz alta para a classe. Após a leitura, os educandos deverão preencher junto com a professora, um

---

<sup>9</sup> Ana Claudia, Karina, Marcos, Rafaela, Riry, Geovana – 8ª B. Disponível em: <<http://www.respeitareserhumano.wordpress.com/parodias>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

quadro comparativo entre a cena do filme e o conto, contendo os elementos da narrativa que serão explicados previamente.

À medida em que preenchem o quadro: personagens, narrador e foco narrativo, tempo, espaço e enredo, eles escreverão estas informações em grupos de 4 educandos, em um mural previamente preparado por mim.

Exemplo:

Quadro 1 - Mural para coleta dos dados

	CIDADE DE DEUS	ANA DAVENGA
PERSONAGENS		
NARRADOR		
FOCO NARRATIVO		
TEMPO		
ESPAÇO		
ENREDO		

Fonte: Elaborado pela autora

Ao final desta atividade, os educandos devem reproduzir frases narrativas, contendo partes do conto lido: essas frases formarão um quebra-cabeças. A sala será dividida em dois grupos, cada grupo ficará encarregado de montar o quebra-cabeças produzido pelo outro, formando uma sequência narrativa sobre o conto estudado e deverão colar em seus cadernos para apresentar na aula seguinte. Tempo da atividade: 100 min. (2 aulas).

Na sexta etapa ocorrerá a Apresentação do conto “Operação Candelária” de Lia Vieira. Inicialmente, os educandos farão a leitura dramatizada dos textos produzidos na aula anterior, pedirei que observem o que eles têm em comum com o que será apresentado nesta aula. Depois, apresentarei, em um cartaz, a imagem da notícia sobre a chacina da Candelária, ocultando o título. Os educandos deverão, com base na imagem, escrever um título em forma de pergunta. Apresentarei também uma notícia sobre a chacina dos 12 mortos do Cabula (Comunidade onde moram).

No lugar do título será feita a seguinte pergunta: Se fossem 12 brancos, teriam morrido? Os educandos deverão contar tudo que sabem, oralmente, a respeito dessas

duas histórias. De maneira organizada, o professor deve anotar todas as informações relatadas, no quadro. Os educandos receberão um membro da comunidade, convidado pela professora. Ele virá relatar sobre a Chacina dos 12 mortos, no Cabula, contando o que sabe e como isto atingiu diretamente sua comunidade. Os educandos farão as perguntas que desejarem a respeito do assunto e registrarão as respostas em seus cadernos. Em seguida, os educandos farão a leitura do conto “Operação Candelária” em voz alta, para toda a turma e o convidado, que depois deverá despedir-se da turma.

Os educandos deverão dividir-se em dois grupos de debates, assumindo dois papéis: um grupo defenderá a vida de Ana Davenga, personagem do conto anterior, o outro defenderá a vida dos meninos da Candelária, os grupos devem utilizar argumentos que envolvam a violência contra o negro, pobre e morador da periferia. (Para esta atividade de preparação: 100 min.; para o debate: 50 minutos). Tempo total para esta atividade: 150 min. (3 aulas).

Em seguida, na sétima etapa, será feita a Apresentação do Conto “Saída” de Cuti. A princípio, a palavra “morte” será escrita no quadro e os educandos escreverão outras palavras associadas a ela, com base na discussão do conto anterior: “Operação Candelária”. Estas palavras deverão ficar expostas no quadro.

O conto “Saída” não será apresentado aos educandos na íntegra, eles deverão ler, individualmente, e produzir o final do conto, utilizando todas as palavras escritas no quadro, esse final deve ser também surpreendente. Eles devem representar a história do conto produzido através de maquetes, utilizando materiais de suas preferências (dobraduras ou materiais reciclados). A turma será dividida em 4 equipes. As maquetes serão trocadas entre eles, que novamente produzirão o final da história a partir das produções dos colegas. Depois, os educandos lerão o final original do conto. As maquetes e as produções serão socializadas em forma de exposição para toda a comunidade escolar, ao final das atividades. Tempo da atividade: 150 min. (3 aulas). Finalmente, faremos a Produção de texto narrativo.

Na **Parte 1**, inicialmente, os educandos escutarão a música “Homem na estrada” (ANEXO E), cujo tema tem relação com os contos apresentados nas aulas anteriores, esta música dos Racionais Mc é uma das canções de maior sucesso do grupo de rap paulistano. Composta por Mano Brown, a canção conta os últimos dias da vida de um ex-presidiário - negro, pobre, morador da periferia - que busca reconstruir sua vida.

A narração é feita por um narrador que se coloca ao lado do personagem da letra. O foco narrativo muda, com o narrador misturando sua história dentro do próprio relato. Devo explicar, oralmente, esta mudança de foco narrativo. O fato do personagem ser ex-presidiário minimiza suas chances de ter uma vida comum novamente - inclusive, ao longo da letra, há versos que reforçam a presença da morte no cotidiano violento do personagem e a descrença na polícia.

O protagonista termina sendo acusado injustamente de participar de "assaltos na redondeza" e acaba sendo executado pela polícia, que invade seu barraco durante a madrugada. Após escutarem a música e se posicionarem oralmente a respeito do conteúdo e da relação existente entre este e os textos anteriores, os educandos irão produzir textos, em etapas, através de brincadeiras de roda<sup>10</sup>, descritas a seguir.

a) Batata quente da história.

A turma será organizada em roda e colocar-se-á a música para tocar. Enquanto isso, os educandos vão passando a bola. Quando o professor parar a música, quem está com a bola no colo continuará a história da parte que o professor parou. Caso não consiga continuar, sai do jogo. A brincadeira prossegue até a história ser toda contada e vence aqueles que ficarem até o final da história.

b) História rodada.

Será entregue uma bola na mão de um educando e esse começará a contar a história até onde desejar. Quando terminar de contar a história, passa a bola para o lado. O próximo colega continuará a história da parte que outro terminou, dando continuidade à narrativa. Caso o colega que recebeu a bola não se lembre da história para continuar, poderá passar a bola para o colega ao lado. O importante é a história não parar. Caso a história termine antes que todos participem, deverá ser contada mais uma vez até que todos participem. O objetivo é tornar a história cada vez mais conhecida.

As atividades anteriores têm como objetivo tornar o texto da história bem conhecido dos educandos para prepará-los para reescrita. Agora, eles devem

---

<sup>10</sup> A incorporação do lúdico no processo de ensino-aprendizagem visa fornecer um suporte para estimular a construção do conhecimento pelo educando. De acordo com Vygotsky (1984), é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. O trabalho com o lúdico é uma prática fundamental para ser utilizada em sala de aula em todas as fases de aprendizagem, pois através das brincadeiras e jogos, os educandos podem desenvolver habilidades cognitivas que os permitem criar e imaginar diversas situações.

reescrever os textos por completo. Os educandos deverão fazer isso individualmente. Esta história comporá um livrinho que os educandos produzirão ao final das atividades para apreciação de toda comunidade escolar.

**Parte 2:** nesta segunda fase de produção, os educandos começarão com a atividade c) Carrossel Narrativo. A classe será dividida em grupos de 8 a 10 educandos, que formam uma roda com uma folha de papel solta e uma caneta. Os educandos escolherão entre os títulos ou temas fornecidos pela professora, logo em seguida, ela dará o sinal e cada educando escreverá por um minuto, marcado no relógio.

Será dado o sinal e os educandos pararão onde estiverem, sem necessidade de completar a frase que estavam escrevendo, devem completar apenas a última palavra. Todos parados, os educandos trocarão de redação, girando todos no mesmo sentido (por exemplo, em sentido horário). Uma vez que as redações tenham girado no carrossel, todos as lêem.

Quando todos tiverem lido (1 minuto mais ou menos), o sinal será dado e todos continuam a narração, procurando manter coerência com o conteúdo anterior, por mais um minuto. O procedimento se repete até que a rodada se complete e cada texto chegue ao educando imediatamente anterior, ao “dono” original daquele texto. Neste ponto, a professora deve avisar que resta apenas um educando e a redação precisa ganhar um “final”.

No último sinal da professora, o último educando com a redação cria um final coerente para história que veio sendo construída, depois as redações são trocadas e chegam a seus “donos”. Após serem concluídas, as narrações serão lidas silenciosamente por todos os educandos, que deverão observar problemas de coerência e de continuidade nas redações.

Em seguida, elas devem ser analisadas coletivamente pela turma, com a direção da professora, que verificará se houve problemas de continuidade, especialmente de coerência, que tipos de problemas foram esses e como eles podem ser resolvidos, escrevendo uma nova versão, junto com a turma, na lousa.

Os temas serão escolhidos pelos educandos: A vida de um jogador de futebol negro; A história de um menino pobre que virou MC famoso; A vida de uma professora que mudou a realidade de uma comunidade escolar; O amor entre uma princesa e um gari. Esses textos produzidos também farão parte da exposição ao final das atividades.

Agora chegou a vez de solicitar textos inéditos, produzidos completamente pelos educandos, com base em alguns títulos que eles devem escolher: A vida secreta de um morador da favela; A revolta das baratas de esgoto; Quando os pobres dominaram o mundo; Minha vida como motorista de ônibus.

Os temas e títulos foram escolhidos previamente para mostrar ao educando que, algumas vezes, terão de produzir textos com um assunto determinado. Escrever a partir de um tema ou título é mais uma atividade diferenciada, dentro das propostas de produção de textos escritos.

Após a escolha do título para criação do enredo, os educandos deverão preencher um quadro de eventos para auxiliar sua produção. Ele será composto de frases curtas, que serão posteriormente desenvolvidas na forma do texto final. Depois que todos tenham construído o quadro de eventos, eles devem escrever um enredo interessante para sua história. Ao final da atividade, as histórias devem ser lidas para a classe. Corrigirei todas as redações, devolverei aos educandos, que farão a reescrita do texto, corrigindo os equívocos.

Exemplo:

Quadro 2 - Mural de eventos

Quando	O que aconteceu
Início:	
Meio:	
Fim:	

Fonte: Elaborado pela autora

Numa nona etapa, faremos o Planejamento e socialização das atividades. Os educandos deverão planejar, juntos com a professora e os colegas, como farão a apresentação de seus textos, os quais serão organizados em livrinhos para publicação dentro da comunidade escolar. Divididos em grupos, eles escolherão dentre as seguintes opções: varal interativo, manhã de autógrafos, peças de teatro, oficinas para comunidade, exposição oral das etapas de atividade ou outras ideias interessantes que possam surgir.

Serão disponibilizadas duas aulas para produção e ilustração das capas dos livros, que devem conter sumário e uma breve apresentação. Estes textos serão

corrigidos pela professora, durante a elaboração da atividade. Os educandos também produzirão convites para a visitação.

Na décima etapa, etapa de Visitação, todos os membros da comunidade escolar serão convidados previamente para a data estabelecida, os visitantes poderão fazer perguntas aos autores das histórias. Os convites devem estar em todos os setores da escola, de forma bem visível. No dia da visitação, os educandos deverão estar preparados para explicar cada etapa de desenvolvimento das atividades, até chegar a produção final.

### **3.5 Contribuições e resultados**

O processo de produção escrita não deve ser um ato de solidão, ao contrário, é um processo dialógico<sup>11</sup>, em que o professor deve buscar situações que coloquem o educando em contato com questões que favoreçam esta produção, apontando caminhos, procurando levá-los a trabalhar no campo das ideias, paralelamente, ao trabalho no campo das palavras.

Neste sentido, aplicarei as atividades em etapas, de maneira lúdica e obedecendo ao nível de desenvolvimento dos educandos com relação à produção dos textos escritos. Estes textos serão produzidos gradativamente e em todas as etapas de trabalho, para que eles produzam o máximo de textos possíveis e sejam avaliados continuamente.

Espera-se que, com a aplicação desta intervenção e o conhecimento adquirido através da leitura dessas obras e documentos, melhorar o nível de aprendizado dos educandos pertencentes ao sistema municipal de educação de Salvador, na escola onde atuo e que eles respondam positivamente à aplicação das atividades, atingindo um melhor nível de escrita de narrativas dentro e fora da escola, tornando-se indivíduos reflexivos, ativos e responsáveis pela construção de um mundo mais humanizado.

Além disso, pretende-se tornar o educando detentor do estágio em que se encontra com relação a sua produção escrita, através da divulgação dos resultados

---

<sup>11</sup>Para Bakhtin, o sentido do texto vai se construindo a partir da dialogia entre interlocutores (leitores e escritores) e os textos entre si. Ao construir sentidos, leitores e escritores, enquanto autores, interagem com o texto objetivando compreendê-lo a partir do conhecimento individual e das experiências trazidas de outros textos e/ou contextos na tarefa de construir sentidos. Tal tarefa pode ser compreendida enquanto dialógica (cf. Bakhtin, 2003).

alcançados até o final das atividades. É meu desejo também que eles adquiram maior conhecimento com relação às questões etnicorraciais, desconstruindo estereótipos acerca do negro.

Espera-se ainda que esta intervenção, ou algumas de suas atividades, modifiquem minha metodologia de trabalho na aplicação dos conteúdos escolares, como também dos professores da escola, a partir do exemplo de experiências exitosas reveladas ao final da proposta de intervenção.

Ao final da aplicação desta intervenção, será construído pela pesquisadora, um caderno pedagógico, contendo atividades exitosas desenvolvidas durante a aplicação da proposta de intervenção e outras atividades que eu julgar necessárias. Essas atividades devem facilitar a produção escrita de narrativas pelos educandos e proporcionar discussões etnicorraciais na escola, servindo de material didático para outros professores. Este caderno pedagógico será disponibilizado em um *site*, criado por mim e mais duas colegas do mestrado, Milena Paixão da Silva e Cláudia dos Santos Gomes com espaço para opinião do leitor, dúvidas, discussões e contribuições acerca das temáticas pertinentes.

## 4 PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

O desejo de mudança nas práticas pedagógicas cotidianas no que tange ao ensino de literatura e produção de texto na sala de aula, fomentou a proposta de intervenção aplicada nos meses de abril, maio, junho e julho de 2016, com educandos do 9º ano da escola municipal onde sou lotada e trabalho. Esta escola fica situada numa região periférica de Salvador e seus educandos, em sua grande maioria, são negros e pobres.

O gênero textual escolhido foi o conto e isso se deu por diversas razões: primeiro, por ser um dos gêneros de leitura que mais agrada aos educandos desta turma; depois, por apresentar uma narrativa curta, que possibilita a leitura em sala de aula; também, pelo fato de ser um gênero já conhecido, embora os educandos não tenham pleno domínio sobre sua concepção, e por existir, no mercado editorial, textos deste gênero, escritos por autores negros, e com temáticas que se aproximam da realidade dos participantes da proposta.

Os contos selecionados e os materiais didáticos foram escolhidos com base nas observações feitas em sala de aula e no resultado do perfil de experiência de leitura com o texto literário (Apêndice A), o qual, revelou, dentre outras coisas, que a maioria dos educandos não conhecia a Literatura Afro-brasileira.

A Literatura Afro-brasileira contemporânea, divulgada através dos contos da obra **Cadernos Negros**, tem como objetivo promover a aproximação do educando com o texto literário afro-brasileiro e isso por meio de textos que proporcionariam um diálogo com a comunidade e, assim, uma vivência, esta referenciada aos desafios diários vividos por estes educandos, com temas relevantes para sua vida, abrangendo uma construção e uma ressignificação do seu processo de aprendizagem.

### 4.1 A voz do educando – Perfil de experiência de leitura com o texto literário

Com o propósito de buscar estratégias mais eficientes para o trabalho com o texto literário em sala de aula, foi preciso traçar um perfil de experiência de leitura, em relação aos textos literários vivenciados pelos educandos dentro e fora da escola. Esse perfil foi elaborado a partir de um questionário objetivo e reflexivo (Apêndice A),

uma vez que se constatou ser o que avaliava diariamente aos educandos, quanto às suas experiências de leitura, não suficiente para um conhecimento mais aprofundado de suas relações com a leitura.

Foi necessário analisar o olhar do educando sobre si mesmo e seu histórico em relação à leitura. O resultado desta pesquisa forneceu outros elementos importantes, como a condição sociocultural das turmas e a relação de cada um desses educandos com a leitura e com a literatura. Os principais resultados desta pesquisa, revelados pelo questionário (Apêndice A), estão expostos nos gráficos e legenda apresentados ao longo do texto, na descrição da primeira etapa da proposta de intervenção.

A etapa Perfil do leitor foi pensada através dos elementos colhidos no questionário aplicado pela autora da pesquisa. Pôde-se constatar que, numa sala de aula, se possui uma rica e complexo conjunto de sujeitos e conhecimentos. Cada educando demonstra habilidades e gostos diferentes no que se refere à leitura, de maneira geral. Isto revela a importância de trabalhar com diferentes gêneros e temas variados, fugindo a regra persistente de formatar os educandos, geralmente adolescentes, como se todos gostassem da mesma literatura, o tempo inteiro, usando como justificativa a faixa etária em que se encontram. O gráfico abaixo demonstra que uma pequena parcela da turma possui o hábito de ler:

Figura 2 - Sobre o hábito de ler



Fonte: Elaborado pela autora

As respostas ao questionário contribuíram para desfazer a falácia de que os educandos não lêem. Todos eles lêem alguma coisa, em maior ou menor frequência, e podem escolher temas que julgam que são relevantes para sua vida, ou seja, não adianta levar a mesma literatura o tempo inteiro para sala de aula, é preciso diversificar, sempre, para atingir a todos os gostos, preferências e complexidades.

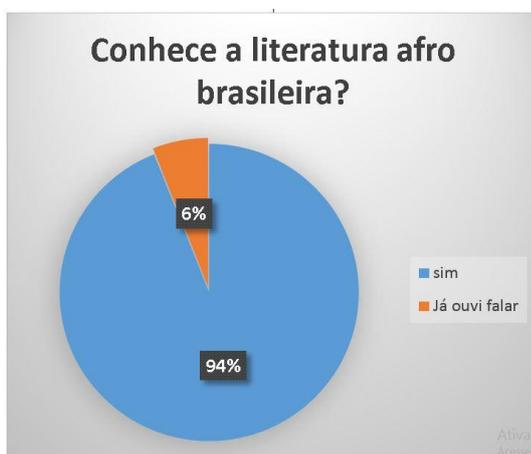
Cosson (2009) defende que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade acabada e pronta de ler textos literários, já que requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. É uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras, que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

O autor ainda ressalta que:

A diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (COSSON, 2009, p.35)

Em contrapartida, algumas dificuldades foram confirmadas a partir da análise das respostas do questionário. Houve a confirmação de que a escola não prioriza o trabalho com o texto literário, revelando-se, ainda pela pesquisa, que cerca de noventa e quatro por cento dos educandos (gráfico da figura 2) nunca ouviram falar em Literatura afro-brasileira, enquanto que seis por cento (gráfico da figura 2) disseram que já leram algum texto com a temática negra e noventa e sete por cento (gráfico da figura 3) responderam que a desejavam conhecer, o que reafirma a necessidade de que esses textos sejam trabalhados na escola e que a voz do educando seja valorizada pelo professor, para que eles possam conhecer o que têm vontade, no meio literário que a escola dispõe. O gráfico abaixo demonstra este resultado:

Figura 3 - Conhecimento da Literatura Afro-brasileira



Fonte: Elaborado pela autora

Este outro gráfico demonstra o desejo que os educandos têm de conhecer a Literatura Afro-brasileira:

Figura 2 - Vontade de conhecer melhor a Literatura Afro-brasileira



Fonte: Elaborado pela autora

Ouvir o educando é algo fundamental para replanejar e criar ações específicas para superação de obstáculos que, ocasionalmente, ocorrem ao longo do processo de aprendizado. Esta prática é necessária para que o educando assuma o seu protagonismo e construa, assim, ele mesmo, seu conhecimento e o professor seja apenas o mediador deste processo.

Além disso, é papel da escola formar o leitor literário. Isto é incontestável, já que o ato de ler não é uma habilidade inata nos educandos e ninguém nasce com gosto pela leitura; a tarefa de dar viabilidade e visibilidade ao ato de ler é do professor, cabendo a ele suscitar o letramento literário através das práticas de leitura em sala de aula, porém a escola atual tem priorizado apenas o ensino de análise linguística nas aulas de língua portuguesa, preterindo ao espaço do texto literário em sala de aula.

A aplicação do perfil de experiência com o texto literário (Apêndice A) também confirmou outras expectativas, as quais apontam para a inexistência de práticas pedagógicas que vinculem a leitura do texto literário à realidade do educando e que devem ser significativas para seu projeto de vida.

Isto é ressaltado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa do ensino fundamental:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário (PCNs, 1998, p. 36-37).

Outra questão-chave que foi analisada no questionário foi o gosto do educando pela produção de texto. As respostas, apresentadas no gráfico abaixo, comprovam a necessidade de aplicação desta proposta:

Figura 3 - Gosto pela escrita



Fonte: Elaborado pela autora

Depois da análise dos resultados apresentados pela turma, ficou claro que, para cumprirmos os objetivos propostos, seriam necessários o desenvolvimento das habilidades e competências para tal. Desta forma, pude chegar à conclusão da necessidade dessa intervenção pedagógica, para o melhor desempenho deles na escola.

Com a finalidade de motivação e de introdução da leitura de textos eminentemente literários, foi lido o poema "Um sol Guerreiro", de Celinha (Anexo A). Os educandos, diante da recepção deste ao texto, ficaram emocionados e, ao final da leitura, bateram palmas. Depois da leitura, a turma foi organizada em grupos, recebendo cada equipe folhas de papel coloridas para produção de painéis, nos quais, deveriam conter imagens que representassem a interpretação do poema "Um sol guerreiro". O poema é uma homenagem às crianças negras assassinadas todos os dias no mundo.

Figura 4 - Produção de painéis pelos educandos



Fonte: Elaborado pela autora.

Pude constatar, ao final desta atividade inicial, o quanto o texto literário afro-brasileiro sensibilizou os educandos e foi fundamental para o envolvimento deles nas atividades subsequentes. Eles ainda não possuem consciência do valor da leitura e da literatura em suas vidas, mas o envolvimento com as atividades e a emoção após a leitura do poema, possibilitou a percepção de que o gosto pela leitura e pela literatura pode ser desenvolvido através da aproximação do educando/leitor aos temas que se aproximam de sua realidade. A atividade também revelou um pouco do sofrimento que eles enfrentam, reflexo da discriminação racial e da violência vividas.

Figura 5 - Leitura do poema “Um sol guerreiro” através de imagens- grupo 2



Fonte: Elaborado pela autora

Os educandos sugeriram relatar, com base na interpretação que fizeram do poema, também oralmente, o que eles perceberam do que o autor quis mostrar, ou seja, o quanto a discriminação racial no mundo é verdadeira e de que maneira as pessoas reagem a esta discriminação, que, segundo os educandos, é de maneira excessivamente tímida e enviesadamente “pacífica”.

Isto ficou mais claro no recorte de uma cena dramática que apresentaram. A protagonista, ainda criança, negra e pobre, passa por muitas privações, como fome e frio, na cidade de Salvador. Um certo dia, é acusada de roubo por uma senhora, que a entrega a polícia. Dias depois, é encontrada morta embaixo de um viaduto.

Foi possível, também, perceber o quanto as questões acerca da discriminação racial abalam a autoestima dos educandos e influenciam o seu desenvolvimento psicossocial. Aqueles que demonstram revolta ou insatisfação com as questões discutidas, a partir do poema, também demonstram dificuldade nas atividades escolares e na relação com alguns colegas de classe.

Segundo Braden, a autoestima é a confiança na própria mente, na capacidade de pensar, escolher e julgar, além da confiança na capacidade de entender os fatos que ocorrem ao nosso redor e que condizem com nossos interesses e necessidades.

[...] Se falta a uma pessoa a sensação básica de autorrespeito, de valor pessoal, se ela se percebe indigna do amor e do respeito dos outros e não qualificada para ser feliz, se teme mostrar suas idéias, suas necessidades e vontades –reconhecemos uma deficiência em sua autoestima independente de outros atributos positivos que possa exibir [...] (BRADEN, 1995, p.18).

O texto abaixo<sup>12</sup> foi produzido para dramatização, o educando Willian<sup>13</sup> dos Santos, 14 anos, escreve uma história real: o atropelamento de seu amigo enquanto trabalhava em um semáforo de Salvador:

---

<sup>12</sup> A maior parte dos textos produzidos está apresentada nesta dissertação exatamente como foram escritos a primeira vez. Após a reescrita, para serem publicados, algumas partes foram modificadas.

<sup>13</sup> Todos os nomes dos educandos mencionados nesta dissertação são fictícios. O intuito é de preservar a identidade dos participantes.

Figura 6 - Texto para dramatização

Lugar de Guarino

Stão e os seus

Era uma vez um garoto chamado Marcus, ele é um menino muito prestativo e dedicado. Seu pai que seu família tinha dificuldades por dificuldades do pai, mãe Marcello não trabalhava e ele tinha que cuidar de seus outros dois filhos e seu pai não tinha dinheiro.

Depois do falecimento de seu pai, sua mãe ficou apressada com ele, fingendo de ~~se~~ fugir, assim como morreu na sua. Marcus decidiu em pouco de dinheiro no outro dia ele começou a trabalhar no sinalizante.

Marcus trabalhava todos os dias, mais ganhava uma moedinha, tinha um carro que pegava o dinheiro dele e ele trabalhava. Certo dia Marcus estava no trabalho quando ele foi atingido por uma mulher chamada Carla, ela pareceu ficar apressada, depois ele levou o hospital Carla perguntou a ele onde morava.

— Onde é que você mora agora?  
perguntou Carla

— Eu moro na sua casa.  
Responde Marcus.

Carla ficou muito feliz com a história de Marcus, ela o levou para um lugar, em outro dia o levou para a fazenda de criação e adotar.

Veio a sua mãe Marcello, ela veio a sua fazenda, ela tinha achado um trabalho e voltou para casa e para escola.

Fonte: Caderno de Contos Periféricos elaborado por Willian dos Santos, 14 anos

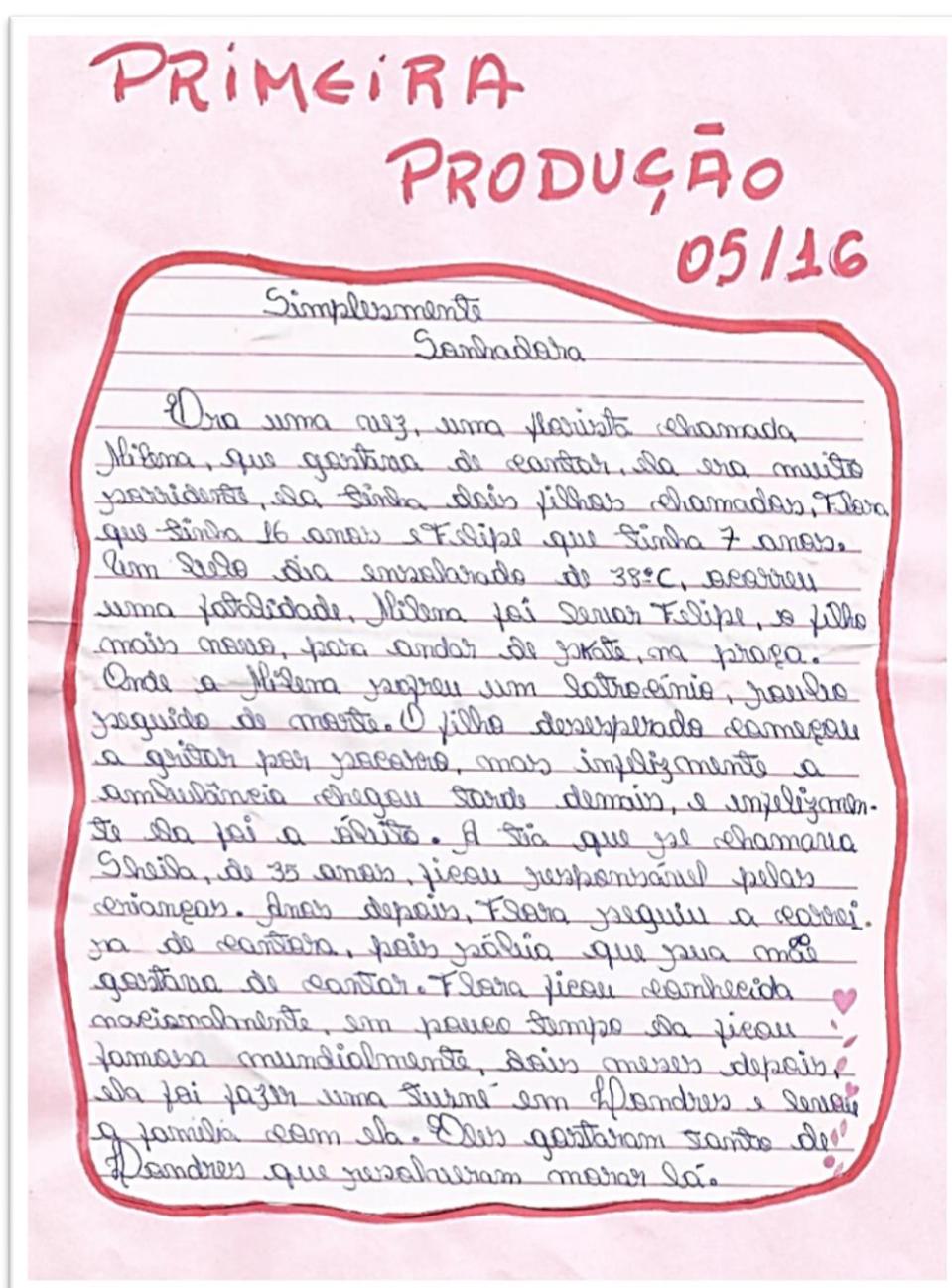
É importante salientar que durante a aplicação desta primeira etapa, muitas questões positivas foram observadas. Uma delas, exemplo é que os educandos tiveram pouco contato com o texto literário ao longo de sua vida escolar, mas não demonstraram dificuldade em interpretar o texto poético apresentado.

Depois da construção dos painéis, solicitei que eles trocassem o material com os outros grupos e construíssem narrativas escritas com base nas imagens. Esta

atividade serviu para identificar as inadequações com relação a escrita de textos narrativos. O tempo desta atividade ultrapassou o planejado, devido às muitas dúvidas que os educandos demonstraram com relação à estrutura das narrativas escritas. Eles produziram narrativas curtas, mas demonstraram que conhecem o gênero e alguns elementos que o compõe: personagens, narrador, tempo e espaço.

A narrativa abaixo apresentada indica que a educanda conseguiu compreender a temática de violência presente na produção do painel dos colegas:

Figura 7 - Narrativa inicial da educanda Larissa dos Santos, 14 anos



## 4.2 Conhecendo a literatura Afro-brasileira por meio dos contos e produção de narrativas

Os desafios revelados pelos resultados do perfil dos educandos analisados apontaram para necessidade de deslocamento destes desafios como uma grande oportunidade de desenvolvimento, transformando o ambiente de aprendizagem, atual, com a inserção dos educandos em atividades que proporcionem maior aprendizado e envolvimento deles com a Literatura Afro-brasileira. Foi preciso pensar em atividades que coubessem neste modelo ultrapassado de sala de aula, onde os educandos são tratados como iguais, sem considerar as especificidades.

As atividades planejadas demandaram diversos objetivos que foram suscitados pelas conclusões tiradas da análise do questionário: proporcionar autoconhecimento, combater aulas chatas, utilizar a tecnologia disponível, aproximação da realidade do educando, incentivar a participação e a intervenção na sociedade, para combater a violência explícita ou silenciosa e incentivar a estruturação de um projeto de vida, melhorando a autoestima dos educandos.

Através da produção de textos e da leitura de contos, tentei trazer estes objetivos, em maior ou menor grau, e de acordo com o envolvimento e desenvolvimento de cada educando, deixando-me fazer ver, pela repercussão desse texto no corpo de educandos da escola, que efetivamente a Literatura Afro-brasileira, através de seus contos, era o que mais atendia a realidade e necessidade desses educandos.

Na segunda etapa, intitulada Sensibilização sobre o tema, os educandos iniciaram fazendo a leitura dos textos produzidos na etapa anterior e respondendo oralmente a questionamentos feitos por mim: “O que o protagonista do seu texto tinha de especial?”; “Quais as características deste personagem?”; “Quais eram os problemas enfrentados por ele?”; “Ele sofria algum tipo de violência?”; “Como reagiu e enfrentou os problemas?”; “Como você reagiria se estivesse no lugar do personagem principal?” “O que você aprendeu ao final da história?”

As respostas dadas demonstraram que os educandos perceberam a temática de violência presente no poema e que se reconhecem como vítimas de uma sociedade excludente e racista. Os protagonistas, na maior parte dos textos, representavam pessoas sofridas pela discriminação. Alguns morreram ao final das narrativas, porém todos lutaram para mudar o quadro de violência que estavam vivendo.

Depois de apresentarem a produção, os educandos reuniram-se em grupos para discutir suas respostas e gravarem, em seus celulares, outros relatos de experiências sobre violência vivenciados nas comunidades onde moram. Esta foi mais uma oportunidade de produção de texto, com base na oralidade, para os educandos, que ficaram muito envolvidos nesta atividade, acreditando, a professora pesquisadora, que, pelo fato de poderem utilizar o aparelho celular para gravar suas vozes, o que certamente seria divertido para todos.

Na terceira etapa - *Produção a partir de relatos pessoais* - foi solicitado que os educandos trouxessem para sala o relato gravado na aula anterior e uma fotografia da comunidade onde os fatos relatados poderiam ter acontecido. A fotografia abaixo foi escolhida e colocada no mural da sala, para melhor visualização dos colegas:

Figura 8 - Favela Buracão



Fonte: Elaborado pela autora

Os relatos gravados mostraram um panorama de sofrimento vivido nas favelas onde os educandos residem: violência, invasão da polícia e intimidação dos jovens, abuso de poder por parte dos policiais, discriminação racial, falta de saneamento básico, fome e miséria. Em contraposição, para chamar a atenção de fatos não tão negativos, alguns também relataram a existência de projetos sociais, como por exemplo o “Terceiro Setor”, o qual visa melhorar a infraestrutura das ruas e calçadas nas favelas de Salvador; “Favela Orgância” que ensina moradores da região a aproveitarem os alimentos em sua totalidade e “Jovem Cidadão” que visa a interação social dos moradores da favela, assim como dinamizar o cotidiano da comunidade

com exibição de filmes, cursos de serigrafia e Inglês, exposição de fotografias e de pinturas e um brechó para arrecadar fundos e sustentar as ações planejadas.

Alguns educandos, revelando timidez, ao contar determinados fatos corriqueiros na favela onde moram - prisão de parentes e amigos, histórias de traição, brigas entre vizinhos e tráfico de drogas – finalizaram esta atividade com mais uma nova série de audições de relatos, que serviram para posteriores produções textuais.

Na quarta etapa, em que ocorreu a *Apresentação do Volume 18 dos **Cadernos Negros***, logo no início da aula, os educandos socializaram as produções textuais da aula anterior, fazendo a leitura para os colegas. Depois, reuniram-se em grupos, de acordo, com a quantidade de personagens de cada história, para preparar pequenas dramatizações com base nas produções. A preparação durou um pouco mais de 60 minutos, porém as apresentações não passaram de dez minutos para cada equipe.

Ao final das apresentações, pedi que a turma sugerisse títulos para seus textos. Expliquei a importância do título e a relação deles com os textos produzidos. A maior parte dos títulos sugeridos demonstraram total relação com a história produzida. Apenas três não conseguiram fazer esta relação. A aluna Paloma Souza, 14 anos, produziu o título “Está faltando alguma coisa”, contando a história de uma menina que sentia falta do pai, que morreu quando ela ainda era criança.

Em seguida, espalhei pela sala cartazes com os títulos dos contos dos **Cadernos Negros** que seriam estudados em outras etapas e pedi que eles imaginassem como seriam estas histórias, com base nos títulos. Esta foi uma estratégia para despertar a curiosidade dos educandos para os contos que seriam apresentados depois. Os educandos comunicaram oralmente sobre que assunto deveriam tratar nos seguintes contos “Saída” (ANEXO C), “Ana Davenga” (ANEXO B) e “Operação Candelária” (ANEXO D). Percebi que esta foi uma atividade bastante prazerosa para eles, por conta da ludicidade, funcionando, assim, como um jogo de adivinhação com base em algumas pistas.

Ainda provocando uma motivação para leitura dos contos, a obra de onde os contos foram retirados foi apresentada à classe em *slides*: capa, sumário e fotografias dos autores. De posse desses elementos, eles se dirigiram ao laboratório de informática e fizeram pesquisas sobre a biografia dos autores nos *sites* sugeridos: QUILOMBHOJE E LITERAFRO. Nesta atividade, os educandos contaram, de diversas maneiras, a trajetória dos autores: a maioria optou pela apresentação em *slides*, apenas uma equipe apresentou uma dramatização, contando a história da

autora Conceição Evaristo de forma leve e descontraída. Segue um trecho da fala da narradora Paloma dos Santos, 14 anos, da cena apresentada na fotografia:

Conceição Evaristo, negra forte e determinada, nasceu em Minas Gerais. Ela não se submeteu ao racismo, lutou, lutou muito, pois a favela é lugar de pessoas assim. Não conheceu seus pais, foi empregada doméstica, mas chegou a ser professora, mestre e doutora.

Figura 9 - Ensaio da dramatização: Conceição Evaristo



Fonte: Elaborado pela autora

Como era esperado, as histórias de vida destes autores negros - de superação e muito bonitas - sensibilizaram de fato os educandos, servindo, assim, de exemplo para motivá-los e superarem suas dificuldades na escola.

Na quinta etapa, na Apresentação do conto “Ana Davenga”, os educandos demonstraram uma grande curiosidade de conhecer o conteúdo do conto. Primeiramente, assistiram um trecho do filme “Cidade de Deus”, onde os personagens apresentam uma cena semelhante à narrativa. Em seguida, foi feita a leitura do conto em voz alta para a turma; após conhecerem a história de Ana Davenga, eles preencheram um quadro comparativo (quadro 1) com exemplos de todos os elementos da narrativa, presentes nas duas histórias; ao final desta atividade, os educandos produziram frases narrativas, contendo partes do conto lido e colaram em

seus cadernos para que fossem apresentados na aula seguinte. Estas foram, por exemplo, algumas frases produzidas por Ana Santos, 15 anos:

Ana Davenga ouviu toques apressados na porta do barraco e se assustou'; "Ela procurou pelo seu marido"; "Ele não estava lá"; "Os homens e mulheres cercaram ela."; "Eles contaram a esperada notícia."; "Ana Davenga não aguentou.

Os educandos relataram que conhecem muitas "Anas Davengas" na comunidade onde moram e eu sugeri que contassem oralmente estas histórias, preservando o nome dos seus conhecidos. Esses relatos envolveram os educandos e o tempo da atividade foi ultrapassado em trinta minutos.

Figura 10 - Exibição da cena fílmica Cidade de Deus



Fonte: Elaborado pela autora

Na sexta etapa, a percepção de que ainda vivemos numa ideologia que exclui negros e pobres foi reafirmada a partir da Apresentação do conto "Operação Candelária". Acredito que a escola, a partir de agora, através das atividades pedagógicas, deve criar planos e metas para que cada vez mais os educandos se conscientizem na situação de vulnerabilidade que eles vivem e lutem para denunciar e combater esta realidade.

Por estas razões citadas, a leitura do texto "Operação Candelária" foi a que mais emocionou os educandos. As semelhanças entre o ocorrido na frente da Igreja da Candelária no Rio de Janeiro e a "Chacina dos 12 mortos", vivenciada por eles,

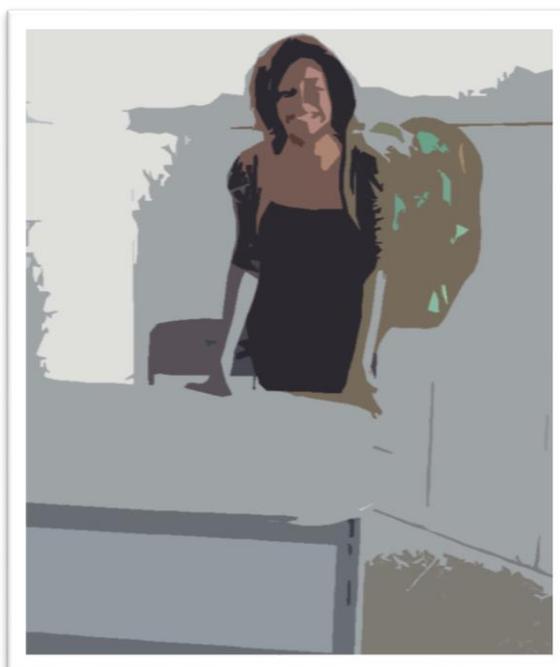
trouxe vários questionamentos e demonstrou muita revolta por parte deles, pelo fato de acharem que a Justiça não foi cumprida, nos dois casos.

Os educandos relataram várias situações de amigos e parentes deles que estavam direta ou indiretamente envolvidos nesta tragédia ocorrida em 2015. Lucas do Nascimento, 13 anos disse:

Meu primo, que não estava envolvido com drogas, morreu com o corpo perfurado por mais de cinquenta tiros, eles dispararam mais de 500 tiros, foram duas horas de terror! Eu queria ter uma arma e vingar a morte de meu primo, porque a polícia nunca vai prender os colegas deles.

A ideia de trazer um membro da comunidade para responder perguntas a respeito deste fato foi, a princípio, rechaçada por eles, com a justificativa de que algumas pessoas foram ameaçadas por participarem de protestos que visavam demandar soluções para o crime cometido. Consegui, no entanto, convencê-los a trazer a tia de uma educanda da escola e fazer uma entrevista sigilosa, apenas em nossa sala de aula, prometendo não divulgar a entrevista concedida por ela.

Figura 11 - Membro da comunidade convidado



Fonte: Elaborado pela autora

As perguntas (Figuras 14 e 15) foram formuladas em grupo na aula anterior à visita. A maior curiosidade deles era saber se os jovens assassinados estavam

envolvidos mesmo com o tráfico de drogas, como foi noticiado e se estavam armados no momento da chacina, ou seja, gostariam de saber as razões das mortes. Para eles, ficou evidente que o episódio foi mais uma evidência do racismo do qual são vítimas diariamente.

O depoimento de um educando Windson Borges, 15 anos, a respeito do que leu na internet, ao pesquisar, sobre a Chacina da Candelária fez com que a turma se emocionasse novamente: “Professora, li em um *site* que os jovens negros têm 2,5 vezes mais chances de morrer do que um jovem branco. Acho que só de sair na rua, já corro o risco, olha a minha cor”.

Estas situações levam a reflexões sobre o quanto é preciso, investir na Literatura Afro-brasileira e o quanto os educandos, de maneira geral, deixam de expressar suas insatisfações e de discutir questões que os incomodam por falta de oportunidade e pela falta de sensibilidade dos profissionais envolvidos com a educação.

A função da literatura nas aulas não deve ser apenas esta, mas também em relação a importância dessas discussões na formação do cidadão, no sentido de um adulto capaz de se posicionar criticamente. A literatura, outrossim, dará esta sustentabilidade a criança e ao adolescente, que o habilitem a resolver problemas no futuro, saber driblar as diferenças e fazer boas escolhas. A literatura pode funcionar como ponto de partida para tudo isso.

As atividades correspondentes a esta etapa, culminaram com um debate onde eles deveriam defender a vida dos meninos da Candelária e a protagonista do conto “Ana Davenga”. A força argumentativa, não muito presente em narrativas, revelaram amadurecimento dos educandos com relação aos temas discutidos. Percebi que eles estão preparados para produzir outros gêneros textuais mais bem escritos e com mais conteúdo.

Faz-se necessário dizer que os educandos anteciparam uma etapa de aplicação e acrescentaram outra. O exemplo de antecipação foi um educando, Windson Borges, 15 anos, trouxe para classe a música “Homem na estrada” dos Racionais Mc’s (ANEXO E), a qual estava planejada para motivação da etapa final de produção textual. Ele disse: “Professora, este conto fala exatamente do conteúdo de uma música dos Racionais Mc’s, “Homem na estrada”. Vou trazer para senhora conhecer.” A audição da música foi feita, com a atividade de produção foi replanejada para o final.

O exemplo do acréscimo de etapas foi que eles ficaram curiosos sobre o conhecimento e envolvimento da autora ao produzir o conto “Operação Candelária” e diante de tantos questionamentos por parte deles, sugeri que escrevessem as perguntas em uma folha de papel e que um deles deveria ficar encarregado de enviar as perguntas para a autora Lia Vieira por e-mail. Eles ainda não obtiveram respostas, porém a possibilidade de falar com a escritora os motivou bastante para esta atividade, que se configurou em mais uma produção textual quando elaboraram as perguntas e o e-mail. Perguntas muito inteligentes foram elaboradas pelos educandos:

Figura 12 - Questionamentos de 9 educandos



Fonte: Elaborado pela autora

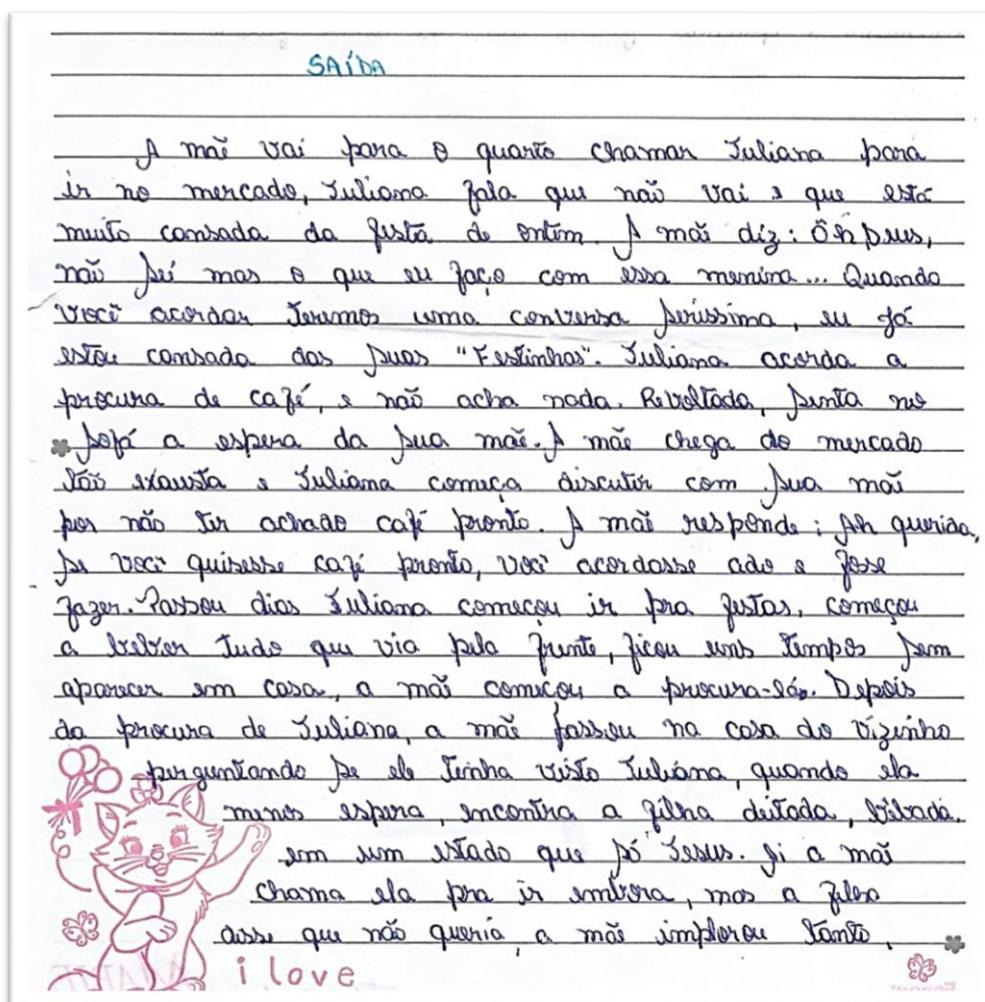
Figura 13 - Continuação dos questionamento dos educandos



Fonte: Elaborado pela autora

Na sétima etapa, a leitura para *Apresentação do conto “Saída”* veio somar e enriquecer muito as discussões a respeito de violência e racismo. O conto não foi apresentado na íntegra, e os educandos produziram o final da narrativa, mas depois fizeram a leitura da história original. Esta foi mais uma oportunidade de produção textual e de avaliação da qualidade da escrita dos educandos. Pelo tamanho do final produzido, percebo que eles estão muito mais motivados a escrever textos muito maiores do que os iniciais.

Figura 14 - Produção textual da educanda Fernanda de Jesus, 13 anos



Fonte: Caderno de Contos Periféricos

A leitura do conto original foi realizada pelos educandos de maneira muito prazerosa, após a leitura, na qual, muitos dles relataram que os fatos se assemelhavam a histórias de suas vidas.

#### 4.3 Momentos lúdicos de leitura e produção

Gostaria de assinalar antes do relato desta experiência que as atividades desenvolvidas proporcionaram momentos muito agradáveis, que trouxeram reflexões para minha prática e para os educandos, sobre sua realidade, fomentando, assim, a curiosidade sobre a Literatura Afro-brasileira e tornando a maior parte da turma leitora e produtora de texto literário. Descobri, assim, que devemos lançar mão da ludicidade com uma maior frequência e obtive a confirmação de que aproximar o educando de

temáticas significativas para eles é, de fato, o caminho mais apropriado para que o educando seja protagonista do seu aprendizado.

Na oitava etapa, a produção de texto narrativo, ocorreu após a apresentação da música “Homem na estrada”, a qual se faz relação com os três textos trabalhados anteriormente. A história de um ex-presidiário, negro, pobre e morador da periferia, que tenta reconstruir sua vida e a possibilidade de inclusão social, fez com que os educandos relatassem episódios comuns de violência em suas comunidades, produzindo narrativas orais. O educando Willian dos Santos, 14 anos, disse que precisa esquecer tudo o que passou quando seu irmão mais velho foi executado pela polícia na frente de sua família. Os colegas demonstraram muita curiosidade pelo caso e foram, um após outro, contando casos muito parecidos com o que foi narrado.

Após estes relatos e a audição da música, os educandos produziram textos, oralmente, através de brincadeiras de roda: Batata quente da história e História rodada. O envolvimento deles nesta atividade foi surpreendente. Resgatar as brincadeiras de roda em sala de aula funciona até para educandos em idades mais avançadas, conforme visualizamos:

Figura 15 - Imagem de brincadeiras de roda



Fonte: Elaborado pela autora

O objetivo destas atividades foi tornar o texto bastante conhecido dos educandos, para motivar a produção final deles. As produções foram individuais e fazem parte do livrinho produzido por eles para culminância da proposta e apreciação

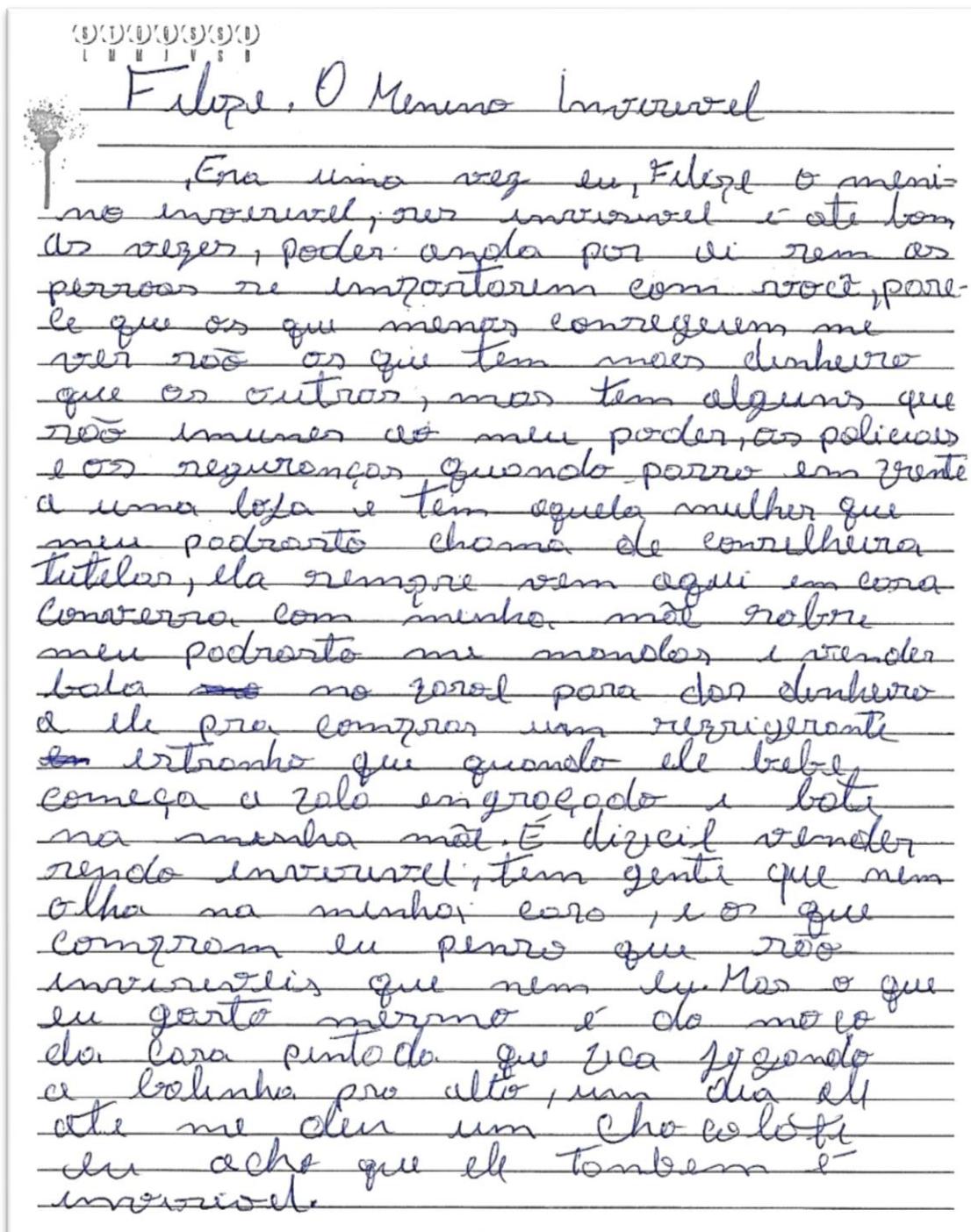
da comunidade escolar. Abaixo, estão dois exemplos produções, uma delas em forma de rap, uma escolha do educando:

Figura 16 - Produção textual do educando Pedro Lucas Vieira, 14 anos

As Lágrimas

Ao nascer do sol as lágrimas, que se cai.  
 Um sonho perdido que não volta nunca mais,  
 Das trevas a solidão  
 Da luz uma resgateação  
~~Minima corrente de abraço com beijos muita~~  
~~amor e emoção.~~  
 Menina corrente de beijos e abraços com  
 muita emoção.  
 Vivo uma vida sem valor, da injustiça,  
 agressão e sem um pingo de amor  
 com um trabalho sem valor, um vento  
 forte atormentador.  
 Sonho com um futuro melhor, mas será que  
 Deus me tira desse pinguete de meus lençóis.  
 Mas como sonho se pra sobreviver eu  
 tenho que trabalhar.  
 Quero estudar para quando crescer um  
 futuro melhor por meus filhos da.  
 Mas como os pais de cores chore perdido  
 um futuro melhor ao meu senhor.  
 "Pai me tira o meu coração, pois não aguen-  
 to mais de tanta dor e frustração."  
 O dia acaba mas a noite mau chegou, pois  
 os agressões e os abusos me transforma  
 em lamentações de puto de terror.  
 Ao me deitar rezo para Deus me ilumina,  
 me da força e coragem para um futuro  
 melhor chegar, sabedoria e dedicação para  
 sair desse mundo de destruição.

Figura 17 - Produção textual do educando Lucas do Nascimento, 13 anos.

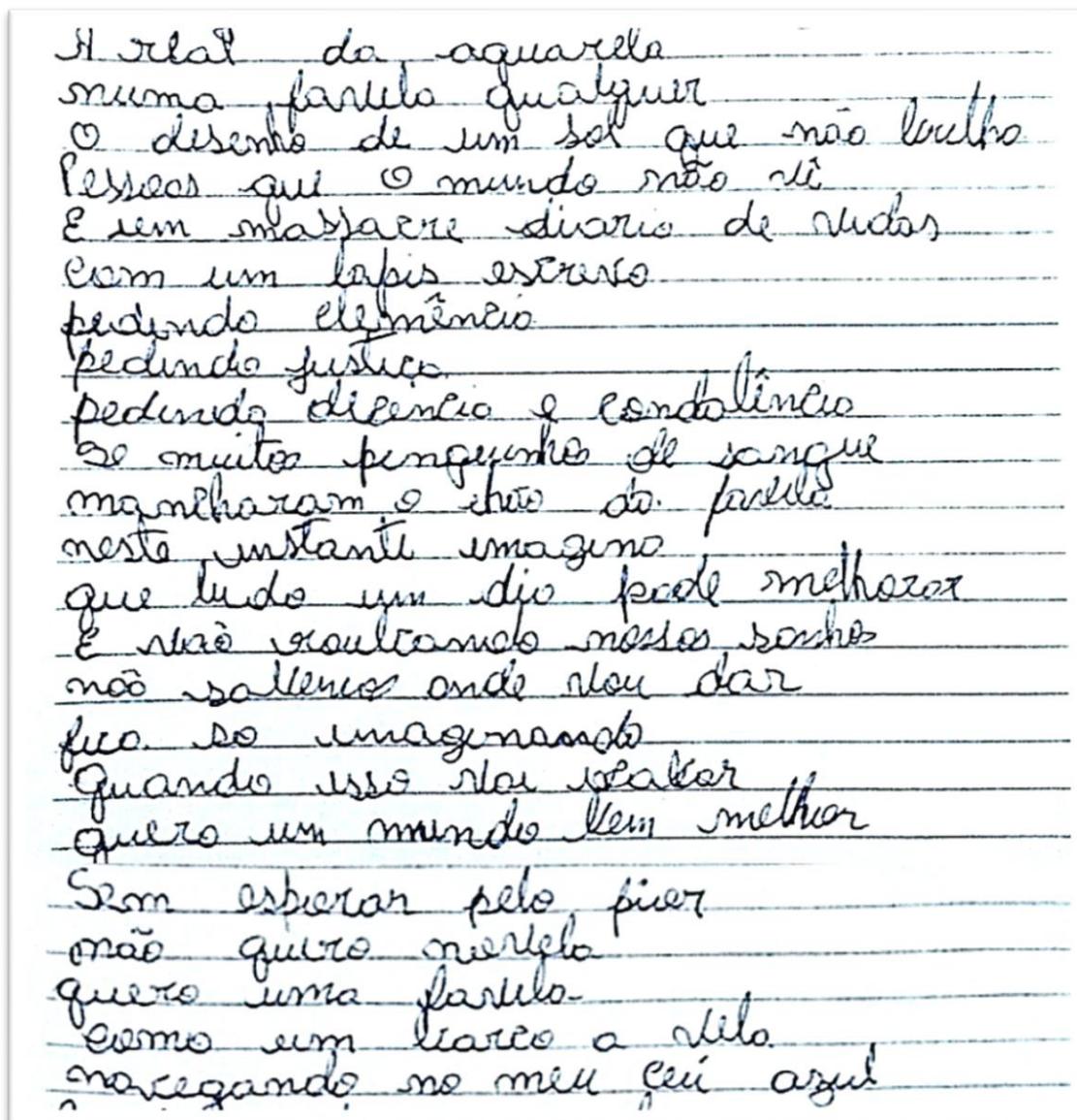


Fonte: Caderno de Contos Periféricos

Vários questionamentos foram feitos aos educandos sobre racismo e violência: “Se o racismo é forte na favela, se pessoas de classe média alta sofrem tanto os impactos da violência quanto eles, se na classe média alguém sofre racismo e se eles se sentem discriminados no lugar onde moram ou em outros espaços”.

Alguns responderam, produzindo paródias. O exemplo de uma paródia produzida com a música “Aquarela” de Toquinho que confirma o sofrimento pelo qual eles passam diariamente na periferia onde vivem, em razão da violência:

Figura 18 - Paródia produzida com a música “Aquarela”



Fonte: Caderno de Contos Periféricos

A real da aquarela

Numa favela qualquer

O desenho de um sol que não brilha

Pessoas que o mundo não vê

E um massacre diário de vidas

Com um lápis escrevo

Pedindo clemência  
Pedindo justiça  
Pedindo decência e condolência...  
Se muitos pinguinhos de sangue  
Mancharam o chão da favela  
Neste instante imagino  
Que tudo um dia pode melhorar  
E vão roubando nossos sonhos  
Não sabemos onde vai dar  
Fico só imaginando  
Quando isso vai acabar  
Quero um mundo bem melhor  
Sem esperar pelo pior  
Não quero novela  
Quero uma favela  
Como um barco a vela  
Navegando no meu céu azul

Lucas Nascimento, 15 anos.

A segunda parte de produção de textos desta etapa, foi bastante prazerosa para os educandos, a ludicidade foi usada como meio de atender às dificuldades de produção ainda apresentadas por eles, propiciando meios de interação entre os educandos com maior e menor grau de dificuldade nas produções de narrativas escritas, incentivando, assim, a aprendizagem cooperativa, para resolver o problema inicialmente proposto na intervenção: a ausência de produção de texto.

#### **4.4 Resultados e avanços apresentados pelos educandos**

Os educandos demonstraram motivação para participar das atividades de produção de texto do início ao fim. Isso trouxe questionamentos sobre a prática pedagógica adotada até então em sala de aula. Para os educandos, as mudanças sofridas foram bastantes visíveis e significativas e as aulas muito mais interessantes. A nona etapa traz os resultados das produções.

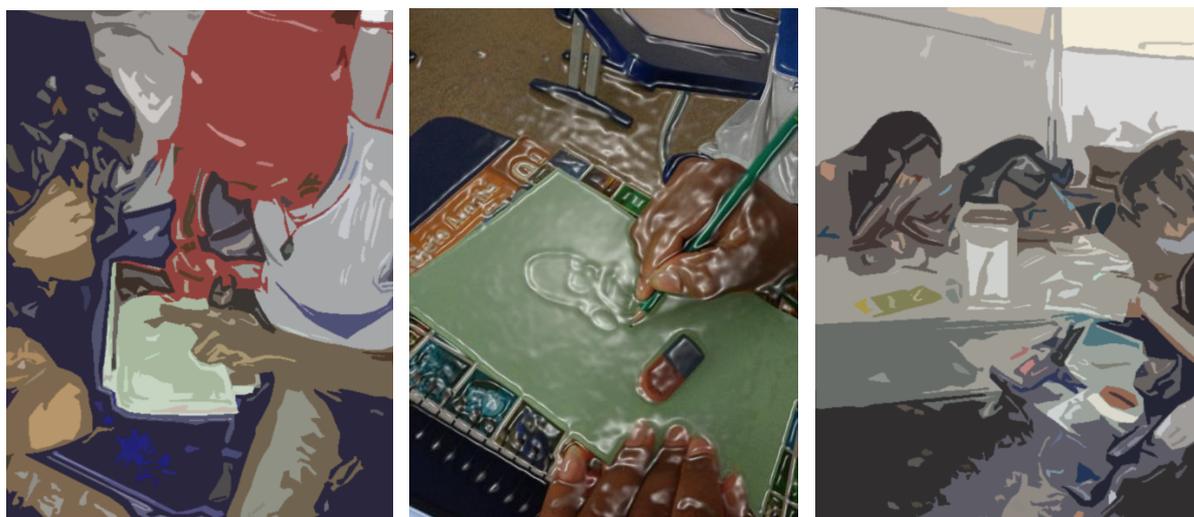
Nesta etapa foi feito o Planejamento e socialização das atividades. Os educandos já estavam de posse de todas as suas produções corrigidas, após o que, montaram, em grupos, livros contendo as narrativas finais produzidas por eles. Foi uma das atividades que eles mais gostaram de fazer e se envolveram muito porque

puderam utilizar outras formas de arte e muita criatividade para produzir as capas e conteúdo dos livros.

Primeiro, eles planejaram como fariam a apresentação de seus textos e decidiram pela exposição pública no Dia da Família na Escola, para os membros da comunidade escolar, num espaço onde todos pudessem manusear os livros e ouvir seus relatos a respeito das atividades. Depois, de posse de todas as produções textuais corrigidas, eles produziram as capas dos livros onde colocariam seus textos. Por fim, produziram os convites para distribuir entre os membros da comunidade escolar.

O planejamento da culminância fez despertar um espírito de responsabilidade e liderança na turma, porque foram delegadas tarefas por grupos de educandos como: organização do espaço, ornamentação, músicas, lanche, oradores e convites. Tudo saiu como planejado e os pais elogiaram bastante o trabalho dos educandos.

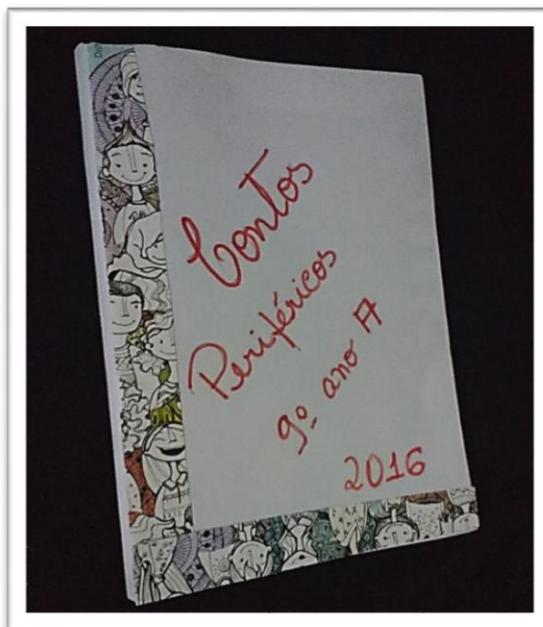
Figura 19 - Produção dos livrinhos de contos



Fonte: Elaborado pela autora

Na última etapa, os educandos iniciaram as atividades arrumando e decorando o local para a Visitação e recepção dos pais; eles se dividiram em grupos de trabalho, cada grupo com sua tarefa. Após o pronunciamento da gestora escolar, apresentaram um pequeno relato da proposta e das atividades desenvolvidas e convidaram os pais para o espaço reservado por eles para leitura dos contos.

Figura 20 - Capa de livro produzido- grupo 3



Fonte: Elaborado pela autora. Contos que fazem parte deste livro: Filipe. “O menino invisível”; “Está faltando alguma coisa”; “A lei da favela”; “Os trilhos da vida” e “Lucas, ofavelado”.

Os educandos apresentaram seus trabalhos com muita desenvoltura, recebendo elogios da gestão escolar e coordenação pedagógica. Falaram um pouco sobre a importância de ter conhecido a Literatura Afro-brasileira e sobre a preferência por determinados temas em suas produções de narrativas escritas:

Figura 21 - Orador da turma



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 22 - Visitação dos pais



Fonte: Elaborado pela autora

Foi muito gratificante ver os educandos se expressando tão bem diante do público e escrevendo textos de maneira envolvente, utilizando o que aprenderam durante o trimestre, se interessando por outras leituras, deixando a Literatura Afro-brasileira fazer parte de suas vidas, se relacionando melhor, acreditando em seu potencial e gostando mais de si mesmos. Tudo isso demonstra que as mudanças nas aulas de Língua Portuguesa devem ser constantes e que o professor deve investir em tempo e qualidade, procurando conhecer os educandos, para que a educação de fato aconteça.

Acredito que a Literatura Afro-brasileira fará parte de suas vidas e seus interesses no campo literário com mais frequência, porque revelou algo novo e ao mesmo tempo muito próximo de suas histórias de vida, seus anseios e aflições. A Literatura Afro-brasileira mostrou um caminho mais prazeroso na busca do conhecimento, respondeu as suas indagações e necessidades reais, além de desenvolver um senso crítico e melhoria da escrita.

A tarefa da professora, como agente mediadora desta cultura literária que não fazia parte da vida destes educandos, veio somar e proporcionar socialização entre os colegas, a capacidade criadora que envolveu a produção das narrativas finais, demonstrou amadurecimento de ideias e conceitos, além de comportamentos e

atitudes de leitores e produtores de textos, que dirigem seu próprio processo de aprendizado.

Estas atividades e outras que serão futuramente aplicadas servirão de exemplo para uma mudança mais efetiva e mais abrangente na escola, pois os educandos não se calarão diante de aulas enfadonhas e monótonas. Vejo as mudanças como definitivas na conduta dos educandos, creio que eles serão grandes produtores de texto e farão suas vozes serem ouvidas a partir de agora, afinal, eles não cabem mais na antiga cena.

## 5 TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR E DA PRÁTICA DOCENTE

Para que ocorram mudanças na prática docente, o professor não pode ser um profissional transmissor, que apenas deve repassar conhecimento ao educando, sem analisar sua prática e verificar a contribuição da mesma para seu avanço ou retrocesso. É necessário pesquisar o que não está funcionando bem em sala de aula, avaliando as reais necessidades do educando, sabendo ser uma ouvinte de suas demandas e planejando estratégias que sejam eficientes para diminuir gradativamente o que dificulta o processo de aprendizagem.

Para planejar atividades que sejam significativas para todos e criar possibilidades de mudanças, o professor deve assumir uma posição mais ativa, identificando o saber que está ou deve ser construído e criando meios de conhecer os educandos e a realidade cotidiana deles. Foi tomando em conta esse critério, tanto quanto ponto de partida como finalidade, que esta proposta foi planejada, em etapas, para que se pudessem, de maneira gradativa, atingir as reais necessidades dos educandos.

### 5.1 A pesquisa e a ação para mudar a realidade

Na primeira etapa, *perfil do leitor*, apliquei um questionário (Apêndice A) para averiguar a experiência do educando com a leitura e a literatura, mais precisamente a Literatura Afro-brasileira, supondo ser essa pertinente para a turma onde tal proposta seria executada. As respostas deste questionário mostraram que quase nenhum deles tinha acesso a esta literatura e, por isso, seria inconcebível que educandos negros, pobres e moradores da periferia, não se apropriassem da leitura desses textos, com temas e enredos que se aproximam da história de vida deles, uma literatura, enfim, escrita por negros e para negros. Esta foi uma atividade que trouxe resultados importantíssimos para determinar o que seria de fato pertinente fazer em sala de aula e que material que deveria ser utilizado.

Estes resultados revelaram que a maioria dos educandos não conhece a Literatura Afro-brasileira, que não possuem o hábito de ler nem de escrever. Como professora da turma, já havia verificado que os educandos possuíam muita resistência para escrever textos e que esta resistência ocorria porque liam pouco, liam textos sobre assuntos que não lhes despertavam o interesse e que por estas razões, não

tenham conteúdo suficiente para escrever. O resultado do questionário aplicado comprovou essas deficiências da turma.

Mesmo diante dos resultados apresentados no questionário aplicado, confirmando que os educandos que não possuem o hábito de ler nem de escrever e também nem conhecem a Literatura-Afro-brasileira, o tempo para planejar, no entanto, junto aos outros professores da escola e igualmente com a coordenação pedagógica é sempre insuficiente, tanto para compartilhar experiências quanto para discutir estratégias para que os educandos possam elaborar melhor seus textos escritos.

Sabe-se que a produção textual é tarefa de todas as disciplinas e não uma atividade exclusiva das aulas de Língua Portuguesa, porém, em alguns momentos, o professor tem que criar mecanismos, solitariamente, buscando maneiras para resolver o problema da não produção pelos educandos.

A atividade posterior à aplicação do questionário, Leitura do poema “Um sol guerreiro, demonstrou que os educandos gostaram da temática apresentada através do texto (Anexo A) e se emocionaram com a homenagem prestada pela autora às crianças negras. Isto motivou a aplicação das outras atividades exatamente como foram planejadas.

Este primeiro contato, com um texto cuja temática trata de questões que abrangem as histórias de vida de indivíduos negros, emocionou muito os educandos. Depois disso, a produção de painéis proposta os envolveu bastante, demonstraram interesse e gosto pela atividade, causando curiosidade para conhecer outros textos da Literatura Afro-brasileira.

A proposta de produção de texto com base nos painéis produzidos foi aceita de imediato pelos educandos. Nesta etapa, os educandos ainda não conheciam os contos dos **Cadernos Negros** e a maior parte produziu narrativas cujo conteúdo não demonstrava relação com a Literatura Afro-brasileira, embora, em alguns textos, discutiu-se temas relacionados as suas reais necessidades e vivências, como por exemplo: o trabalho infantil.

Os textos produzidos foram curtos porque visavam uma pequena avaliação da forma como estavam escrevendo e também introduzir aos poucos as práticas de escrita a que os educandos não estavam acostumados e, por esta razão, poderiam resistir ao trabalho proposto.

Figura 23 - Produção textual sobre Trabalho infantil

Trabalho Infantil

Era uma vez uma mulher de nome Roany, nasceu em Maragogipe em 1967 e ficou lá até completar 30 anos e desde então começou a trabalhar em uma feira perto da casa dela vendendo coisas e quando completou 30 anos foi dada pela mãe dela a uma ~~cozinha~~ conhecida de sergipe, mais quando chegou lá ela balança a menina para trabalhar paga água gás que naquele tempo não tinha água encanada e então ela usava a menina para fazer as coisas para ela até de noite, até que um dia o ~~mãe~~ mãe da menina foi visitar e viu a filha dela toda suja e então ela pegou a filha dela e levou embora com ela mais a situação da mãe da menina não era boa e então ela resolveu ~~ir~~ ir embora para Salvador onde procurou trabalho doméstico para fazer gás que ela não podia ir frequentar a escola, foi difícil nos primeiros dias mais depois ela ~~arranjou~~ conseguiu um trabalho fixo apesar de as pessoas sabem que não pode dar trabalho para menores de idade eles deram, naquele tempo não existia o projeto Geração Aprender que ajuda de horários e refeições e dar tempo para as crianças estudarem, mais Roany conseguiu estudar mais parou na quarta série ela sabe escrever e ler não muito bem mais sabe ler e alfabetizada e hoje trabalha como passadeira de roupa tem três filhos e não deixa falta nada pra eles.

Fonte: Elaborado pela educanda Lorena Lisboa, 14 anos.

## 5.2 Leitura literária ganhando espaço no cotidiano escolar

Geraldi (2003) nos mostra que, para fazer surgir o interesse pela leitura nos educandos, é preciso que o professor inicie a prática da leitura por textos curtos, como os contos, por exemplo, despertando primeiro a curiosidade nos educandos, para posteriormente introduzir a leitura de narrativas mais longas, ou seja, romances e novelas. O autor relata, ainda, que a partir das leituras com os textos curtos é que o professor deve propor a produção textual. O autor revela ainda que “o texto deve servir de pretexto para a prática de produção de textos orais ou escritos” e a escola é responsável pelo incentivo a esta leitura e produção.

Na segunda etapa, Sensibilização sobre o tema, iniciamos a atividade com a leitura das produções feitas na etapa anterior e estes textos serviram de base para a produção de outros. Esta estratégia funcionou muito bem, sendo que os educandos se sentiram valorizados pela leitura de seus textos e demonstraram motivação para escrever mais. A temática negra já se encontra presente em alguns textos produzidos nesta etapa.

Figura 24 - Maior conto produzido

*OK* O Loureiro da vida

No meio das grandes montanhas frias, entre o inverno de uns de agosto de 1916, sobre os trilhos havia um infernuzado e coberto de neve da natureza da noite passada. Os campos verde de uns estavam totalmente desertos, e os bosques de primavera estavam secos e sem folhas. O país nessa época estava enfrentando uma grande crise econômica por causa das falências das fábricas das cidades e a demissão dos muitos funcionários que não tinham emprego.

Jim Austin um garoto de 8 anos morava com sua mãe de 33 anos e seu pai na região baixa da cidade, seu pai estava desempregado há 3 meses, e trabalhando na estação de trem como limpador de tapetes para ganhar uns trocados para não ficar sem comida durante o inverno, mas ainda funcionavam as padarias, e a loja de roupas e roupas e equipamentos de um ainda estavam abertos, mais com pouco movimento, porque muitos moradores estavam se mudando e poucos estavam. A mãe de Jim estava doente com problemas no pulmão e na garganta, e seu pai estava doente com o aumento da dor no peito no inverno. Os hospitais da cidade estavam interditados com falta de especialização médica.

- Não o pai ainda não chegou da estação, hoje ele disse que não chegar mais aqui por causa da interdição dos trens.

Ele fala com uma senhora que estava sentada no banco da estação ao seu lado mas já se levantou silenciosamente, ela está vestindo um vestido azul de flores

amarelos e tecido roxo com um vale-matron e uma  
 bengala de modelo antigo, colhos extremamente curtos,  
 e usando um óculos no nariz e outro para enxergar.

- Seu pai vai chegar, a última locomotiva ainda não  
 chegou.

Poucos minutos depois um trem chega e varios passa-  
 geiros saem do vagão, Jim procura por seu pai no meio  
 das pessoas, um homem velho com barba branca e  
 cabelo e dentes antigos de inverno. o garoto vai cor-  
 rido abraçar seu pai, ele abraça um outro passageiro mais  
 tentava abraçar um terceiro dele (LIVE)

Naquela noite na hora de dormir, Jim e sua  
 mãe dormiam num quarto pequeno ele dormia num colchão  
 azul no chão e sua mãe dormia numa cama longa azul  
 com colchões novos que ficaram no armario no canto  
 do quarto, seu pai dormia em outro quarto do outro  
 lado do corredor da sala, tinha um sofá verde e  
~~uma~~ uma cozinha com panelas velhas e uma panela  
 grande com o resto da sopa que sobrou do jantar.

Tinham alguns deuses na parte direita do terreno  
 onde um deus ficava num quentinho com uma família  
 pequena suspenso, ali era um diabinho com uma diabinha,  
 uma formiga que trazia agua corrente fria, os panes está-  
 vam por pouco rachados nos quartos e na cozinha

No dia seguinte depois de comerem o resto  
 da sopa do noite anterior e uma pequena salada

Jim abraça ao pai que ia no lugar dele na  
 estação de trem porque ele não que ele os abraçasse por  
 por causa do frio e não podia ir mais no trem.

Ele seu pai melhorar, Jim vai a estação para ganhar  
 uns trocados nos vagões de trem limpando os tapetes  
 dos passageiros um troco de moedas para ajudar sua  
 família.

Fonte: Elaborado pelo educando João Paulo Rocha, 15 anos.

De acordo com o que foi relatado muitas vezes, não se cobra, nessa atividade, uma diversidade, nem nas produções textuais, e nem mesmo a relação entre os temas propostos e as experiências cotidianas dos educandos, estes com dificuldades de apreciar a escrita, pois, como relata Geraldi (2003, p. 65) "a produção de textos na

escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os educandos escrevem para o professor (único leitor que lê os textos)". Ao saber que leriam seus textos ao final da atividade, os educandos produziram seus textos com mais empenho e atenção.

Isto demonstra também a necessidade de que a prática textual precisa ser pedagogicamente adequada ao fim a que se destina. O mais difícil para o educando é quando precisa escrever um texto e não saber o "porque, para que ou para quem escrever". E qual a perspectiva que o educando tem a respeito da prática textual, se o professor não diz qual a razão de sua escrita? De acordo com Marcuschi (2005, p. 151) "A escola manda escrever, ela não ensina como escrever, [...] a escola pressupõe uma aprendizagem cumulativa e não interativa."

A terceira etapa, Produção a partir de relatos pessoais, trouxe histórias produzidas, também, oralmente, pelos educandos, muito ricas em conteúdo e que demonstravam uma certa angústia do educando com as questões que sofrem, mais especificamente, a discriminação racial.

Estas histórias, com protagonistas pobres, negros e vítimas de violência, denunciam a situação de vulnerabilidade que os educandos enfrentam no dia-a-dia por conta das ações da polícia e da negligência do Estado, das instituições e do governo, responsáveis pelo bem-estar destes jovens. Essas narrativas, mesmo curtas, expõem também que esses jovens se indignam com os episódios de violência vividos, embora não cheguem a fazer nenhum tipo de protesto contra isso.

Os educandos envolvidos nesta proposta sentem na pele o processo de exclusão e com suas histórias, narraram feridas não cicatrizadas de aprendizagem e de vida que não são só deles, mas de toda uma população marcada pela exclusão social, por ser negra, por ser pobre, por depender de um sistema educacional decadente num país que ainda rejeita os negros, principalmente através da violência velada, o que demonstra uma urgência de atitudes que garantam a protagonização de seus direitos de cidadãos. A proposta desta atividade de alguma maneira ajudou os educandos no reconhecimento da sua situação atual de sujeito negro.

A maior parte dos educandos optaram por contar histórias reais em suas narrativas, essas produzidas para a dramatização na etapa subsequente, na tentativa de publicizar que são as vítimas de violência e exclusão social. Dão-se, assim, a eles a oportunidade de falar e eles falam. Certamente, se tivessem oportunidade de protestar, o fariam também, porque claramente demonstram um "grito preso na garganta" através dos textos produzidos.

Isso ficou muito mais evidente na quarta etapa, *Apresentação do volume dezoito dos **Cadernos Negros***, quando os educandos apresentaram pequenas dramatizações das histórias produzidas anteriormente. Foram bastante criativos nas apresentações, algumas engraçadas, outras irônicas, mas em todas, a temática da violência estava presente.

Seguindo a sequência planejada, após as apresentações, foram escolhidos os títulos das obras elaboradas, os quais se tornarão conhecidos nas outras etapas. Quase todos os educandos produziram títulos bastante relacionados com as histórias contadas, correlacionando o assunto e o posicionamento do texto. Apesar do binômio título e tema, serem parecidos, geraram algumas dúvidas, as quais foram esclarecidas em classe.

Logo depois, os educandos passaram a conhecer os títulos dos contos que seriam lidos nas etapas subsequentes. Nas paredes da sala ficaram expostos títulos como “Saída”, “Operação Candelária” e “Ana Davenga”. A classe demonstrou muita curiosidade ao ver os títulos e começaram a perguntar o que iríamos fazer com eles. Ante de responder que eram títulos das narrativas a serem estudadas, os educandos deveriam supor que história poderia ser contada com aquele determinado título. As hipóteses foram muitas e diversificadas. Foi uma atividade divertida para os educandos, como um jogo de adivinhação. Muitas suposições que majoritariamente nada tinham relação com o enredo do conto, porém foi importantíssimo este jogo, uma vez que atiçou ainda mais a curiosidade por parte dos educandos, além de exercitar a relação título/história contada.

Com objetivo de provocar ainda mais a curiosidade dos educandos e motivá-los para leitura dos contos dos **Cadernos Negros**, apresentei a obra em slides: capa, sumário e fotografia dos autores. Os educandos manusearam o livro, elogiaram a capa e fizeram perguntas sobre quando iríamos fazer as leituras. A curiosidade e a expectativa estavam estampadas em suas faces.

Em seguida, os educandos foram levados ao laboratório de informática da escola para pesquisar sobre a biografia dos escritores dos contos: Cuti, Conceição Evaristo e Lia Vieira. Eles deveriam escolher uma forma criativa de contar a história de vida desses autores para turma. A maior parte utilizou slides para apresentar os autores. Os que escolheram dramatizar as histórias o fizeram de maneira muito leve e divertida.

Os educandos consideraram a história de vida de Conceição Evaristo a mais bonita, rica em detalhes e manifestadamente sofrida. A luta desta escritora e dos outros pesquisados, o orgulho da trajetória acadêmica, demonstrando superação dos limites impostos por uma sociedade racista e excludente, de fato serviu para fazê-los refletir sobre as suas lutas pessoais dentro da favela onde moram e seus desempenhos escolares. Posso afirmar que a autoestima desses educandos melhorou substancialmente após aplicação desta intervenção pedagógica, eles acreditam muito mais nas mudanças que podem ser provocadas pelo seu desempenho na escola.

Os contos apresentados nas etapas seguintes, embora com finais trágicos, casaram com a história dos autores, pois são protagonistas que enfrentam problemas decorrentes do racismo e exclusão social. Foi importante mostrar para os educandos, antes da leitura dos contos, que nem todo negro está condenado a morte, mas que a luta contra esta sociedade excludente, segregadora e racista é de todos e atinge a todos, negros e não negros.

Conhecer a biografia da autora Conceição Evaristo antes da quinta etapa, Apresentação do conto “Ana Davenga”, despertou a curiosidade dos educandos para leitura do conto. Os estudantes assistiram, a princípio, a cena fílmica de “Cidade de Deus”, filme que a maioria já conhecia, mas que gostam de assistir, como eles próprios disseram. Imediatamente depois foi lido o conto, e percebi que os educandos ficaram chocados com o final da história e ao preencher o quadro comparativo (quadro1), contaram que conheciam várias “Anas Davengas” em suas comunidades e a morte de traficantes era algo recorrente no cotidiano deles. Isso demonstrou que os educandos não se acostumam com a violência, como já ouvi de alguns professores. Eles ainda sofrem muito com estes finais infelizes.

A partir daí, passaram a contar muitas histórias das várias “Anas Davengas” que conheciam e o tempo previsto para a atividade foi ultrapassado, porque constatei que o relato dessas experiências é muito importante para eles, é uma oportunidade de falarem sobre o assunto sem que sejam repreendidos, sintam medo ou vergonha.

Posso considerar que a sexta etapa, Apresentação do conto “Operação Candelária” foi a que mais trouxe resultados positivos e onde os educandos extrapolaram em questionamentos e participação, acreditando eu que foi devido ainda sentirem na pele a injustiça sofrida pelos jovens negros assassinados na ocasião da Chacina dos 12, no Cabula, comunidade da qual fazem parte. Após a leitura, muitos

relataram conhecer os jovens envolvidos nesta tragédia. Apresentando diversos relatos, após os quais, apresentei a imagem da Chacina da Candelária, que emocionou muito os educandos.

Figura 25 - Chacina da Candelária 1993



Fonte: Google. Disponível em: [www.google.com.br/search?q=imagem+Chacina+da+Candelária](http://www.google.com.br/search?q=imagem+Chacina+da+Candelária)

Eles disseram que se sentiram representados nestes corpos, por serem negros e que esses episódios são bem próximos da realidade deles. Já era esperado que nenhum educando ficaria indiferente ao conto “Operação Candelária”, porque a história trazida nele não é inocente, mas possui por trás um viés político muito forte e persuasivo.

Precisei estar muito atenta e sensível para, no momento oportuno, instigar questões que provocassem uma mudança de atitude dos educandos com relação a esta violência, reflexo do racismo de que são vítimas. O professor não pode se calar sobre situações que estão sendo mostradas diante de seus olhos e pedem uma urgência para serem solucionadas. Sobre isso Nilma Lino Gomes (2008, p. 11) ressalta que:

[...] O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação raciais nas diversas instituições educacionais [...] contribuiu para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mas do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimo de seres inferiores.

O professor pode e deve quebrar este “silêncio”, através de textualidades que tentem viabilizar a sensibilização dos educandos, quando ao longo da proposta, se estabelecem diálogos entre as questões que afligem as personagens e as suas vivências.

Após conhecer o conto e a apresentação da imagem, eles fizeram a leitura da notícia sobre a Chacina na internet. Percebi em seus olhos muita tristeza e curiosidade para saber mais a respeito do assunto. A partir daí, despertou nos educandos uma imensa curiosidade de saber a respeito do envolvimento da escritora Lia Vieira com a história. As perguntas (FIGURA 15), muito inteligentes, dizem respeito à segurança e à opinião da escritora a respeito da tragédia. As perguntas mostram que eles reconhecem os riscos que correm na favela todos os dias, que as ações da polícia são vingativas, injustas e racistas.

Seguidamente a esta atividade os educandos debateram sobre o tema, divididos em dois grupos de trabalho e logo em seguida foi lida a notícia da Chacina dos 12 mortos. (ANEXO G). A partir da leitura da notícia, vários relatos foram feitos por eles, alguns, que conheciam as vítimas, demonstraram muita insatisfação com o descaso da Justiça. Outros disseram que estas pessoas morreram por serem simplesmente negras e pobres; muitos dos educandos, no entanto, ficaram calados, porém, muito atentos a todas as discussões.

Num outro momento, eles entrevistaram a tia de uma educanda, que foi convidada para responder perguntas a respeito da Chacina. Isso tocante porque ela viveu de perto os fatos, pois é moradora da comunidade. O que eles mais queriam saber sobre a Chacina era se os jovens negros reagiram a ação da polícia conforme noticiado, ou seja, queria a certeza de que as mortes foram mesmo sem nenhuma razão além da discriminação racial.

Nesta entrevista a convidada se mostrou muito reticente e receosa para falar sobre o assunto. As reflexões feitas pelos educandos, no entanto, fazem pensar que a escola, de maneira geral, precisa também assumir a discussão sobre a questão racial, que ainda hoje se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema. A escola é responsável, enquanto instituição social, por assegurar o direito da educação a

todas as raças. Os professores, com efeito, precisam se posicionar politicamente contra toda e qualquer forma de discriminação, independentemente do seu pertencimento etnocorracial. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todas as pessoas e instituições, inclusive, à escola.

Mas não vemos na escola ainda planos de ensino que visem o combate ao racismo, nem propostas para se trabalhar as relações etnicorraciais, de maneira positiva, despertando entre negros e não negros, a consciência da cidadania. É preciso oferecer meios em sala de aula para que os negros se orgulhem de sua origem africana e para que os não negros também possam fazer parte de um processo de reconhecimento da existência do racismo e desejem também combatê-lo.

A leitura dos contos não foi apenas pensada como uma forma de introduzir a Literatura Afro-brasileira em sala de aula, mas também em trazer reflexões sobre a condição dos educandos, socialmente excluídos, por razões já dissertadas aqui, além de provocar reflexões e mudanças de atitude diante de uma sociedade excludente.

Na sétima etapa, a Apresentação do conto “Saída”, também contribuiu para provocar reflexões a respeito do ser negro. A princípio, escrevi no quadro a palavra “Morte” e eles foram atribuindo significados a ela: “sofrimento”, “perda”, “dor”, “mãe”, “escuridão”, “medo”, “revolta” e “desconhecido”. Eles disseram que nunca haviam parado para pensar no significado desta palavra, embora seja muito utilizada por eles. Percebi que ficaram muito reflexivos a partir daí e apresentei parte do conto.

Antes de conhecer o final da narrativa, os educandos produziram o final do conto, e percebi, nas produções dos contos, que os educandos desejam muito transformar suas histórias de violência em histórias com finais mais felizes. Eles sofrem e desejam a mudança desse cenário de violência onde estão mergulhados. “Jurandir, o protagonista do conto, pode ser encontrado em qualquer esquina da favela”, e os educandos assim afirmavam.

Os efeitos das reflexões através da leitura desses contos e da produção dos textos, em suas vidas escolares, ainda não podemos mensurar, mas a apresentação da Literatura Afro-brasileira, com toda certeza, gerará muitos frutos positivos. De acordo com o relato dos educandos, eles desejam conhecer outros textos afro-brasileiros. O gosto pela leitura de textos com esta temática foi despertado.

A atividade posterior, produção de maquetes também possibilitaria que o educando extravassasse suas angústias, mas não foi possível produzi-las em

tempo, e por isso esta atividade foi subtraída porquanto a escola passou um período com meio turno de aulas: os educandos eram dispensados porque não tinha merenda escolar. Produzir maquetes demanda tempo e a atividade havia sido planejada para ser feita em sala de aula, desse modo, acabou sendo subtraída do projeto.

### 5.3 O conhecimento prático alcançado

Na oitava etapa, Produção de texto narrativo, descobri que os educandos já estavam gostando mais de ler e conseqüentemente, escrevendo mais. As atividades lúdicas oferecidas nesta etapa, a partir da música “Um homem na Estrada (Anexo E) foram muito divertidas e prazerosas. As narrativas escritas na íntegra foram muito elogiadas pela comunidade escolar.

O lúdico foi uma importante ferramenta para incentivar a produção de narrativas. As atividades propostas fizeram com que eles produzissem textos orais, com mais elementos, e textos escritos com mais qualidade. Embora ainda demonstrem certa preferência por narrativas orais, eles estão escrevendo muito mais.

As narrativas, escritas, na íntegra, foram muito elogiadas pela comunidade escolar. Os textos produzidos não só evidenciaram mais qualidade como também criatividade. O texto abaixo foi produzido pelo educando Carlos Eduardo Nascimento, 15 anos, que segundo ele, nunca havia produzido um texto até o final da página.

Figura 26 - Produção textual do educando Carlos Eduardo Nascimento, 15 anos

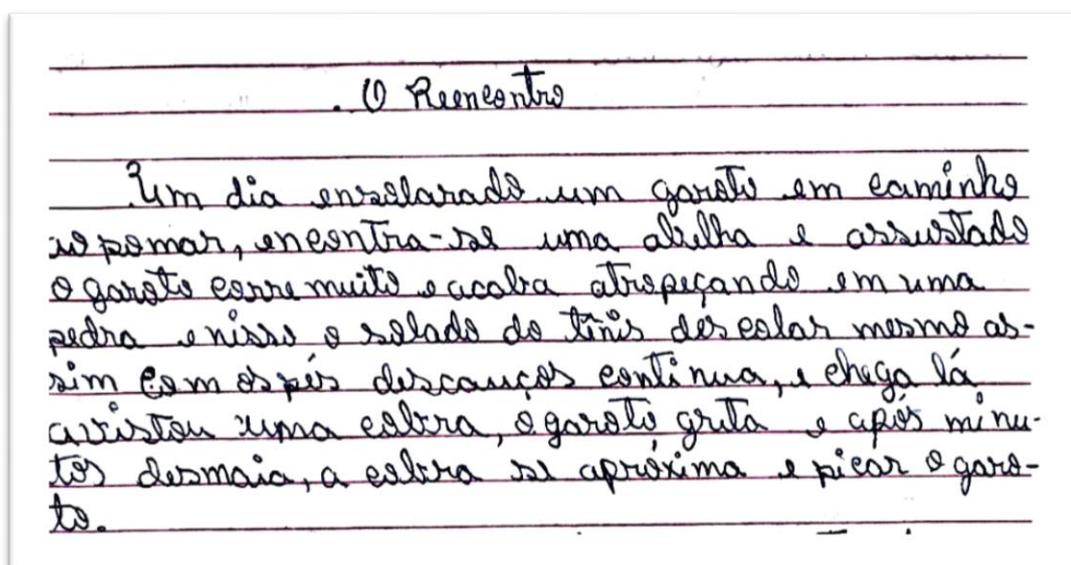


Figura 27 - Continuação do Texto do educando Carlos Eduardo Nascimento

Após horas jogado no chão, uma garota enfiar e ao vê-lo desmaiado não se desespera e leva para o hospital, ao chegar ela conta a recepcionista que não sabe o que aconteceu com ele e a recepcionista diz que vão fazer alguns exames para saber o que aconteceu com ele.

Depois de algumas horas os exames ficaram prontos e iam precisar de doação de sangue, pois o sangue dele foi contaminado com uma picada de cobra o doutor dizendo a ela o que aconteceu, pede para vê-lo, deixam e quando chega no sala, ele estava se sentindo mal e imediatamente precisaram por um novo sangue pois ele iria morrer. Rapidamente ela diz que o sangue dela é AB positivo que é o mesmo que ele precisa e faz a doação.

Teve boatos da imprensa nos jornais e assim que a mãe dele ficou sabendo, em 5 minutos, ela estava no hospital quando chega, uma enfermeira conta os detalhes a senhora, pois estava muito preocupada: "Senhora, seu filho está em uma cirurgia muito delicada. Oh, aquela garota o encontrou em um pomar, desmaiado e desequilibrado quando chegou aqui ele estava inconsciente e não pode dizer nada, mais já fizemos exames, ele foi picado por uma cobra por uma picada venenosa e precisa de do sangue, mais por uma sinfonia de Deus a garota que o encontrou tem o mesmo tipo de sangue dele e agora estão fazendo a cirurgia, só resta esperar!"

- Qual das aquelas garotas é a que salvou o meu filho?, diz a mãe do garoto

- Olhe! É aquela ali. diz a enfermeira

- E esta mulher foi falar com ela.

- Com licença sou a mãe do garoto que salvou agradeço muito. Diz a mãe

- Não tem de que, senhoras. Respondeu a garota.

Figura 28 - Continuação do Texto do educando Carlos Eduardo Nascimento

Nesse exato momento a enfermeira chega com nete e as da cirurgia que acabou, elas se dem para ver o garoto. Ao chegar na sala do doutor disse para a mãe que ele ia passar mais três dias em observação após a visita ele ainda dormindo, elas vão embora.

Nos dias em que ele continuou no hospital ela o deixava flores no quarto dia que foi visitá-lo, ela não estava mais lá. Ela não tinha contato dele.

Passa-se muitos anos e ela acabou casando e depois de dez anos casados de contu e a um que um dia por um momento uma cobra, ela ficou sem palavra ao pensar que ele poderia ser o garoto da sua infância e ele continuou a conta e disse que aquela garota era o amor dela mesmo sem ter visto ele, quando ele terminou de contar e escreveu uma lágrima dos olhos dela, ele diz quando eu era mais novo escrever um garoto de uma picada de cobra e jurou o amar profundamente ao estar com ele.

“Passei a vida procurando uma mulher que sempre estivesse ao meu lado, no início que ela sempre pensava nela todas as noites de como ela seria, ela sempre teve comigo...”

...Eu não me cansava de imaginar seu rosto, seus olhos, sua boca... Graças a Deus nós sempre estiveremos juntos!”

Depois dessa declaração eles se separaram quando ela morreu em um acidente de moto, mais se reencontraram no céu, pois meses depois ele morreu em seguida por de pressão

#### 5.4 Passeio pelas narrativas

No Planejamento e socialização das atividades, nona etapa, a produção dos livrinhos de contos, mostrou amadurecimento dos educandos e muito orgulho de suas produções textuais. Podemos dizer, assim, que a auto-estima deles aumentou consideravelmente. Em grupos, os estudantes planejaram e elaboraram como seria esta apresentação das produções textuais para comunidade.

A partir do planejamento desenvolvido ao longo das discussões, durante esse processo, os educandos foram estimulados a elaborar a reescrita da história, as capas e ilustrações do livro. Essa ação buscou o desenvolvimento da criticidade e da leitura de mundo, colocando em prática diversas habilidades, através da produção textual e de técnicas de artes visuais como desenhos e colagens.

A visitação, décima etapa também foi muito importante para que os educandos se sentissem valorizados. A presença da família, para apreciar os seus trabalhos, foi muito importante, notei que eles estavam felizes e seguros, demonstrando desenvoltura ao apresentar oralmente o seu processo de produção.

Todos os procedimentos, bem como todos os trabalhos, foram registrados pelos educandos. Um deles realizou a apresentação, através de narração de história, trabalhando a voz das personagens. Isto valorizou os trabalhos e despertou o interesse dos visitantes para leitura dos textos durante a culminância.

A exposição dos trabalhos realizados pelos educandos contou com a participação de muitas pessoas, pais e professores da escola, além de uma representação da Gerência Regional de Educação do Cabula. O momento final e mais esperado do evento foi o encontro da comunidade com os educandos/escritores das narrativas. Um educando conduziu um relato emocionante sobre sua trajetória de vida, seguido de um bate-papo em torno de sua produção literária.

Os educandos ficaram muito felizes com a possibilidade de interação e aproveitaram para responder a uma grande quantidade de questionamentos sobre o processo de criação das histórias. O número de perguntas não coube no tempo previsto de duração do encontro de forma que acabou virando tema de um blog intitulado por eles de “Conversa com autores dos contos periféricos”.

O reconhecimento deste trabalho pode ser observado tanto na interação dos educandos com a proposta de intervenção, quanto nos depoimentos registrados pelos

eles. Foram atividades que possibilitaram a transformação de sujeitos, recriando sua maneira de ser e estar no mundo”.

O trabalho realizado durante toda a proposta possibilitou discussões acerca da identidade etnicorracial dos educandos, como também a valorização deles, a desconstrução de estereótipos acerca do negro, além do reconhecendo de seus papéis sociais dentro e fora da escola.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da aplicação desta proposta de intervenção, posso considerar que atingi, gradativamente, todos os objetivos almejados inicialmente. Os educandos leem agora com mais frequência, estão escrevendo textos melhores e a maioria se reconheceu na Literatura Afro-brasileira, mudando algumas posturas, como, por exemplo, a forma de se expressar ou usar o cabelo afro, antes intimidados pela discriminação racial.

O projeto foi pensado e fundamentado em teorias da aprendizagem e no trabalho com a Literatura Afro-brasileira, com o intuito de desconstruir estereótipos negativos, presentes no imaginário dos educandos sobre a etnia negra, propagado pela escola e pela sociedade. A elaboração de material pedagógico não existente na rede municipal, com passos detalhados na execução das ações, levou ao alcance dos objetivos pensados e propostos, de maneira satisfatória para os educandos.

As mudanças esperadas, os resultados observados e retratados na construção e concretização de um novo olhar para o “outro”, através de atitudes, tratamento com e para este outro, mostra que é possível trabalhar com os educandos, utilizando a Literatura Afro-brasileira como instrumento para formar seres humanos mais humanizados, mais sensíveis nas suas relações com o diferente.

Acredito que colaborei com a implantação da lei 10.639/03 em minha sala de aula. Procurei trabalhar com os educandos, dentro do possível, sobre a que ainda não posso mensurar. Outro escopo foi o respeito aos direitos de negros e não negros e, principalmente, construir uma sociedade mais justa para todos. A literatura apresentada a eles trouxe para o universo do educando/leitor um mundo, no qual, os personagens compartilham sentimentos, atitudes, posturas vivenciadas, nas quais retratam suas histórias de vida, traduzindo suas expectativas diante da própria realidade.

E neste momento que a Literatura Afro-brasileira ofereceu reflexões e mudanças significativas de posturas diante da realidade e de humanização do homem, como nos diz Antonio Candido (1972) acerca do papel da literatura em nossas vidas. Através das reflexões feitas após a leitura dos contos dos **Cadernos Negros**, sobre violência urbana, luta de classes e discriminação racial, foi produtivo pensar possibilidades e criar caminhos que possam, futuramente, ser alargados pelos educandos que por aí queiram trilhar.

Constato que as leis 10.639 e 11.645 podem ser colocadas em prática na sala de aula, através dos **Cadernos Negros** e introduzindo atividades diversificadas, que despertem o gosto dos educandos pela leitura. Estas obras ainda não são produzidas na quantidade ideal, mas aquelas que já se encontram no mercado, podem ser levadas para escola e são, conforme experenciamos, muito bem recebidas pelos educandos. Os textos de Literatura Afro-brasileira estão disponíveis e ao alcance de todos, além disso, o que os educandos negros e não negros trazem como vivência é o caminho para a construção de novos olhares sobre as origens do povo negro, do Brasil e seus descendentes.

Espero que este conhecimento individual e coletivo adquirido pelos educandos, não seja subjugado, esquecido e substituído pelo prisma globalizador de uma cultura hegemônica, na qual, o hegemônico é valorizado e valorado. Assim, os educandos precisam necessariamente continuar contando e escrevendo suas histórias, histórias essas que relatam ou delatam e os faz dar passos em direção às mudanças.

Os textos apresentados pelos educandos talvez sejam o caminho para que novas histórias sejam construídas e contadas sobre os mais variados pontos de vista, num constante criar e recriar de novas histórias, fornecendo, assim, elementos que possibilitem a ascensão política e social deles.

É certeza que contribuí significativamente com a turma, através de reflexões simples sobre sua condição humana atual e o enfrentamento do racismo e da violência. Espero que as mudanças em minha prática possam ser exemplos para outros professores de Língua Portuguesa e todos os que se interessaram pela literatura, para que a introdução da Literatura Afro-brasileira na escola seja progressiva e permanente.

O trabalho desenvolvido com a Literatura Afro-brasileira e, acima de tudo, as atitudes positivas sobre a raça negra observadas nos educandos, incentivou-me procurar caminhos alternativos para a formação do sujeito crítico cada vez mais em minha prática diária, tornando-me mais consciente do meu papel enquanto professora e, principalmente, de minha humanidade, o que foi muito gratificante, além da satisfação de contribuir para a implementação da Lei 10.639/03 em sua obrigatoriedade na escola.

Além disso, como produto final da intervenção pedagógica aplicada, foi criado um registro digital das atividades desenvolvidas pelas mestrandas do PROFLETRAS que trabalharam com a Literatura Afro-brasileira: Julice Vieira de Jesus, Milena Paixão

da Silva e Cláudia dos Santos Gomes. A construção de um *site*, registrado sob o endereço [www.profliterafro.com](http://www.profliterafro.com), não estava originalmente previsto na proposta, mas resultou na melhor forma para a partilha da experiência com os demais estudantes e professores das comunidades virtuais interessadas por literatura e educação, haja vista que esse gênero proporciona um alcance de acesso mundial.

O referido *site* está dividido em seções, as quais contemplam os trabalhos das mestrandas já mencionadas. Nas seções, além dos Contos dos Cadernos Negros, biografia dos autores e sugestões de atividades pedagógicas, contém um espaço para contribuição do leitor, dúvidas e discussões acerca das temáticas pertinentes. As atividades de produção textual desenvolvidas nesta intervenção, especificamente, fazem parte do Caderno Afro-pedagógico, disponibilizado no *site* para leitura e *download*.

Sem dúvida, o PROFLETRAS, através das disciplinas estudadas, e a oportunidade de desenvolver e aplicar esta proposta, teve um papel imprescindível para que as mudanças mencionadas pudessem ocorrer em todos os sentidos. Os educandos aprenderam muito, a professora pesquisadora também aprendeu. Mudei a forma de agir e atuar em sala de aula. Posso revelar que o planejamento das atividades que aplico hoje se apresenta mais bem feito e eficiente, demonstrando um trabalho totalmente engajado e coerente com a realidade dos sujeitos com os quais trabalho e para os quais dedicarei outros projetos futuros.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaina C.Teixeira; AGUIAR, Fernando J. Teixeira. **Uma reflexão sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a formação em Sergipe.**

Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1771>>.

Acesso em: 12 fev. 2016.

BRADEN, Nathaniel. **O que é autoestima?** In: CLARET, Martin; (org.). O poder da autoestima. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda, 1995. p. 09-20.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica.** Curitiba: SEED, 2009.

BRANDÃO, Leonilda. **Respeitar é ser humano.** Disponível em:

<[www.respeitareserhumano.wordpress.com](http://www.respeitareserhumano.wordpress.com)>. Acesso em: 14 dez. 2015.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua Portuguesa.

Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em:01 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil.** DOU 05/10/1998.

Disponível em:

\_\_\_\_\_.**Lei 11.645/2008.** Brasília: MEC, 2008. DOU 10/03/2008.

\_\_\_\_\_.**Lei 10.639/2003.** Brasília: MEC, 2003. DOU 09/01/2003.

\_\_\_\_\_. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs).** Brasília: MEC, 1996.

BROWN, Mano. **Homem na estrada.** Racionais MC's. Zimbabwe Records. 1993.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02-h9t0VpVI>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

**Cadernos Negros.** São Paulo: QUILOMBHOJE. Disponível em:

<<http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>>.

Acesso em: 14 dez. 2015.

**CIDADE de Deus.** Direção: Fernando Meirelles, Kátia Lund. Roteiro: Bráulio Mantovani. 2002. 2h 15m. Disponível em:

<<https://www.netflix.com/watch/60026106?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cb070f6eed88d3d8d6a80518d4fe05a667af880b6%3A18930304b13bb72492a142edebee751e0e795fcb>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In\_\_\_\_\_. Vários Escritos. Rio de Janeiro/São Paulo: **Ouro sobre Azul**: Duas cidades, 2004. p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. 3ª Edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução: Rojo, R. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira**: Abordagens na sala de aula. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Literatura Afro-brasileira**: 100 autores do Século XVIII ao XXI. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

\_\_\_\_\_. **(Coord.) Literatura Afro-Brasileira**. 100 autores do século XVIII ao XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed Pallas, 2013.

\_\_\_\_\_. **(Coord.) Literatura Afro-Brasileira**. Abordagens na sala de aula. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed Pallas. 2013.

\_\_\_\_\_. (Org). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. 4v.

FERREIRA, Abílio et al. **Cadernos Negros**: contos afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje: Anita, 1995.

FIORUSSI, André; MACHADO, Antônio de Alcântara. **De conto em conto**. São Paulo. Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 42 ed.1996

\_\_\_\_\_.**Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42.ª edição, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas do ensino do português**. 3ª ed. São Paulo, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Um olhar além das fronteiras**: educação e relações étnico-raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

INEP. **Publicações**. Disponível em: <portal.inep.gov.br>. Acesso em: 12 jul. 2016.

KILPATRICK, W. H. **Educação para uma Civilização em Mudança**. 15ª Edição. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. (1977). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2005.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Rio de Janeiro: Estação Literária, 2011.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PECCI FILHO, Antonio (Toquinho). **Aquarela**. 1983. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/toquinho/aquarela-original.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da diferença**: a tradição africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

SILVA, Luiz. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.cuti.com.br/#!autordadosbiograficos/c1nvs>>. Acesso em: 12 dez. 2015. 12 dez. 2015.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Vieira, Lia. **Biografia**. Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro – COMDEDINE, 2011. Disponível em: <<http://comdedinerj.blogspot.com.br/2011/04/lia-vieira-escritora-homenageada-2011.html>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

**APÊNDICE A – PERFIL DE EXPERIÊNCIA DE LEITURA**

Escola: \_\_\_\_\_

Educando: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Professora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**PERFIL DE EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM O TEXTO LITERÁRIO****1. Livros em casa?**

- a)  tem
- b)  não tem
- c)  número aproximado de volumes

**2. Revistas em casa?**

- a)  tem
- b)  não tem
- c)  número aproximado de títulos

**3. Jornais em casa?**

- a)  tem
- b)  não tem
- c) É assinante de jornal?  Sim  Não

**4. Internet em casa?**

- a)  tem
- b)  não tem

**5. Você possui o hábito de ler?**

- a)  Sim
- b)  Não
- c)  Às vezes

**6. Você entende o que lê?**

- a)  Sim
- b)  Não
- c)  Às vezes

**7. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:**

- a)  Ficar no início
- b)  Parar na metade
- c)  Ir até o final
- d)  Só olhar a capa e as figuras

**8. Conhece a Literatura Afro-brasileira?**

- a)  Sim
- b)  Não
- c)  Já ouvi falar

**9. Gostaria de conhecer?**

- a)  Sim
- b)  Não

**10. Que livro você mais gostou de ter lido até hoje? Por quê?**

R.: \_\_\_\_\_

Porque \_\_\_\_\_

**11. Que revista você mais gosta de ler?**

R.: \_\_\_\_\_

Porque \_\_\_\_\_

**12. Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você mais prefere ler:**

R.: \_\_\_\_\_

**13. Gosta de escrever?**

- a)  Sim
- b)  Não

**14. Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?**

R.: \_\_\_\_\_

**INDIQUE duas alternativas que mostram o seu jeito de ler:****15. Você procura um livro para ler:**

- a)  Por iniciativa própria
- b)  Por indicação do professor
- c)  Por indicação de um amigo
- d)  Pelo título ou nome do livro
- e)  Pela capa e figuras
- f)  Quando ganha de presente
- g)  Quando o vê na biblioteca
- h)  Outro jeito: \_\_\_\_\_



## APÊNDICE B – PLANOS DE AULA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



### INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA *CADERNOS NEGROS* EM CENA: PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS EM DIÁLOGO COM A DIVERSIDADE ETNICORACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

DATA/AULA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AValiação	RECURSOS MATERIAIS
25/04 26/04 27/04 Aula 1	150 MIN.	-Perfil de experiência de leitura com o texto literário; -apresentação da proposta.	-investigar o perfil de experiência de leitura com o texto literário; -apresentar a proposta para os educandos.	-aplicação de questionário individual escrito; -apresentação oral da proposta; -organização da turma em duplas; -leitura do poema “Um sol guerreiro”; - produção de painéis; - criação de enredo esquemático para história; -produção de texto narrativo.	-análise dos resultados do questionário; -Observação processual e contínua das produções dos painéis; -correção das produções.	-poemas -folhas de papel sulfite -tesouras -colas -papel metro -cartolinas -revistas
02/05 03/05 04/05 Aula 2	150 min.	- sensibilização para o tema proposto	-ler o trabalho dos demais educandos; - avaliar a produção inicial dos educandos.	- exposição dos painéis; - apreciação dos educandos; - exposição oral dos educandos a respeito do trabalho com o texto apresentado;	-audição dos relatos pra verificar se estão obedecendo a seqüência lógica do texto narrativo.	-celulares; -painéis;

DATA/AULA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	RECURSOS MATERIAIS
				- divisão da turma em grupos para relato das experiências e gravação desses relatos no celular.		
09/05 Aula 3	50 min.	-produção a partir de relatos pessoais.	-aprender que a narrativa acontece num espaço determinado.	-exposição das fotografias de um local onde a seu relato aconteceu; -audição do material gravado na etapa anterior; -produção de texto com base na imagem e no relato; -explicação oral pela professora sobre o “espaço”, elemento da narrativa.	-observação processual e contínua das atividades; -correção dos textos.	-fotografias; -celulares -cadernos
10/05 11/05 16/05 Aula 4	150 min.	-apresentação do volume 18 dos <b>Cadernos Negros</b> .	-socializar as produções textuais anteriores através de dramatizações; -produzir títulos; -despertar a curiosidade dos educandos para os textos dos <b>Cadernos Negros</b> . -apresentar a volume 18 dos <b>Cadernos negros</b> ; Conhecer a história dos autores dos contos.	- divisão dos grupos de acordo com o número de personagens das dramatizações; - ensaio; - apresentação; - produção de títulos com base nas narrativas contadas. -pesquisa sobre os autores -apresentação dos resultados	-observação processual e contínua das atividades; -correção das produções.	- <b>Cadernos Negros</b> ; -materiais de apoio para as dramatizações; -laboratório de informática;

DATA/AULA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AValiação	RECURSOS MATERIAIS
17/05 18/05 23/05 Aula 5	150 min	-apresentação do conto "Ana Davenga"	-despertar a curiosidade dos educandos para a temática a ser apresentada; -ler o conto; -conhecer outros elementos da narrativa; -reproduzir frases narrativas do conto lido.	-exibição de um trecho do filme "Cidade de Deus"; - resposta a um questionário a respeito do filme; -apresentação oral das respostas; -escolha de música para produção de paródias; -produção de paródias; -apresentação; -leitura do conto; -preenchimento de quadro comparativo entre a cena do filme e um conto; -divisão da sala em grupo de 4 educandos; -reprodução de frases narrativas presentes no conto lido; -produção de quebra-cabeças; -montagem de quebra-cabeças; -apresentação para os colegas.	-observação com registro das atividades de forma processual e contínua; -correção das produções. -apresentação das paródias.	-filme Cidade de Deus; -notebook -TV -questionario -quebra-cabeças Mural.
30/05 31/05 06/06 Aula 6	150 min	Apresentação do conto "Operação Candelária"	-apresentar produção da aula anterior; -ler o conto "Operação Candelária"	-leitura dramatizada das frases produzidas e montadas na aula anterior;	registro da participação de todos os educandos durante a dramatização, entrevista e debate;	-frases; -notícias; -relato; -entrevista;

DATA/AULA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	RECURSOS MATERIAIS
				<ul style="list-style-type: none"> <li>-leitura de imagem da notícia sobre a Chacina da Candelária;</li> <li>- produção de títulos para a imagem apresentada</li> <li>-apresentação da notícia sobre a Chacina dos 12 mortos</li> <li>- relato dos educandos sobre os fatos</li> <li>-visita de membro da comunidade para falar sobre a Chacina;</li> <li>-entrevista feita pelos educandos.</li> <li>-leitura do conto “Operação Candelária”</li> <li>-debate.</li> </ul>	-correção das produções.	-contos impressos.
13/06 14/06 15/06 Aula 7	150 min	Apresentação do conto “Saída”	<ul style="list-style-type: none"> <li>-ler o conto “Saída”;</li> <li>-produzir um final diferente para o conto;</li> <li>-produzir maquetes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-exposição da palavra MORTE no quadro;</li> <li>-os educandos escreverão outras palavras associadas a morte;</li> <li>-leitura de parte do conto “Saída”</li> <li>-produção do final da história</li> <li>-leitura do final original;</li> <li>-divisão da sala em grupos;</li> </ul>	Correção das produções.	<ul style="list-style-type: none"> <li>-conto impresso;</li> <li>-material reciclado;</li> <li>-cola;</li> <li>-tesouras;</li> <li>papéis diversos;</li> <li>-base para maquete;</li> <li>-tintas.</li> </ul>

DATA/AULA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	RECURSOS MATERIAIS
				-produção de maquetes com base nas histórias dos colegas.		
04/07 05/07 06/07 11/07 Aula 8	150 min	-produção de texto narrativo.	-aprender o que é foco narrativo; -produzir textos narrativos.	-audição da música "Homem na estrada"; -aula expositiva sobre foco narrativo com exemplos da música; -posicionamento oral dos educandos a respeito do conteúdo da canção; -produção de textos em etapas através das brincadeiras de roda; -leitura das produções pelos educandos; -preenchimento do quadro de eventos sobre as histórias produzidas. -correção das produções pela professora.	-observação processual e contínua das atividades com registro; -correção das produções e do quadro de eventos.	-música impressa; -aparelho de som;
12/07 13/07 18/07 19/07 Aula 9 20/07 23/07	200 min	-planejamento e socialização das atividades; -produção de capa e organização dos textos para socialização;	-planejar o evento de socialização das atividades; -produzir capa; -organizar material.	-discussão e decisão sobre o tipo de evento onde irão apresentar os trabalhos; -produção das capas e organização do conteúdo dos livros; -correção dos textos finais -produção de convites.		-revistas; -colas; -tesouras; -réguas; -revistas; Imagens; -papéis coloridos.

DATA/AULA	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADE	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	RECURSOS MATERIAIS
		-produção de convites para comunidade escolar.				
Aula 10	100 min	-Visitação da comunidade escolar.	Expor os trabalhos dos educandos para os membros da comunidade escolar.	-arrumação e decoração do espaço; -visitação com exposição oral dos educandos; -avaliação dos participantes.		-auto-avaliação dos educandos; -avaliação escrita dos participantes.
TOTAL DA CARGA HORÁRIA: 26 HORAS						

**ANEXO A – POEMA UM SOL GUERREIRO, DE CELINHA****UM SOL GUERREIRO (Celinha)**

*Já não ouço meu pranto  
porque o choro emudeceu  
nos meus lábios  
O grito calou-se  
em minha garganta  
o sol da meia-noite  
cegou-me os olhos...  
Sou noite e noite só  
O meu sangue espalhou-se  
pelo espaço  
E o céu coloriu-se de um tom avermelhado  
como o crepúsculo  
E eu cantei  
Cantei porque agora a chuva  
brotará da terra.  
As sementes de todos os frutos  
cairão sobre os nossos pés  
E germinaremos juntos  
Embora tu não possas mais  
tocar as flores deste jardim, eu sei  
Mas o teu solo é livre  
Cante, menino,  
cante uma canção que emudeça os prantos,  
que repique os ataques  
e ensurdeça os gritos  
Porque amanhã não haverá mais  
nenhum resto de esperança  
não haverá mais um outro amanhecer,  
pois certamente muito antes  
de surgir um novo dia  
um sol, guerreiro, há de raiar  
à meia-noite, para despertar o teu sono,  
Como uma nova alvorada.*

## **ANEXO B – CONTO ANA DAVENGA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

### ANA DAVENGA (Conceição Evaristo)

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo na paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas, dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não denunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali?

Davenga não estava ali. Os homens rodearam Ana com cuidado, e as mulheres também. Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo. Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo.

O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele, o chefe. Ali se decidia tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e confabulava com os outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção, do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga.

O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo? Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali? Não! Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava, porém, só com os companheiros. Assim mesmo, de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, tapas, seus filhos da puta... Mais parecia briga. Onde estava Davenga? Teria se metido em alguma confusão? Sim, seu homem só tinha tamanho. No mais era criança em tudo. Fazia coisas que ela nem gostava de pensar. Às vezes ficava dias e dias, meses até, foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de casa. Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga, Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga, que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. Depois então, ele ainda de corpo nu e ela também, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele. Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo pranto de seu homem.

Todos continuavam parados olhando Ana Davenga. Ela recordou que há uns tempos atrás nenhum deles era amigo. Inimigos quase. Eles detestavam Ana. Ela não os amava nem os odiava. Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. E quando percebeu, viu que não poderia ter por eles indiferença. Teria de amá-los ou odiá-los. Optou por amá-los, então. Foi difícil. Eles não a queriam. Não era do agrado de nenhum deles aquela mulher dentro do quartel-general do chefe, sabendo de todos os segredos. Achavam que Davenga iria se dar mal e comprometer todo o grupo. Mas Davenga estava mesmo apaixonado pela mulher.

Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela. Naqueles dias ele andava com um temor no peito. Era preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro, tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e nos modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os manda-chuvas cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia. Ficou na ronda perto da casa do homem. Quando ele chegou e saltou do carro, Davenga se aproximou.

– Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. – Era mentira. – Doutor, eu votei no senhor. – Era mentira também. – E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem vestido, como o senhor.

O homem não deu trabalho algum. Pressentiu a arma que Davenga nem tinha sacado ainda. E quando isto aconteceu, o próprio deputado já tinha adiantado o serviço entregando tudo. Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo.

– Não, doutor, a cueca, não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo!

Quando arrecadou tudo, empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele e balançou as chaves e deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto. Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas, mas conteve o riso. Apertou o passo, tinha de abreviar. Eram três e quinze da madrugada. Daí a pouco passaria por ali uma patrulhinha. Dias atrás ele havia estudado o ambiente.

Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia porém que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um longo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água, e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo. Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado de não ter pouso certo. E aquela mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar, ia tentar... Ana, a bailarina de suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado bebia a cerveja, sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou a mão da mulher e saiu. Os amigos de Davenga viram quando ele, descuidado de qualquer perigo, atravessou o terreiro da roda de samba e caminhou feito namorado puxando a mulher pela mão, ganhando o espaço lá fora, quase esquecido do perigo.

Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso ou não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele, mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo, quando calmos e ele já de olhos enxutos, - ele havia chorado copiosamente no gozo-pranto - puderam

conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome.

Davenga gostara de Ana desde o primeiro momento até sempre. Dera seu nome para Ana e se dera também. Fora com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um gosto de remorso. Ele havia mandado matar a Maria Agonia.

Conhecera a mulher ao visitar um companheiro na cadeia. O amigo armara uma e não se dera bem. A prisão devia ser horrível. Só em pensar tinha medo e desespero. Se um dia caísse preso e não conseguisse fugir, se mataria. E foi nessa única visita ao amigo que ficou conhecendo Maria Agonia. Ela vivia dizendo da agonia de uma vida sem o olhar do Senhor. Naquele dia, quando saíram da cadeia, ela veio conversando com Davenga. Era bonita, uma roupa abaixo do joelho, o cabelo amarrado para trás. Uma voz calma acompanhada de gestos tranquilos. Davenga estava gostando de ouvir as palavras de Maria Agonia. Marcaram um encontro para o outro domingo na praça. Quando ele chegou, o pastor falava, e ela estava com a Bíblia aberta na mão. Levantou os olhos e deu com o olhar de Davenga, que abaixou piedosamente os seus. Ele saiu e se encaminhou para o botequim em frente. Ao acabar a pregação, ela saiu do meio dos outros, passou por ele e fez um sinal. Ele foi atrás. Assim que todos se dispersaram, ela falou do desejo de estar com ele. Queria ir para algum lugar sozinhos. Foram e se amaram muito. Ele chorou como sempre. Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro a praça, a pregação, a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho. Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só, se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel, a uma certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete apareceu nos jornais: “Filha de pastor

apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus”.

Por mais que Ana Davenga se esforçasse, não conseguia atinar com o porquê da ausência de seu homem. Todos estavam ali. Isto significava que em qualquer lugar que Davenga estivesse naquele momento, ele estava só. E não era comum, em tempos de guerra como aqueles, eles andarem sozinhos. Davenga devia estar em perigo, em maus lençóis. As histórias e os feitos de Davenga vieram quentes e vivos em sua mente. Dentre eles havia o feito em que havia uma semelhante sua, morta. Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime, ela tivera medo do homem. Buscou as feições de suas semelhantes, ali presentes. Encontrou calma. Seria porque os homens delas estavam ali? Não, não era. A ausência de um significava sempre perigo para todos. Por que estavam tão calmas, tão alheias assim?

Novas batidas ecoaram na porta e já não eram prenúncios de samba. Era samba mesmo. Ana Davenga quis romper o círculo em volta dela e se encaminhar para abrir a porta. Os homens fecharam a roda mais ainda e as mulheres em volta deles começaram a balançar o corpo. Cadê Davenga, cadê o Davenga, meu Deus?! O que seria aquilo? Era uma festa! Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe, e às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes? E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga? Cadê Davenga, meu Deus?

Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga, ela sentiu a pressão da arma.

– Davenga, Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?

– Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?

Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário.

O barraco de Ana Davenga, como o seu coração, guardava gente e felicidades. Alguns se encostaram pelo pouco espaço do terreiro. Outros se amontoaram nos

barracos vizinhos, de onde rolavam a cachaça, a cerveja e o mais e mais. Quando a madrugada afirmou, Davenga mandou que todos se retirassem, recomendando aos companheiros que ficassem alerta.

Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. Davenga estava ali, na cama, vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa, que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando primeiro. Depois haveria o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto. Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora, o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros.

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.

Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.

## ANEXO C – CONTO SAÍDA, DE CUTI

### SAÍDA (Cuti)

*Jurandir precisa parar de berber, mãe!*

*Eu digo isso todo dia a ele. Mas entra num ouvido e sai no outro.*

*Desse jeito vai acabar morrendo esturricado de tanta pinga!*

*Mas, o que vou fazer, Dorinha?*

*Leva ele em algum centro.*

*Já levei. Chegou lá, o caboclo disse que ele precisava tomar banho com ervas...*

*E você tomou? Nem ele!..Chegou aqui, foi direto pra debaixo da pia, caçou a garrafa e tomou um porre que só vendo.*

*Por que a senhora não quebra essas porcarias? Ou então dá sumiço. Não deixa parar nenhuma cheia. Fala que o espírito bebeu.*

*Ah, minha filha...Falar é fácil. Você, como já se casou e está lá com seus problemas, não sabe o que eu passo aqui com esse teu irmão. Não sei que mal eu fiz a Deus. O único filho homem...*

*O que é que tem o filho homem? Homem aqui sou eu! E daí? Já tá todo mundo fofocando a minha vida, é?*

*Olha aí como ele chega. Está sentindo o bafo? É assim...*

A moça evita encarar o irmão. Levanta-se e vai para a janela do casebre. Lembra de antigas brigas domésticas. Contempla as crianças da vizinha, inteiramente envolvidas em seu jogo de bolinhas de gude no quintal de terra. Jurandir tem os olhos injetados. Sua. Mantém-se de pé com dificuldade. Dora desperta-lhe um imenso ódio. A onda habitual de vingança levanta-se nas vagas do seu pensar. Vingança de quê? Não sabe. Seu desejo é o de sempre: agredi-la com violência. Contempla a roupa da irmã. **Roupa de madame**...diz consigo mesmo. E a inveja salta-lhe da boca:

*A boneca já veio trazer esmola de novo?*

*A mãe toma as dores:*

*Se você trabalhasse, a Dorinha não precisava ajudar. E Mas você não quer nada com o batente... E deve dar graças a Deus de ela vir. Porque só com o meu dinheiro da pensão que seu pai deixou é que a gente não ia conseguir viver.*

*Ah, a senhora só sabe defender essa franga aí.*

*E vê se para de provocar sua irmã. Vai dormir, vai! Vai curtir sua pinga na cama. Não fica enchendo os outros.*

Jurandir internaliza as agressões. Fala para dentro, ruma: **filha da puta, pensa que só porque tem dinheiro... o caralho! Teu macaco não é bom, não... tá pensando...negrino viado viado mesmo bunda-mole bundeiro só porque tem carro pensa que vai tirar um sarro na minha cara e tu também pensa que eu não sei que tu chifra ele...piranha e viado eu não tenho dinheiro mas tenho moral. Pergunta no bairro quem é Jura todo mundo sabe porra se foder eu bebo e pronto se foder...não fosse a velha que a velha estraga tudo...não fosse a velha faca faca faca faca eu não sou otário tô a fim de acabar contigo faca faca faca faca... aí manda o neguinho pular no meu peito quero ver...**

Sai do caminho, Jurandir. Não vê que eu quero fazer comida?

Não grita comigo! A senhora é mãe mas não é patroa. Não gosto de grito comigo. Num tô bêbado não! Articula com dificuldade as palavras e sai cambaleando para o quarto único, onde cai sobre um sofá precário e dorme, balbuciando palavrões.

*Viu? Diz a mãe. É assim todo dia. Eu saio de manhã, ele fica dormindo. Quando volto, cansada de passar roupas na casa dos outros ele está aí, com os olhos pegando fogo e falando bobagem. Eu já ando cheia. Qualquer dia desses...Nem sei...*

*Ele não quer saber de trabalhar mesmo?*

*Emprego hoje, você sabe, é aquela dificuldade pra achar. Ainda bebe... Aqui na favela tem um montão de homem sem ter o que fazer. Sol quente, ficam sem fazer nada... só não sei onde é que arranjam dinheiro pra cachaça. Seu irmão já nem sai mais atrás de trabalho. Fica por aí com os outros. Um dia veio com a boca que só vendo! Disse que caiu. Mas só pode ter sido briga. A boca parecia uma pipa de inchada, a camisa cheia de sangue...*

Dora, com os olhos baixos e as mãos juntas como dois amantes desesperados, comprime os pensamentos, tentando achar uma saída. Não há. Tudo aponta o caminho do sonho, da fantasia: loteria federal, milagre que curasse o irmão mais velho... Abandoná-lo à própria sorte era uma ideia ousada, porém cruel. A mãe não admitiria ser levada daquele lugar sem o filho. Amava-o, contudo. E Jurandir declinaria com mais rapidez rumo à sarjeta.

*liiii, minha filha, o gás foi acabar justinho agora!*

*A senhora não tem outro botijão?*

*E o seu irmão não vendeu? Me falou que roubaram. Mas, quando ele dormiu, fui ver nos bolsos dele e achei dinheiro. Pela metade, mas tinha. Até hoje jura que não vendeu. E pensa que me tapeia. Além de tudo é mentiroso.*

*Então vamos tirar esse e mandar buscar um cheio. Eu dou o dinheiro. Pega!  
Muito obrigada, filha.*

*Eu não vou dar o dinheiro do mês hoje porque o Alex ainda não recebeu. E o meu pagamento lá da loja, a senhora sabe, é tão pouco...*

*Ah, não se preocupa.*

*A mãe vai para o quarto.*

*Jurandir, acorda! Vai ali na venda buscar o gás que acabou. Acorda, Jurandir!  
Oh, meu Deus, que cachaça danada!*

*Deixa ele, mãe. Não tem nenhum vizinho?*

*É, eu vou ver se algum moleque pega pra mim, responde a velha, saindo para o sol.*

Dora contempla o irmão imóvel, de braços. Imóvel! Um pavor percorre-lhe a espinha, fazendo-a tremer.

*Jurandir! Chama com voz sumida.*

A imobilidade do outro emite uma resposta vazia. Silêncio de veludo, repleto de espinhos. Sacode o irmão várias vezes, gritando-lhe o nome. Não, não é mais o irmão. Apenas um corpo quieto para sempre, à mercê do início da ação das bactérias

Dora sua frio, duas lágrimas translucidam-lhe a cena. Depois desabam. Uma ideia salta: **Levo a mãe daqui. Para sempre. Meu Deus, ele pode estar vivo!** Sacode-o fortemente. Nada.

Pavor! A mãe vem voltando. Cantarola um antigo partido-alto, desses que deixam a gente de bem com a vida.

## ANEXO D – CONTO *OPERAÇÃO CANDELÁRIA*, DE LIA VIEIRA

### OPERAÇÃO CANDELÁRIA (Lia Vieira)

O escritório do 18º andar no moderno edifício entre a avenida Presidente Vargas e a rua Miguel Couto, privilegiada localização no Centro Comercial do Rio de Janeiro, garantia, além de uma vista privilegiada através de ampla janela envidraçada, o silêncio necessário para o trabalho de seu ocupante.

Átila estava reclinado na cadeira giratória de uma escrivaninha de metal em cuja superfície viam-se duas pastas repletas de originais de documentos, fotocópias, inclusive alguns mapas em escala reduzida. Átila vestia um terno de casemira azul-marinho que combinava perfeitamente com seus cabelos grisalhos e bem penteados.

O restante do mobiliário e os adornos do local eram constituídos por grandes poltronas forradas em cetim, uma elegante estante de mogno com um pequeno bar dissimulado em seu centro, dois quadros pintados em toma pastel e uma cortina ocre que cobria inteiramente as paredes em torno da janela.

Suaves batidas na porta e os cumprimentos aos quais responde não são o suficiente para fazê-lo voltar-se. O recém-chegado permanece de pé. Fechou a porta, mas continua perto dela. Tudo indica que passou a noite em claro. Tem olhos avermelhados, o rosto sulcado de rugas, os cabelos em desordem. Seu uniforme está amassado e como que vestido às pressas.

– Sente-se – diz Átila.

O outro move-se inquieto. Átila ergue-se e aproxima-se. Põe a mão em seu ombro.

– Há quanto tempo você está conosco, Sarmento?

– Oito anos. Você sabe.

– Há muito tempo que já trabalha comigo, não é verdade?

O oficial acente com a cabeça, sua expressão agora é ainda mais perplexa. O intercomunicador toca e Átila ergue a vista. A secretária anuncia um novo visitante. Átila fica atento a num ângulo do monitor do circuito interno de tevê, instalado num ângulo do escritório e vê um sujeito alto e magro, ostentando uma cabeleira farta e bigodes negros que lhe deixam um aspecto severo, conversando com Zilah, a diligente secretária. Veste camisa social clara e jeans de boa marca. Parece ser a pessoa que esperavam. Sempre através do monitor, vê então Zilah levantar-se da

cadeira e dirigir-se até a porta de sua sala. Sabendo estar sendo observada, sequer deu-se ao trabalho de bater.

– É Besta/6- anunciou, ao fazer-se visível.

Segundos depois, o desconhecido estava diante de Átila.

– Bom dia! – saudou e deu a contra-senha, dizendo em seguida: - Sou enviado de Besta/1.

– Eu sei. Estava a sua espera.

– Atrasei-me devido à excessiva demora de um reconhecimento. Levou mais tempo do que o necessário para averiguar os dois pivetes que a seu modo nos faziam “concorrência” nos negócios. – E sorriu com sua própria ironia.

– Pivetes, hem? Um dia ainda porão este país em perigo.

– Claro. E isso acontecerá se não agirmos contra eles com toda severidade. Já se atrevem até a fazer reivindicações. Como se também eles tivessem interesses iguais aos nossos.

Átila sentiu-se embriagado pela retrospectiva dessas últimas semanas: as reuniões em nível zero do grupo, a recompilação de informes e mais informes, fotos, as avaliações e finalmente aquela decisão de máxima gravidade.

Os homens de Bestas haviam atuado com eficiência, e logo tudo aquilo não seria mais que notícias que logo deixariam as páginas dos jornais para se transformarem numa lembrança ou talvez numa lição, ou ainda num alerta.

Pensou em tudo isto, mas só por um instante.

– Temos muito o que fazer – disse por fim. – Está entendido que o senhor me assessorará, do ponto de vista legal, na escolha desses materiais que devem ser inteiramente destruídos, depois de microfilmados.

O oficial respirou fundo, acendeu bem devagar um Viceroy, tirando-o de um maço de cigarros trazidos especialmente para a ocasião, e entrou na conversa. Mostrava algum nervosismo – porque era sobre seus ombros e do Batalhão de Operações Especiais que pesava o ponto mais grave da operação. Entrou no assunto:

– Vejam bem, não sei se lhes será fácil entender que para mim, desde que soube do assunto que se tratava... para mim, repito, ficou claro que se tratava de um caso...como direi...célebre, um fato incomum, nada rotineiro. E é assim que julgarão os juízes, o grande público, a mídia. E tem mais, certamente todos eles manipularão a realidade com muita fantasia e cochichos. Fora de qualquer consideração policial, o fato é que, tarde ou cedo, a luz sempre se faz.

Besta/6, que olhava com ira e arrogância os gestos teatrais do capitão, dardejou seu ácido comentário, golpeando com o punho uma palma da mão.

– Genial! E tudo isso que o senhor acaba de dizer é para reforçar que nossa operação não é conclusiva e no final ninguém irá saber ao certo o que verdadeiramente se passou.

Um pouco distante dali, na árida sala D do escritório da rua Sacadura Cabral, ainda no Centro, registrado sob um desprezível nome comercial, encontrava-se Besta/1 e sua secretária. Apenas em circunstâncias muito especiais reuniam-se ali membros de uma associação secreta e poderosa do Rio de Janeiro, o grupo chamado BESTAS.

Besta/1 deu início a uma nova vistoria dos documentos que tinha diante de si. Seus dedos de unhas bem amparadas e limpas começaram a folhear uma das pastas.

Sentia-se realmente orgulhoso de pertencer àquele grupo, tão secreto quanto inteligente e poderoso.

Os longos braços de Bestas alcançavam inclusive os departamentos mais restritos da Comissão de Segurança. Agora, naquele momento, fazia-se necessária outra demonstração de força. Se em 1988 os políticos defendiam os chamados direitos humanos, em 1992 a ladainha incluía algo: o estatuto da criança e do adolescente.

Era preciso desestimular estes discursos. E foi a Besta/1, o braço executivo do grupo, a quem foi dada a tarefa a ser cumprida a qualquer custo.

Apesar do grosso agasalho, sentia frio. E também um intenso desejo de fumar, mas não se animara a tirar a mão do profundo bolso da calça de lã.

Átila deixou o carro algumas quadras abaixo.

Divididos entre uma esquina e outra; meninos e mendigos; sem agasalho, enfrentavam o frio. Átila para na banca de jornal costumeira e compra o seu. Pela avenida Rio Branco aproxima-se um Tempra grafite. Para perto dele. Átila entra e senta-se no banco da frente, aperta a mão do chofer, que abria a porta do carro.

O automóvel se dirige a uma zona residencial do subúrbio. Seus ocupantes descem e, após caminharem dois ou três quarteirões, entram numa pequena casa. Uma senhora os recebe cerimoniosamente, abre a porta de um dos aposentos para eles e fecha-a ao sair.

– Então? – pergunta Átila, que já não pode esperar mais.

– Chegou há dois dias. Só conseguimos fazer contato com ele há mais ou menos uma hora.

Átila senta-se numa cadeira acolchoada. Acende um cigarro. O outro homem mantém os olhos fixos no solo.

– Vai acontecer em 48 horas – diz, afinal.

A operação foi analisada, com todo cuidado, detalhe por detalhe.

Átila olha o relógio de parede, única peça decorativa do aposento: são dezessete e dezessete. Ergue-se. Deixa a casa segurando forte a alça de uma pasta de couro preto. Dirige-se ao escritório. Ao chegar a sua sala, guarda-a no arquivo e deixa-se cair na poltrona mais próxima.

Pelo intercomunicador, chama a secretária.

– Não, não deixaram recados para ele. – estas coisas são complicadas, diz consigo mesmo, enquanto cabeceia na poltrona.

Segunda-feira – 20 de julho – manhã.

– Que há com você, Rolando? Será que está me interrogando? Já disse que parto em férias. Vou pescar. É apenas um final de semana. Caçar ou pescar. Que poderia mais fazer? Por um dia ou um mês... Qual a diferença?

– É que sinto que você está me escondendo alguma coisa. Essa viagem assim tão repentina...

– E eu tenho algo a lhe esconder?

– Ah, então é certo que não fiz nada que fosse do seu desagrado?

– Ao contrário, meu rapaz. Veja bem até que ponto confio em você: saio em viagem e deixo todo o negócio em suas mãos. Porque você deve saber, Rolando, que o classifico na categoria dos “supercérebros”. E não estou lhe fazendo elogios, e sim justiça.

– Obrigado, capitão Sarmiento, por suas palavras, tratarei de não desapontá-lo.

– Não duvido, meu caro, não duvido.

Segunda-feira – 20 de julho – noite.

O automóvel havia seguido pela rodovia Presidente Dutra, altura do Trevo das Margaridas, e estava agora no bairro de Jardim América, Zona Norte.

Quando o veículo atravessou o portão da casa suntuosa de dois andares, Besta/1 deixou de brincar com o chaveiro que tinha entre os dedos. Para sua surpresa, surgira diante dele uma cabeça sem pelo algum no rosto coberto de espessa barba. Vestia um uniforme não identificável e trazia sobre o ombro uma sub-metralhadora M11 9mm swd, importada com carregador.

– Lince, às suas ordens – disse secamente o homem, enquanto o conduzia ao segundo andar da casa, a uma vasta biblioteca.

No aposento já se encontravam Átila, capitão Sarmento, Besta/6 e um homem de aproximadamente 1,75m de estatura. Tinha marcas no queixo um tanto pronunciado e lábios finos. Usava óculos de aro de tartaruga e tinha a pele curtida de sol. Seu porte era elegante, e a um simples olhar podia-se perceber tratar-se de um profissional. Foi-lhe apresentado como Anhaguera.

Estavam sentados em amplas e cômodas poltronas, em torno de uma pequena mesa de mogno, sobre a qual se viam uma garrafa de uísque, copos e cinzeiros. O capitão Sarmento tinha acabado de afastar o copo da boca e deixou-o sobre a mesa. Tirou do maço de cigarros, Viceroy, um, e alguém dos presentes lhe ofereceu um isqueiro. Deu duas ou três ansiosas tragadas no cigarro e depois o esmagou num dos cinzeiros, brinde do Saara, que estava sobre a mesa. Sentia a boca amarga, havia fumado demais e naquele dia já consumira mais de quinze xícaras de café.

– A coisa marcha bem – falou Besta/6, com a intenção de quebrar a tensa quietude que os assolava.

– Mantenham as instruções anteriores – completou Besta/1.

– Vocês não devem rezear fazer barulho, já que a região é deserta. Várias medidas foram tomadas. As mensagens nos serão transmitidas numa frequência. Com exceção de Besta/1, nenhum d vocês saberão mais detalhes sobre a Operação até duas horas antes de ela começar. Isto resguarda ainda mais a atividade. Devemos mostrar de uma vez por todas que sabemos proteger nossas instituições...

– Uma geração que chega à maioria sem um futuro decente, especialmente tratando-se de jovens negros, hostilizados pela própria sociedade...

– Eliminemos essa gentilha!

O murmúrio na sala transformou-se em um coro de vozes indistintas. Átila observou mais uma vez os integrantes da Operação. As perguntas formuladas tiveram uma resposta lacônica: “sim”. Os lábios de Átila esboçaram um esgar de enfado. Seu olhar perdeu-se no nimbado espaço do infinito. E assim Átila encerrou o encontro:

– Todos aqui de volta daqui a quarenta e cinco dias, no horário habitual. A operação Candelária vai começar.

Terça-feira – 21 de julho – 21h.

Deixou a revista na estante do sórdido quarto de hotel e pôs-se a olhar as quinquilharias que compunham o mobiliário. Tinha o rosto sombrio e os olhos embaçados de tédio. Azuladas baforadas de fumo que expelia formavam caprichosas figuras no quarto. Em seguida, o tilintar do telefone. Passa a mão pela face barbuda e gordurosa, vai atender ao telefone, mas o aparelho já emudeceu. Dirige-se ao banheiro, e com a indiferença de alguém que não tem nada urgente a cumprir faz a barba.

Terça-feira – 21 de julho – 22h

Após ter feito a chamada, Anhanguera bebeu o resto do café que agora estava frio. Voltou a escutar o pingar dos minutos e os quase musicais ruídos dos pratos e da cafeteira elétrica, e também apenas perceptíveis murmúrios dos poucos frequentadores do salão de café. Seus olhos lançaram centelhas de ódio e seu rosto adquiriu uma expressão dura. Nada podia falhar. Naquele tipo de missão havia poucos regulamentos.

Afastou-se devagar em direção à praça. Olhou a sua direita, depois à esquerda e em seguida atrás. A escuridão o impedia de ver além dali. No entanto, o homem sabia que, dos dois lados onde se encontravam, os “ninjas” estavam a postos, à espera de suas ordens. Ficou imóvel durante um momento e depois tudo começou.

Quarta-feira – 22 de julho – 2h.

O pedaço da lua que devia iluminar a noite escondeu-se atrás de alguma nuvem, e a réstia de noite era um breu só.

O tenente Rolando desceu da viatura policial, caminhou devagar entre os curiosos que já chegavam e deteve-se diante do amontoado de corpos. As idades variavam entre quinze e dezoito anos presumíveis.

“Os pobres de hoje não exageram quando dizem que não tem onde cair mortos”. Pensou. Não sentia frio, nem sono, nem cansaço. Apenas uma infinita sensação de abatimento. O oficial inclinou-se sobre a fonte de tanto sangue vertido. Rolando observou as marcas deixadas nos corpos pelos projéteis. Não pôde evitar um tremor. Diante de um dos corpos inertes pareceu-lhe que os traços daquele rosto paralisado pela morte sugeriam vida, uma obstinada permanência da juventude.

Quando o tenente se pôs novamente de pé, afastou-se alguns passos para facilitar o trabalho dos peritos.

– Sabe, tenente, como esperávamos, não há vestígios de qualquer espécie. O sargento Heleno falou sobre testemunhas...

– E encontraram impressões?

– Nada.

– E as testemunhas, onde estão?

– Estão em choque...foram levadas para uma clínica particular...sob custódia, é claro.

– Mas não as interrogam?

– Suas primeiras declarações foram incoerentes, controvertidas. Estão sofrendo dos nervos...

O tenente faz uma careta ao escutar as últimas palavras. Voltou a passar os olhos sobre o tapete de corpos a seus pés.

Um cordão de policiais e bombeiros começa a cercar o local.

No incomum silêncio da madrugada se escutam dobrar os sinos da igreja da Candelária. Seis horas. Mas nada acontece.

Batalhões de curiosos começam a chegar. Procura pensar fria e apressadamente. “Interromper as férias do capitão Sarmento?” Lembrara dele quando, inclinado sobre os corpos, vira um maço amarfanhado de Viceroy. Desiste. Recorda a confiança que o chefe depositara nele.

O tenente voltou à viatura já cercada por repórteres.

Com calma premeditada e enervante tentou imprimir às palavras um tom macio.

– Vocês podem me ajudar?

Os jornais da manhã seguinte teriam farto material e riqueza de fotos, depoimentos e especulações sobre a chacina da Candelária.

Um pequeno quadrado inserido nas páginas de anúncios do jornal de maior circulação do país trazia a legenda: “Sucesso na caça às feras. Vitória das Bestas”.

**ANEXO E – MÚSICA *HOMEM NA ESTRADA*, DE MANO BROWN**

*HOMEM NA ESTRADA - Racionais MC's*

*Um homem na estrada recomeça sua vida.  
Sua finalidade: a sua liberdade.  
Que foi perdida, subtraída;  
e quer provar a si mesmo que realmente mudou,  
que se recuperou e quer viver em paz, não olhar  
para trás, dizer ao crime: nunca mais!  
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.  
Na Febem, lembranças dolorosas, então.  
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.  
Muitos morreram sim, sonhando alto assim,  
me digam quem é feliz,  
quem não se desespera, vendo  
nascer seu filho no berço da miséria.  
Um lugar onde só tinham como atração,  
o bar e o candomblé pra se tomar a benção.  
Esse é o palco da história que por mim será contada.  
...um homem na estrada.*

*Equilibrado num barranco um cômodo mal acabado e sujo,  
porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.  
Um cheiro horrível de esgoto no quintal,  
por cima ou por baixo, se chover será fatal.  
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.  
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.  
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.  
Logo depois esqueceram, filha da puta!  
Acharam uma mina morta e estuprada,  
deviam estar com muita raiva.  
"Mano, quanta paulada!"  
Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.  
Deu meia noite e o corpo ainda estava lá,  
coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.  
O IML estava só dez horas atrasado.  
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim,*

quero que meu filho nem se lembre daqui,  
tenha uma vida segura.  
Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura  
e uma "PT" na cabeça.  
E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa  
o que fazer para sair dessa situação.  
Desempregado então.  
Com má reputação.  
Viveu na detenção.  
Ninguém confia não.  
...e a vida desse homem para sempre foi danificada.  
Um homem na estrada...  
Um homem na estrada...

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.  
Calor insuportável, 28 graus.  
Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hã!  
já fazem cinco dias.  
São dez horas, a rua está agitada,  
uma ambulância foi chamada com extrema urgência.  
Loucura, violência exagerado.  
Estourou a própria mãe, estava embriagado.  
Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.  
Arrastado pela rua o pobre do elemento,  
o inevitável linchamento, imaginem só!  
Ele ficou bem feio, não tiveram dó.  
Os ricos fazem campanha contra as drogas  
e falam sobre o poder destrutivo dela.  
Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro  
com o álcool que é vendido na favela.  
Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.  
Não acredita no que vê, não daquela maneira,  
crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da  
feira,  
Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer,  
Apenas nada mais, como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho  
e sem respeito,  
sem saúde e sem paz.

*Um mano meu tava ganhando um dinheiro,  
tinha comprado um carro,  
até rolex tinha!  
Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,  
Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, ham!, cartaz à policia  
Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... super-star do notícias  
populares!  
Uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria.  
Aqui, periferia, miséria de sobra.  
Um salário por dia garante a mão-de-obra.  
A clientela tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio.  
A playboyzada muito louca até os ossos!  
Vender droga por aqui, grande negócio.  
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,  
Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,  
num necrotério qualquer, um indigente, sem nome e sem nada,  
o homem na estrada.  
Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,  
logo acusaram favela para variar,  
E o boato que corre é que esse homem está, com o seu nome lá na lista dos  
suspeitos,  
pregada na parede do bar.*

*A noite chega e o clima estranho no ar,  
e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranqüilamente,  
mas na calada caguentaram seus antecedentes,  
como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC, uma  
passagem, 157 na lei...  
No seu lado não tem mais ninguém.*

*A Justiça Criminal é implacável.  
Tiram sua liberdade, família e moral.  
Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex presidiário.  
Não confio na polícia, raça do caralho.  
Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é..  
eu sangraria até a morte...  
Já era, um abraço!  
Por isso a minha segurança eu mesmo faço.*

*É madrugada, parece estar tudo normal.  
Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo.  
Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.  
A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.  
Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.  
Vão invadir o seu barraco, é a polícia!  
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de  
carniça!  
Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram  
muito loucos.  
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos  
calibres, e eu apenas  
com uma "treze tiros" automática.  
Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.  
No primeiro barulho, eu vou atirar.  
Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém, e o que eles querem: mais um  
"pretinho" na febre.  
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim,  
minha verdade  
foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang! bang! bang!*

*Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na  
estrada do  
M'Boi Mirim sem número.  
Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.  
Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal."*

## ANEXO F – NOTÍCIA CHACINA DE CABULA EM SALVADOR

### Chacina de Cabula em Salvador: doze vítimas da criminalização da pobreza



Doze pessoas foram mortas a tiros e outras quatro ficaram feridas durante uma operação da Polícia Militar no bairro de Cabula em Salvador, nordeste do Brasil. Moradores afirmam estar com medo e se sentindo ameaçados pela presença constante da Polícia Militar no bairro desde então.

Nas primeiras horas do dia 06 de fevereiro, uma operação da Rondesp (Rondas Especiais da Polícia Militar) no bairro de Cabula na cidade de Salvador, Estado da Bahia, resultou na morte a tiros de 12 moradores da comunidade e outros quatro feridos. Todos as vítimas eram do sexo masculino e a maior parte jovens e negros. Segundo relatos de moradores ouvidos pela Anistia Internacional, os jovens teriam sido rendidos e executados por policiais militares. Há indícios de que não houve perícia adequada e que a cena do crime teria sido descaracterizada. Moradores do Cabula dizem estar com medo e se sentindo ameaçados já que, desde então, a presença de policiais militares no bairro intimidando os moradores tem sido constante. Os moradores temem se identificar e dizem que a violência policial no bairro é comum. Membros da Campanha “Reaja ou será morto/a” (um importante movimento que atua denunciando violência policial em Salvador), incluindo um de seus membros mais atuantes Hamilton Borges Walê também têm sido intimidados por policiais militares.

O Governador do Estado da Bahia disse à imprensa que não há nenhum indício de que a atuação da Polícia Militar neste caso estava fora da lei. Em comunicação oficial, a Secretaria de Segurança Pública da Bahia afirmou que a operação policial teria ocorrido em resposta a uma denúncia a respeito de um assalto a uma agência bancária na região e teria resultado em apreensão de drogas e armas. O comunicado afirma ainda que os policiais militares teriam entrado em confronto com 30 pessoas no bairro. Um policial teria se ferido sem gravidade. Inicialmente, o governo afirmou que nove jovens teriam passagem pela polícia, informação que foi desmentida posteriormente.

### **Informação adicional**

Há relatos de que 15 dias antes das 12 mortes provocadas pela polícia no bairro de Cabula em Salvador, outros dois jovens teriam sido assassinados pela polícia no mesmo bairro. Em vez de ordenar investigação imediata das 12 mortes, a reação inicial do governador e do secretário de segurança pública da Bahia à operação policial do dia 06 de fevereiro, foi de confirmar a versão da polícia militar e criminalizar os jovens assassinados que foram caracterizados como bandidos, passíveis de serem mortos pela polícia. O governador também comparou a atuação da Polícia Militar a de um jogador de futebol “É como um artilheiro em frente ao gol que tem que decidir em alguns segundos como é que ele tenta botar a bola para dentro do gol e fazer o gol”. Segundo relatos feitos a um representante da Anistia Internacional por um morador: “Após a abordagem policial, todos os jovens se renderam. Foram obrigados a colocar as mãos na cabeça, colocados de joelho em um campo de futebol e executados.” Outra moradora e parente de uma das vítimas afirmou que está com muito medo, se sente ameaçada pela intensa presença de policiais após os homicídios e não tem conseguido dormir e comer direito.

No dia 11 de fevereiro, organizações de direitos humanos e movimentos sociais locais realizaram uma marcha no bairro em protesto pelas mortes e pedindo justiça e investigação. Durante a manifestação, moradores e manifestantes foram intimidados por policiais militares. Hamilton Borges Walê, membro da Campanha Reaja ou Será Morto/a, um dos principais movimentos que denunciam a violência policial na Bahia, tem sido intimidado por policiais militares desde então. Uma comunicação eletrônica que circulou entre policiais militares cita o nome de Hamilton e sugere que os policiais deveriam “contra-atacar pessoas que pregam reação contra um Estado”.

A periferia da cidade de Salvador é conhecida pela violência e por ser área de atuação frequente de “esquadrões da morte” ou grupos de extermínio formados por policiais. No mesmo dia, três outros jovens foram assassinados pela Rondesp no bairro de Cosme de Farias em Salvador. A Anistia Internacional tem recebido nos últimos meses algumas denúncias de abusos, execuções sumárias e desaparecimentos forçados cometidos pela polícia militar do estado da Bahia, em especial, por uma de suas unidades especiais Rondesp (Rondas Especiais). Publicamos recentemente a Ação

urgente sobre o desaparecimento forçado de Davi Fiuza, um adolescente de 16 anos que supostamente desapareceu após uma abordagem policial em Salvador no dia 24/10/2014 (UA: 301/14 Index: AMR 19/014/2014 Brazil). O caso de Davi foi apresentado ao Comitê da ONU sobre desaparecimentos forçados e até agora não há informações oficiais sobre o seu paradeiro.

As leis e diretrizes internacionais exigem que os Estados garantam investigação imediata, meticulosa e imparcial de todos os casos em que haja suspeita de execuções extra-judiciais, arbitrárias e sumárias. O corpo investigativo deve coletar e analisar todas as evidências físicas e documentais e depoimentos de testemunhas, e deve ter poder para convocar testemunhas e para demandar a produção de provas, e especialmente para obrigar que os oficiais possivelmente envolvidos se apresentem e deponham. Qualquer um que seja identificado pelas investigações como tendo parte em tais execuções deve ser levado à justiça. Ordens de superiores não podem ser invocadas como uma justificativa para tais mortes, e oficiais, superiores ou outras autoridades podem ser responsabilizados por atos cometidos por aqueles sob seu comando, caso eles tenham tido uma oportunidade razoável para prevenir tais atos. As famílias daqueles que foram assassinados devem receber reparação, incluindo uma compensação justa e adequada dentro de um período razoável de tempo.

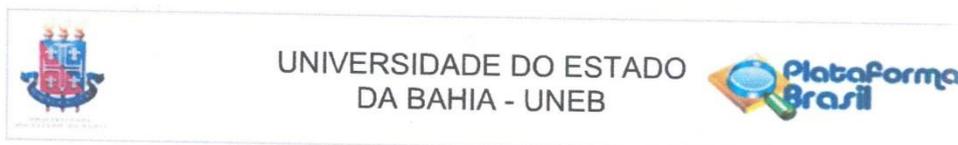
Fonte: Anistia Internacional. Disponível em: <<http://esquerdasocialista.com.br/chacina-de-cabula-em-salvador-doze-vitimas-da-criminalizacao-da-pobreza>>. Foto: Marina Silva

**ANEXO G – MÚSICA AQUARELA, DE TOQUINHO***Aquarela-Toquinho*

Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo  
Com o lápis em torno da mão  
E me dou uma luva  
E se faço chover  
Com dois riscos tenho um guarda chuva  
Se um pinguinho de tinta  
Cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino  
Uma linda gaivota a voar no céu  
Vai voando,  
Contornando a imensa curva norte sul  
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul  
Pinto um barco a vela, Branco, navegando,  
É tanto céu e mar num beijo azul  
Entre as nuvens vem surgindo  
Um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo  
Com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo,  
Sereno, lindo, E, se a gente quiser, Ele vai pousar  
Numa folha qualquer Eu desenho um navio de partida  
Com alguns bons amigos  
Bebendo de bem com a vida  
De uma América a outra  
Consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso  
E num círculo eu faço o mundo  
Um menino caminha

E caminhando chega num muro  
E ali logo em frente  
A esperar pela gente o futuro está  
E o futuro é uma astronave  
Que tentamos pilotar  
Não tem tempo nem piedade  
Nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença  
Muda nossa vida  
E depois convida  
A rir ou chorar  
Nessa estrada não nos cabe  
Conhecer ou ver o que virá  
O fim dela ninguém sabe  
Bem ao certo onde vai dar  
Vamos todos numa linda passarela  
De uma aquarela  
Que um dia enfim  
Descolorirá  
Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo (que descolorirá)  
Giro um simples compasso  
E num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)

## ANEXO H – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Cadernos Negros em cena: produção de narrativas escritas em diálogo com a diversidade etnicorracial no ensino fundamental II

**Pesquisador:** Julice Vieira

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 53474215.0.0000.0057

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.862.125

#### Apresentação do Projeto:

O trabalho resulta de uma proposta de intervenção pedagógica para alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Salvador, construído no PROFLETRAS. O referido trabalho é fruto de uma análise diagnóstica a respeito da produção textual desses alunos, os quais não construíram o hábito de escrever por razões que estão sendo ainda investigadas, dentre estas razões, está a hipótese do aluno não possuir familiaridade com o conteúdo sobre o qual versa a proposta de produção escrita. O público para o qual se destina esta proposta é formado por alunos negros, moradores da periferia, pobres, vítimas de violência e racismo, por este motivo, a temática racial foi escolhida, para que eles sintam-se representados.

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:** O objetivo desta proposta de intervenção é atingir um melhor desempenho do aluno na produção de narrativas escritas, através das discussões e propostas de atividades sobre questões etnicorraciais, baseadas nos contos dos Cadernos Negros, volume 18. **Objetivo Secundário:** • Sensibilizar a comunidade escolar para a importância da temática etnicorracial, oportunizando discussões sobre o reconhecimento e valorização da diversidade cultural e da violência. • Promover a análise do texto literário afro-brasileiro para a reflexão sobre conceitos e

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.862.125

estereótipos acerca do negro. • Desenvolver atividades que proporcionem a melhoria na qualidade de produção de narrativas escritas. • Desenvolver atividades lúdicas direcionadas ao tema escolhido, que proporcionem qualidade no trabalho com a produção de narrativas escritas no contexto escolar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresentado dentro da eticidade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555  
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.862.125

autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_638126.pdf	07/12/2016 08:20:38		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE03.pdf	07/12/2016 08:20:06	Julice Vieira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE02.pdf	07/12/2016 08:19:36	Julice Vieira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE01.pdf	07/12/2016 08:19:08	Julice Vieira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle3.pdf	05/10/2016 13:54:37	Julice Vieira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle2.pdf	05/10/2016 13:52:00	Julice Vieira	Aceito
Outros	conf.pdf	23/02/2016 15:58:46	Julice Vieira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	comp.pdf	23/02/2016 15:53:21	Julice Vieira	Aceito
Outros	coparticipante.pdf	19/01/2016 10:23:28	Julice Vieira	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

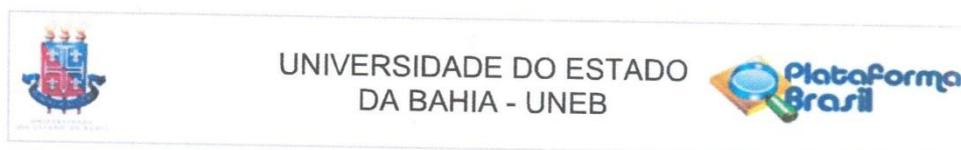
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 1.862.125

Outros	autorizacao_menor.pdf	19/01/2016 10:18:04	Julice Vieira	Aceito
Outros	concordancia.pdf	19/01/2016 10:12:53	Julice Vieira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rostooooo.pdf	25/12/2015 15:23:39	Julice Vieira	Aceito
Outros	consentimento.pdf	11/12/2015 07:57:02	Julice Vieira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	proposta.pdf	11/12/2015 01:06:17	Julice Vieira	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	institucional.pdf	11/12/2015 01:02:54	Julice Vieira	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 12 de Dezembro de 2016

Assinado por:  
Aderval Nascimento Brito  
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555  
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br